UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA

ANDRÉ BRAYAN LIMA CORREIA

"O CEARÁ É UMA TERRA CONDENADA MAIS PELA TIRANIA DOS GOVERNOS DO QUE PELA INCLEMÊNCIA DA NATUREZA": ASPECTOS BIOPOLÍTICOS NAS OBRAS DE RODOLFO TEÓFILO (1901-1922).

FORTALEZA – CEARÁ

2016

ANDRÉ BRAYAN LIMA CORREIA

“O CEARÁ É UMA TERRA CONDENADA MAIS PELA TIRANIA DOS GOVERNOS DO QUE PELA INCLEMÊNCIA DA NATUREZA”: ASPECTOS BIOPOLÍTICOS NAS OBRAS DE RODOLFO TEÓFILO (1901-1922).

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História e Culturas do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: História e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso

FORTALEZA – CEARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Correia, André Brayan Lima.
"O Ceará é uma terra condenada mais pela tirania dos governos do que pela inclemência da natureza": aspectos biopolíticos nas obras de Rodolfo Teófilo (1901-1922) [recurso eletrônico] / André Brayan Lima Correia. - 2016.
1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 153 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Acadêmico em História e Culturas, Fortaleza, 2016.
Área de concentração: História e Culturas.
Orientação: Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso.

1. Rodolfo Teófilo. 2. Biopolítica. 3. Prática Letrada. I. Título.

ANDRÉ BRAYAN LIMA CORREIA

"O CEARÁ É UMA TERRA CONDENADA MAIS PELA TIRANIA DOS GOVERNOS DO QUE PELA INCLEMÊNCIA DA NATUREZA": ASPECTOS BIOPOLÍTICOS NAS OBRAS DE RODOLFO TEÓFILO (1901-1922)"

Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Acadêmico em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em História.

Área de Concentração: História e Culturas

Aprovada em: 30/03/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas
Universidade Estadual do Ceará-UECE

Prof. Dr. Erick Assis de Araújo
Universidade Estadual do Ceará-UECE

AGRADECIMENTOS

O mestrado foi uma fase onde encontrei grandes amigos e profissionais na área da história, bem como muitas pessoas que só vivem de alimentar seu ego e atrapalhar o desenvolvimento de outros, seja por status, seja por inveja. Entretanto, como diria Rodolfo Teófilo, não perderei tempo citando aqueles engrossadores que só atrapalham o progresso e a felicidade.

Primeiramente, agradeço aos meus dois orientadores de graduação e mestrado Erick Araujo e Gleudson Cardoso, que foram meus mentores, na qual me inseriram teoricamente na história, o primeiro na teoria foucaultana e o segundo na intelectualidade letrada. Se hoje estou me tornando mestre, foi pelos ensinamentos de vocês.

Aos professores, Gisafran Jucá, Zilda Lima, Gerson Junior, Pádua Santiago, Ana Karine e Luiza Rios que contribuíram para essa dissertação, seja indicando livros, seja no empréstimo de fontes, mas que sem o apoio deles, essa dissertação não estaria completa.

Aos colegas de turma: Patrícia Marciano, Reverson Nascimento, Camila Mota, Monalisa Freitas, que ajudaram no desenvolvimento da dissertação, trazendo boas contribuições.

Aos também colegas de turma: Lucas Fernandes, Caio Lucas, Bruno Costa, que tiveram uma importante participação, não só igualmente aos outros citados, mas também em me acolherem e se tornarem grandes companheiros.

Aos meus amigos: Germano Mesquita e Pádua Junior, que me acolheram em um momento difícil e me mostraram um novo caminho para ser feliz.

Aos colegas de mestrado Ronald Rodrigues e Adaiza Gomes que ao longo do mestrado foram verdadeiros companheiros de diversão.

Aox #baixinhox: Marcia Régia, João Marcos, Marília Marques, Bruna Barros, que desde a graduação tornam a caminhada pela história mais divertida.

A Patrícia Lima Bezerra, que além de se tornar uma grande amiga, foi fundamental nos momentos finais, se dispondo a ajudar na finalização da dissertação.

Igualmente, agradeço a Fernandda Lopes, por se disponibilizar na revisão da dissertação em tempo recorde.

Agradeço, principalmente, a duas pessoas, que se não fosse por elas me incentivando e apoiando, não teria chegado aonde cheguei: a minha companheira Gabriela Bandeira e ao meu pai Elineudo Correia, essa dissertação também tem um pedaço de vocês.

Agradeço aos funcionários da Casa Juvenal Galeno, Arquivo Público, Academia de Medicina, Associação Cearense de Imprensa, Academia Cearense de Letras, Biblioteca Pública. Em

todos esses acervos encontrei almas caridosas que me auxiliaram a localizar e digitalizar as fontes desse trabalho, onde muitas delas se encontravam “perdidas”.

Aos professores: Zilda Lima e Flávio Weinsten, que trouxeram grandes contribuições na qualificação desta dissertação, mas por força do destino não puderam estar presentes na banca de defesa.

Igualmente, agradeço aos professores da banca de defesa, Pádua Santiago e Erick Araújo aceitarem o convite e trazerem uma grande contribuição, que me auxiliará, não só no presente momento, mas no futuro.

...pra tudo se dá um jeito
(Yoh Asakura)

RESUMO

Rodolfo Marcos Teófilo foi um farmacêutico, intelectual, escritor e um dos principais críticos ao modelo de administração adotado pelos governantes cearenses no início do século XX. Em sua atuação pelo Ceará, ganhou o título de varão Benemérito da Pátria, por cooperar na saúde de forma voluntária, principalmente, pela promoção da vacinação da varíola. Ao longo de sua vida, escreveu 27 obras, porém a partir do século XX, muitas delas foram voltadas para a acusação e crítica ao governo, especialmente, na sua área, a saúde. A partir de sua prática letrada denunciativa, esse trabalho visa problematizar como Teófilo analisava a direção e seu desejo de que o Ceará fosse gerido por políticos, os quais controlassem a população tendo em vista o progresso rumo à civilização. Para isso, caracterizamos que sua escrita possui aspectos biopolíticos, porque dentre suas interpretações ao governo, encontram-se elementos como: a preocupação de tratar fenômenos naturais como sociais, - poderiam ser prevenidos -; os prejuízos causados ao povo, por uma má administração; avaliações ao investimento da saúde, voltada para a contenção das epidemias; e sua idealização de uma civilização, a partir de um da normatização dos costumes, feita pelo Estado. Esse estudo visa indagar as obras publicadas, no período de 1901 a 1922, quando seus registros possuíam as características citados acima, apontando os pontos de vista biopolíticos contidos nela.

Palavras-chave: Rodolfo Teófilo. Biopolítica. Prática Letrada.

ABSTRACT

Rodolfo Marcos Theophilus was a pharmacist, intellectual, writer and one of the leading critics of the governance model adopted by rulers cearenses in the early twentieth century. In its work the Ceará, the same man won the Meritorious title of the Fatherland to act on health voluntarily, mainly for the promotion of smallpox vaccination. Throughout his life, he wrote 27 works, but from the twentieth century, many of them were directed to the complaint and criticizes the government for mismanagement of the population, especially in health care, in which he worked. From its denunciativa literate practice, this paper aims to discuss how Teófilo criticized the government and showed a desire that Ceara was run by a ruler to exercise a control on the population and make it progress toward civilization. For this feature that your writing has biopolitical aspects as among its criticism of the government are factors such as the concern to deal with natural phenomena such as social, that is, they could be prevented; the damage caused to people by mismanagement; critical in the health investment, mainly focused on the control of epidemics; and its idealization of a civilization from a strong government that normatizasse customs and exercised control over it. This work aims to discuss the works published in 1901 to 1922 period, during which his writing had these aspects mentioned above, and we intend to demonstrate the biopolitical aspects in it.

Keywords: Rodolfo Teófilo. Biopolitics. Literate practice.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Membros da Padaria Espiritual 16
FIGURA 2 – Rodolfo Teófilo em 1877 19
FIGURA 3 – Rodolfo Teófilo em 1922 21
FIGURA 4 – Livro Seccas do Ceará 32
FIGURA 5 – Antonio Pinto Nogueira Accioly 33
FIGURA 6 – José Freire Bezerril Fontenelle 36
FIGURA 7 – Livro Varíola e Vacinação 38
FIGURA 8 – Rodolfo Teófilo vacinando no Morro do Moinho 41
FIGURA 9 – Pedro Augusto Borges 46
FIGURA 10 – Livro Violência 52
FIGURA 11 – Livro Varíola e Vacinação VOL.02 56
FIGURA 12 – Livro Libertação do Ceará 64
FIGURA 13 – Marcos Franco Rabelo 71
FIGURA 14 – Retrato de Odele de Paula Pessoa militante da Liga Feminina Pró-Rabelo 72
FIGURA 15 – Livro A Sedição do Juazeiro 74
FIGURA 16 – Benjamin Liberato Barroso 79
FIGURA 17 – João Thomé de Sabóia e Silva 85
FIGURA 18 – Livro A Seca de 1915 92
FIGURA 19 – Livro A Seca de 1919 106
FIGURA 20 – Livro Memórias de um Engrossador 125
FIGURA 21 – Livro O Reino de Kiato 129

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 12

2 “FORTALEZA ANTES DO ULTIMO GOVERNO SR. ACCIOLY, ERA CONSIDERADO UMA CIDADE LIMPA E FORMOSA”: ASPECTOS BIOPOLÍTICOS DE RODOLFO TEÓFILO A ATRAVÉS DA CRÍTICA À OLIGARQUIA NO PODER..... 28

2.1 “O GOVERNO E OS PARTICULARES CONTINUAVAM EM SUA CRIMINOSA INDIFERENÇA A OLHAR PARA A PERMANÊNCIA DA VARÍOLA EM FORTALEZA COMO UM FACTOR MUITO NATURAL E SEM IMPORTÂNCIA”: O INICIO DA ESCRITA DE RODOLFO TEÓFILO EM DEFESA DA POPULAÇÃO..... **29**

2.2 “O SR. PRESIDENTE DO ESTADO COM O SEU ACTO ARBITRÁRIO NÃO ATTENTOU SOMENTE CONTRA MEU DIREITO, MAS CONTRA OS DIREITOS DE TODOS OS CEARENCES”: A ESCRITA DE RODOLFO TEÓFILO NO COMBATE A OLIGARQUIA ACCIOLYNA (1905-1914)..... **29**

3 “SOBRE O CEARÁ PESA MALDIÇÃO MAIOR DO QUE AS SECAS É A INÉPCIA E MÁ VONTADE DOS HOMENS QUE DIRIGEM A NAÇÃO E A FALTA DE PATRIOTISMO DE NÓS CEARENSES”: ASPECTOS DA BIOPOLÍTICA NAS OBRAS *A SECA DE 1915* E *A SECA DE 1919*..... 75

3.1 PREVENIR OU REMEDIAR: AÇÕES E INTERPRETAÇÕES DO GOVERNO ESTADUAL NO COMBATE AS SECAS E SUAS DOENÇAS (1915-1919)..... **75**

3.2 “A POLITICAGEM NOS FEZ MUITO MAL”: A CRÍTICA AO GOVERNO E A BIOPOLÍTICA NA OBRA *A SECA DE 1915*..... **90**

3.3 “O CEARÁ SÓ SE PODERÁ LEVANTAR QUANDO FOREM MINORADOS OS EFFEITOS DAS SECCAS”: ANÁLISE DO DISCURSO BIOPOLÍTICO NA OBRA *A SECA DE 1919*..... **103**

4 ENTRE A DESCRENÇA E A IDEALIZAÇÃO DE UMA CIVILIZAÇÃO: ANALISE DAS OBRAS *MEMÓRIAS DE UM ENGROSSADOR* E *O REINO DE KIATO*..... 116

4.1 HISTÓRIA CUTULTURAL, LITERATURA E REPRESENTAÇÃO EM DEBATE..... **117**

4.2 “O QUE O HOMEM FAZ HOJE, É MATAR COM MAIS ARTE, ROUBAR COM MAIS ASTUCIA E CORROMPER COM MAIS ELEGÂNCIA”: A DESILUSÃO

COM A CIVILIZAÇÃO NA OBRA *MEMÓRIAS DE UM ENGROSSADOR*..... **122**

4.3 “TUDO ALI ERA DIFFERENTE E SUPERIOR ÁS OUTRAS AGREMIAÇÕES HUMANAS QUE CONHECIA”: O REINO IDEALIZADO DE KIATO E SEUS ASPECTOS BIOPOLÍTICOS..... **130**

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 141

REFERÊNCIAS..... 144

FONTES..... 150

1 INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XIX, o Ceará sofreu uma aceleração no crescimento econômico, ocorrido em razão do algodão, produto que sofreu um surto de exportação, devido ao contexto externo da "Guerra da Secessão", em que o principal produtor desse artigo, os Estados Unidos, diminui suas exportações, abrindo espaço para o algodão cearense (ARAGÃO, 1989). Esse processo afetou, principalmente, a capital, impulsionando uma série de transformações, acentuadas a partir da proclamação da República.

> Em fins do século XIX e início do século XX (1880-1926), Fortaleza recebeu vários serviços urbanos como o de transporte coletivo – bondes puxados a burro – caixas postais, além da instalação de cursos superiores de Direito, Farmácia, Odontologia, e Agronomia. Também nessa época é instalado o primeiro cinema da cidade (1907) e o Teatro José de Alencar (1910). (SILVA, 1992: 27)

Waldy Sombra também nos traz uma reflexão a cerca destas transformações:

> Pretensiosamente, vaidosa, a cidade [Fortaleza] de 48.369 habitantes [em 1900] começava a exibir sinais de modernidade com a construção de outras praças [além da Praça da Sé e a Praça do Ferreira], como a Marquês de Herval, a General Tibúrcio, a do Passeio Público e de Pelotas. Erguiam-se solares e palacetes e sobrados onde se escondiam políticos e ricaços. Trecho das ruas Major Facundo [...] eram pavimentados de "cearalepípedos", [...]. Por influência da "belle époque", os estabelecimentos comerciais iam ganhando intitulação Francesa [...]. (SOMBRA, 1998: 15)

As citações acima apresentam alterações acontecidas na capital cearense. Essas refletem o caráter das práticas intervencionistas que, desenvolveram uma remodelação urbana. Entretando, na visão de Sebastião Ponte, percebemos que tais mudanças não ocorriam apenas no campo estético, como também nos comportamentos:

> Em Fortaleza, capital do Ceará, assistiu-se também, a partir mesmo da segunda metade do século XIX e com mais intensidade durante a Primeira República (1889-1930), a semelhantes tentativas de *regeneração urbana*. Problematizando a existência, na cidade, de faltas, desvios e perigos naturais e sociais que comprometiam uma apregoada necessidade de torná-la um centro desenvolvido e civilizado, um movimento considerável de discursos e práticas emergiu e procurou – sobretudo através de estratégicas medidas embelezadoras, saneadoras e higienistas – ordenar seu espaço e disciplinar sua população. (PONTE, 2001: 17)

Essa estética refere-se às intervenções arquitetônicas e físicas feitas na cidade, contudo, por trás delas, existiam discursos norteadores, normalizadores. Esses discursos saneadores de embelezamento e higienistas eram frequentes na Fortaleza da época, fazendo com que a capital cearense se desenvolvesse nos moldes europeus de civilização.

A fim de propagar essa operação, surgiram várias agremiações letradas, na segunda metade do século XIX, que tinham por função não só debater, como também defender ideais e atuar nessas transformações:

> Academia Francesa, fundada em 1871. (...) Chegaram a publicar o jornal maçônico *Fraternidade*. O grupo combatia, principalmente, os ideais católicos e pregava o progresso, a tecnologia e a ciência como fomentadores do desenvolvimento industrial e da civilização. (...) Em 1880, sob a direção de Thomaz Pompeu, João Lopes e J. Barcelos criou-se a folha política *Gazeta do Norte* (1880/1889). Posteriormente surgiu o jornal abolicionista *O Libertador* (1881/1889). Passado esse período, João Lopes assume sua coordenação e reúne nomes da intelectualidade cearense para contribuir em suas páginas. O jornal rapidamente se difundiu. O grupo fundou *O Clube Literário*, local onde se reuniam para debater suas ideias. Desse lugar, saiu à revista *A Quinzena* (1887/1888). Durante a presidência de Caio Prado, o grupo se desfez, rejeitando a ideia de cooptação política aos ideais do presidente. A liberdade de expressão deixava de assumir sua totalidade. Em 1887 foi fundado o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. Em 1892, surgiu a "Padaria Espiritual" que congregava intelectuais de várias partes do país ao redor da literatura. Seu jornal era *O Pão* e tinha a função de alimentar o espírito dos membros e associados. Seguidamente se fundam o *Centro Literário* (1894) e a *Academia Cearense* (1894). (GADELHA, 2012: 76-77)

Esses grupos intelectuais, além de discutir o letramento e a literatura na cidade, também debatiam sobre temas como abolição, república, sanitarismo e as intervenções urbanas engendradas pelo governo.

É dentro deste contexto de remodelação urbana da cidade, e dos debates sobre os discursos norteadores dessas transformações, que se insere o intelectual, farmacêutico e escritor Rodolfo Marcos Teófilo nascido em 1853, formado em Farmácia na Bahia em 1877 e publicou sua primeira obra em 1881. Membro ativo de várias destas agremiações como: o Clube Literário, Padaria Espiritual, Centro Literário e Academia Cearense (SOMBRA, 1999) até o fim do século XIX.

Figura 1 – Membros da Padaria Espiritual

FONTE: (SOMBRA, 1999)

Observamos que esse intelectual, antes mesmo do período de estudo desta pesquisa, já participava de algumas agremiações que promoviam essas discussões e que o influenciavam direta ou indiretamente.

Apesar de todos esses discursos e consideráveis mudanças, que colocavam Fortaleza como uma cidade desenvolvida e embelezada, Rodolfo Teófilo, foi em sentido oposto a isso, retratando uma cidade que nem sempre era vista nos jornais oficiais. Em suas obras, ele denunciava o descaso e a desigualdade social, a falta de higiene e de profilaxia no local, a "tirania" do governo através do uso da violência e a má gestão do Estado cearense perante a população.

Para compreender melhor, remeter-nos-emos ao trabalho de Georgina Gadelha, que nos apresenta certa negligência da gestão pública, especialmente, no setor da saúde, principal campo de atuação desse farmacêutico:

> Até o final do século XIX, a medicina no Ceará era incipiente e limitada, cabendo à Câmara Municipal a responsabilidade pela saúde pública. O *médico da pobreza* era o responsável imediato pela saúde da população e tinha as funções de fiscalizar, inspecionar e atuar na Clínica da Pobreza. "Tais serviços eram o que se podia denominar de Saúde Pública por todo o século XIX no Ceará e em Fortaleza". Os Distritos Sanitários e as Enfermarias Provisórias eram montados apenas nos períodos de epidemias.

> O auxílio, por parte do poder público, complementava-se através da distribuição de medicamentos à população doente. (GADELHA, 2012: 143).

Ainda caracterizando a saúde pública nesse contexto, frisamos que, ao final do século XIX, havia apenas dois lazaretos que tiveram longa duração (Jacarecanga e Lagoa Funda), com a função de isolar doentes de epidemias, como varíola, febre amarela e cólera; e endemias como a lepra - embora em pequeno número[1]. José Policarpo Barbosa avalia a situação e o tratamento oferecido nesses locais:

> Os doentes ali recolhidos praticamente não tinham assistência médica. Geralmente, eram assistidos por um "enfermeiro prático" que tinha mais a função de vigiá-los do que mesmo de tratá-los. (...) Na realidade, o que chamavam de hospital [se referindo a Jacarecanga], não passava de uma casa de taipa coberta de palha, onde eram abandonados os doentes à própria sorte (BARBOSA, 1994, 47).

Segundo o autor, os lazaretos, nada mais eram que, locais onde os pacientes aguardavam a morte, por falta de tratamento especializado, alertando sobre a precariedade da saúde no estado. Nem mesmo os órgãos responsáveis por combater as doenças, conseguiam prestar uma assistência médica de qualidade a quem precisava.

Georgina Gadelha (2012) avalia que, durante a virada para o século XX, outras instituições de saúde já existentes, passavam por grave déficit financeiro, por falta de subsídios do Estado, como por exemplo, a Santa Casa de Misericórdia e sua extensão, o Asilo dos alienados. Afirmamos que, ao longo dos séculos XIX e XX, quando os principais debates sobre a modernização no Ceará estavam ocorrendo, o governo estadual negligenciou as necessidades de modernização da saúde pública, facilitando a proliferação de epidemias.

Apesar do aumento do número de profissionais, o início do século XX não foi muito diferente do final do século XIX. De acordo com o inspetor de higiene Dr. Rocha Lima, nota-se, claramente, a falta de assistência pública.

> Ex.mo Snr. não basta que nos preoccupes somente com a hygiene do Ceará abandonado como sempre foi debaixo do ponto de vista de que me occupo, não carece somente que se vele pela conservação da saúde de seus habitantes, precisa de mais, carece também de uma Assistência Pública. Cuidar dos doentes e dos desvalidos, cuidar da infância nos múltiplos aspectos por que pode preoccupar aos Governos, é acto que se está impondo de há muito e que merece a attenção de V. Exc.a. Serviço de Assistencia que se installe não somente aqui na Capital, mas que se estenda a todo o interior, onde servirá tanto quanto os cuidados hygienicos, onde encontrará mais

[1] Lepra: Atualmente denominada de hanseníase.

> miséria e mais soffrimentos e a attender do que aqui, pela míngua de recursos, pelo maior abandono em que se vive (Relatório do Inspetor de Higiene do Ceará de 1913. APUD: GADELHA, 2012:145.).

A passagem acima nos revela que a saúde de fato se encontrava na "miséria", o próprio inspetor de higiene procura ressaltar essa realidade, relatando que, tanto na capital quanto no interior, eram necessárias melhorias. O próprio discurso governamental cearense confirma a ideia de que não havia investimentos em saúde popular.

Tibério Campos Sales nos mostra que, ao final da década de 1920, Fortaleza ainda passava por problemas contraditórios entre os discursos modernos e as práticas da administração estadual. Ainda não se percebiam políticas públicas que cuidassem da higiene da população:

> Apesar dos discursos e ações promovidas para embelezar e "modernizar" a cidade, constatamos uma série de reclamos apontados a displicência e até a irresponsabilidade das autoridades encarregadas em cuidar da higienização e conservação das vias públicas devidamente limpas. A despeito da extinção do serviço de pavimentação das ruas e a remodelação das sarjetas, meios-fios, e correção de calçadas nos anos 20, O Povo, em tom bastante incisivo, publica em 07/02/1928 uma matéria, aparentemente de um leitor, intitulada "Terra de Ninguém: mosquitos e sanguessugas", afirmando a falta de atitude das autoridades municipais com o perigo a qual estavam submetidos os moradores de alguns bairros pela infestação de mosquitos, possíveis transmissores de doenças e perturbadores do sono das pessoas. (SALES, 2010:25)

Após toda discussão sobre a remodelação urbana de Fortaleza, desde o final de 1860, a direção, em termos efetivos, não modernizou esse setor, deixando muito claro que durante o início da república, não houve, de fato, uma ação governamental de desenvolvimento da saúde pública. Tais acontecimentos explicam o contexto que insuflou Rodolfo Teófilo a discorrer sobre a falta de prevenção, voltada, principalmente, para a varíola.

Inferimos então que, dentro da conjuntura vivenciada pelo Ceará, até o início do século XX, época da publicação da obra de Teófilo, o Estado cearense não conseguia atingir um padrão biopolítico no setor da saúde pública, comparado ao da Europa, onde as necessidades da população eram estudadas e consideradas possíveis de serem combatidas. Nota-se muito mais, alguma atuação após a proliferação de uma epidemia, do que uma atitude profilática a fim de evitar a propagação das doenças.

Para compreender as críticas e o pensamento de Rodolfo Teófilo a seguir, é importante entender que almejavam-se muitas transformações para o Ceará, inspiradas nos moldes

europeus, todavia na prática o governo estadual não conseguiu desenvolver a saúde para atender as necessidades do povo, principalmente, a prevenção contra epidemias, um dos principais fatores de mortalidade no Ceará deste período. Com isso, evidenciamos a falta de assistência do Estado perante esse setor, que apesar de ter crescido, não acompanhava o ritmo necessário.

A partir desse contexto inserimos o personagem histórico principal dessa dissertação em seu lugar social. Rodolfo Marcos Teófilo, filho do médico Marcos José Teófilo, foi um baiano, que viveu e atuou a maior parte de sua vida no Ceará, tendo um importante papel na história desse estado.

Vivenciou uma infância difícil, órfão aos doze anos de idade e sem qualquer herança, sendo criado por sua tia-madrasta. Após uma infância dura, chegou a ser caixeiro, mas mesmo assim, se formou em Farmácia na Bahia em 1877, passando a atuar na capital como filantropo, farmacêutico, intelectual, entre outras coisas.

É a partir de 1877 que inicia sua atuação na área da saúde. Fez várias doações de medicamentos e mantimentos para os hospitais no período e foi responsável pela criação de um antídoto contra veneno de cobra cascavel, que era fornecido gratuitamente.

Figura 2 – Rodolfo Teófilo em 1877

Fonte: (TEÓFILO, 1883)

No início do século XX, criou e passou a fabricar sua própria vacina contra a varíola, que era distribuída e aplicada gratuitamente por ele nas residências da capital e em seu vacinogênico montando no centro de Fortaleza, fornecendo também para o interior do estado.

Sua atuação contra a varíola foi consagrado pelos poderes públicos, rendendo-lhe o título de Varão Benemérito da Pátria, dado pelo Congresso Nacional (MENEZES, IN: TEÓFILO, 1997). Também foi reconhecido, pela seguinte mensagem de 1915, como o responsável por controlar os surtos de varíola no Ceará.

> Era de esperar, pois que moléstias epidêmicas se manifestassem logo. Até agora, porém, nenhuma foi constatada, nem mesmo a varíola, graças ao benemérito cearense, senhor Rodolpho Theophilo que, a expensas suas mantem um laboratório vaccinico em grande actividade e faz da vaccinação um verdadeiro apostolado (Mensagem do Presidente do Estado do Ceará, 1915: 16).

Teófilo também se destacou no campo das letras, onde esteve à frente de diversos movimentos no Ceará, como a *Sociedade Libertadora Cearense*, *Padaria Espiritual*, e *Academia Cearense*, as quais tiveram forte atuação, tanto na literatura, como nas questões sociais da cidade. É responsável pela publicação de 28 obras, sendo uma póstuma, que tiveram destaque na literatura cearense e nacional do período, dentre elas, A *Fome* (1890) e *Violação* (1899), que tornaram-se referência para o gênero naturalismo (SOMBRA, 1999).

Dentro de sua trajetória, intelectual e na saúde, o farmacêutico passou a amadurecer sua crítica com relação à política no Ceará, contudo, foi a partir de 1901 que se utilizou de obras literárias para delatar e atacar as gestões cearenses, sendo a primeira delas *Secas do Ceará* (1901)

O escritor deixou de atuar nas agremiações e seus respectivos periódicos, porque tiveram cessadas suas atividades, e passou a focar sua intelectualidade nos livros, produzindo entre 1901 e 1922, dezesseis de suas vinte e sete obras publicadas em vida.

A partir disso, essa pesquisa objetiva estudar essa produção literária, iniciada em 1901 e encerrada em 1922, com a publicação da última obra desta tipologia[2], *A Seca de 1919*.

Em 1923, o estudioso, isolou-se de Fortaleza em sua fazenda, deixando de atuar na cidade, e diminuindo a sua produção literária (SOMBRA, 1999). Essa ideia é reforçada pelo próprio autor, na medida em que não encontramos nenhum relato ou vestígios presentes em documentação oficial em circulação na cidade após esse período.

[2] Aqui buscamos definir essas obras como livros de memória de cunho denunciativo, que buscava não só registrar um fato, mas trazer denuncia do descaso do governo no período.

De fato, o intelectual, não deixou registros porque se afastou da cidade, entretanto, percebemos na documentação oficial[3], que um dos fatores pode ter sido a sua idade. Em 1923, encontrava-se com 70 anos, mas, por falta de indícios que nos confirmem, não é possível afirmar o motivo, porém, de fato, o autor distanciou-se do espaço urbano e de suas atividades letradas e na área da saúde.

No tocante à produção de livros, o escritor, só publicou três obras, que pouco refletem à cidade, após 1923. Já na área da saúde, a própria documentação oficial manifesta preocupação com a idade de Teófilo, ilustrando que ele "não dava mais conta" sozinho da vacinação em Fortaleza.

Figura 3 – Rodolfo Teófilo em 1922

FONTE: (TEÓFILO, 1922B)

Essa análise visa estudar a escrita de cunho denunciativo de Teófilo. Entretanto, levantamos uma hipótese a cerca dessa produção. Acreditamos que, esta, representa um forte desejo do autor de que o Ceará fosse administrado por um governo mais comprometido com a

[3] Essa documentação será trabalhada no segundo capítulo deste trabalho.

população, sendo essa, a única forma de atingir o progresso e a civilização. Defendemos que sua crítica possui aspectos biopolíticos.

Deste modo, é essencial esclarecer o que seria essa biopolítica, visto que se trata do pilar de nossa hipótese central. Para entender esse conceito é necessário nos remetermos a alguns autores.

Kleber Prado Filho (2006), por exemplo, explica que o biopoder trata da preocupação do Estado com a vida do indivíduo, a vida na ordem do poder. Até o início do período moderno, os soberanos não exerciam uma política de cuidados com o particular de sua população. Com a modernização do Estado e a transição de valores sociais, pouco a pouco, a ideia de morte e de sangue da idade média, mudou para uma valorização do corpo, da sexualidade e da vida.

> Logo, depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo que se fez consoante o modo da individualização, temos uma segunda tomada de poder que, por sua vez, não é individualizante mas que é massificante, se vocês quiserem, que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-especie. Depois da anatomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anatomo-politica do corpo humano, mas que eu chamaria de urna "biopolitica" da espécie humana (FOUCAULT, 1999: 289).

Rone dos Santos (2010), em sua dissertação, nos apresenta que, para Foucault, com o surgimento do Estado Moderno, houve uma valorização do corpo, da necessidade de controlar o indivíduo em busca do corpo saudável. Com a ascensão do modelo de biopolítica, esse governo vai perceber, gradativamente, que é mais oportuno estudar as necessidades da população e criar políticas para combater seus problemas, do que somente vigiar e puni-la, por meio do controle do corpo. Vale ressaltar que, durante o século XIX, esse dois modelos ainda vão coexistir.

> Com este novo desenvolvimento da noção de poder passou-se de um exame do poder disciplinar para uma analítica criteriosa do que Foucault chamou de biopolítica, um poder mais elaborado que toma sob sua responsabilidade o controle, gerenciamento e governo da vida humana (Idem: 12).

No seu curso, “Segurança, Território e População”, Foucault (2008B) nos mostra que, essa biopolítica, nada mais é do que, o retorno da preocupação com o biológico humano, ou seja, a longevidade, a natalidade, as doenças e tudo que interfere na vida, pois através dos estudos científicos, os Estados perceberão que a população não pode ser tratada de forma

homogênea, e que cada grupo social, cada indivíduo possui uma vida diferenciada, com riscos e necessidades específicas.

Reparemos que, a biopolítica surge em um contexto de valorização, não só do corpo, mas da vida. No século XVIII, ocorre a ascensão das ciências, o que vai facilitar o estudo das populações, para que o Estado saiba quais as melhores políticas para agir com aquele determinado grupo. Foucault nos explica a relação entre as ciências e a biopolítica:

> (...) trata-se de um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. São esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII, juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos (os quais não retorno agora), constituíram, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolitica. E nesse momento, em todo caso, que se lança mão da medição estatística desses fenômenos com as primeiras demografias. E a observação dos procedimentos, mais ou menos espontâneos, mais ou menos combinados, que eram efetivamente postos em execução na população no tocante a natalidade; em suma, se vocês preferirem, o mapeamento dos fenômenos de controle dos nascimentos tais como eram praticados no século XVIII (FOUCAULT, 1999: 290).

O surgimento das ciências, como a estatística e a demografia, permitirão o estudo das populações, fazendo com que os Estados europeus, a partir da segunda metade do século XVIII, principalmente, no século XIX, invistam em novos campos que são: “(...) saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças...” (FOUCAULT, 2008B: 441).

Notamos que, lidar com biopolítica é cuidar da população, logo, o Estado tem que investir em saúde, contribuindo com o aumento da natalidade e da longevidade.

> O desenvolvimento a partir da segunda metade do século XVIll do que foi chamado MedezinischePolizei, hygiene publique, social medicine, deve ser inscrito no marco geral de uma "biopolítica": esta tende a tratar a "população" como um conjunto de seres vivos e coexistentes, que apresentam características biológicas e patológicas específicas. E essa própria "bíopolítíca" deve ser compreendida a partir de um tema desenvolvido desde o século XVII: a gestão das forcas estatais (FOUCAULT, 2008A: 494).

Após ter a noção do que seria a biopolítica, é fundamental frisar que, não aplicamos o conceito atual desenvolvido por Foucault nas obras de Teófilo, mas ao entender que essa foi uma discussão que permeou a Europa durante os séculos XVII até o XX, e que durante o período de 1860 a 1930, o Brasil buscou se inspirar nos ideais europeus, essa é uma discussão

contemporânea a Teófilo, e por isso, caracterizamos que sua escrita aproximava-se ou, pelo menos, possuía aspectos da biopolítica.

Explorando, aprofundadamente, o tema, sendo sensato dividi-lo em três partes, que dão origem aos três capítulos dessa dissertação. Primeiramente, observamos que a escrita de cunho denunciativo de Teófilo divide-se em duas partes. A primeira, que foca especificamente na oligarquia acciolina e a segunda, pós-oligarquia, na qual o autor traz como foco central a seca.

A fonte principal dessa dissertação são os livros do gênero relato/memória de caráter denunciativo, contudo, foi detectado quem em duas[4] obras de cunho ficcional de Teófilo, achamos também, aspectos biopolíticos como temática, já que as mesmas trazem a forma de governar como cenário principal. Dessa forma, é necessária, uma análise dessas obras, em particular, nas quais podemos constatar a representação, crítica e idealização de um governo civilizado, pelo ponto de vista do escritor.

No primeiro capítulo, examinamos a análise de Teófilo acerca a oligarquia acciolina[5], entre os anos de 1901 a 1914. Ao ler tais obras, reparamos que, na visão do intelectual, o presidente do Estado, Antonio Pinto Nogueira Accioli, foi o maior "retrocesso" para o desenvolvimento do Ceará.

Com esse intuito, no primeiro tópico, esclareceremos as obras escritas por Teófilo criticando a oligarquia acciolina, antes mesmo do litígio ocorrido entre o farmacêutico e a família Accioli (1901-1904) [6]. Utilizaremos as obras *Secas do Ceará* (1901) *Varíola e Vacinação* vol. 01 (1904), que têm a intenção de criticar a direção, todavia sem atacar diretamente a imagem do Presidente do Estado do Ceará, compreendendo assim, como se inicia essa escrita que possui aspectos biopolíticos e como ela se caracteriza.

No segundo tópico, levantaremos parâmetros de discussão a cerca das obras com caráter de libelo[7] sobre a oligarquia acciolina, isto é, aquelas que foram publicadas durante o a disputa entre esses dois personagens. As duas principais obras são: *Varíola e Vacinação* vol.

[4] É importante ressaltar que no período de 1901 a 1922, o autor produziu outras obras que não são do gênero de memórias, porém somente essas duas trazem a temática do governo e possuem aspectos ligados a problemática deste trabalho.

[5] Segundo Waldy Sombra, Teófilo era considerado o maior opositor a oligarquia, pois o mesmo escreveu diversos livros atacando a imagem do Presidente do Estado Antonio Pinto Nogueira Accioli, logo, esse tema é recorrente na escrita de Teófilo durante os anos desse governo que foi de 1896 a 1912, porém ainda tendo repercussão até 1914. Ver mais em: (SOMBRA, 1998).

[6] Esse litígio ocorreu devido à publicação da obra *Varíola e Vacinação* vol. 01 (1904) que faz duras críticas à atuação do governo contra a varíola. Além disso, foi agravado por causa da postura de Teófilo no livro que demonstra tomar para si uma responsabilidade que era do governo, a de promover uma vacinação gratuita, o que ofenderia o oligarca por transparecer a ineficácia da gestão.

[7] Obra com caráter difamatório.

02 (1910) e *Libertação do Ceará* (1914). Porém, outras obras nos ajudam a contextualizar esse conflito, essas são: *Violência* (1905) e *A Sedição de Juazeiro* (1915).

Objetivamos assim, compreender não só os aspectos biopolíticos contidos nestas obras, como também entender a importância desse momento vivido pelo o farmacêutico, visto que, é perceptível que ao longo de suas obras, mesmo depois de 1914, Accioli continua sendo citado como o mais antagônico possível do que Teófilo idealizava como governo civilizado.

No segundo capítulo, aprofundaremos a escrita desse autor após esse litígio em um contexto no qual os governantes (Liberato Barroso e João Thomé) apoiam as atividades de Teófilo, principalmente a vacinação voluntária por ele promovida. Porém, o foco dado pelo o autor não é as gestões, mas um fenômeno, natural, que se tornou social, as secas. Para isso, analisaremos as obras *A Seca de 1915*(1922) e *A Seca de 1919* (1922).

No primeiro tópico, devido à disponibilidade dos relatórios de *Inspetoria de Higiene*[8], durante os anos de 1915 a 1919, iremos abordar, juntamente com as *Mensagens do Presidente do Estado* do período, as fontes oficiais do Estado cearense. O objetivo central deste tópico é observar como os documentos oficiais discorrem sobre a calamidade, para mostrar não só a visão do governo cearense sobre as secas, que é o principal alvo das críticas das obras de Teófilo, como também que, as obras analisadas nos próximos tópicos são frutos desse contexto. Percebe-se, que as fontes oficiais não entram em confronto com o discurso do autor, já que as mesmas criticam a própria atuação do governo, contudo, responsabilizando determinados setores como uma estratégia de defesa.

Reparamos que, segundo as fontes oficias, que o próprio governo possui um discurso que se aproxima dos ideais biopolíticos da escrita de Teófilo, entretanto na prática suas promessas dificilmente eram cumpridas. Nos períodos de seca eram iniciadas várias obras, as quais eram abandonadas com a volta das chuvas. A partir disso, esse tópico serve de base para compreender a crítica de Teófilo, já que para o autor não bastava dizer, era preciso fazer. Então, não é possível fazer uma análise destas obras sem primeiro compreender esse contexto.

Após isso, pretendemos no segundo tópico analisar a obra *A Seca de 1915*, que aborda o flagelo social que ocorreu no governo de Liberato Barroso. Na obra, o autor demonstra, não só, a falta de políticas preventivas no combate as secas, mas também aponta os erros da gestão cometidos mesmo após a instauração do flagelo.

[8] É importante ressaltar que a Inspetoria de Higiene é o principal órgão de combate às doenças e as secas, então seus relatórios trazem informações importantes para compreender o contexto.

Já no terceiro tópico, analisaremos o livro *A Seca de 1919*, na qual o estudioso faz uma abordagem desde a seca que ocorreu em 1915, mostrando o que o governo poderia ter feito para evitar um novo flagelo neste ano.

Nestes dois últimos tópicos, o objetivo é problematizar a tese de Teófilo, onde o autor demonstra que as secas não deveriam ser tratadas como um problema natural, um problema regional que não tinha solução, mas sim enquanto um problema social, que através das medidas apontadas por ele, poderia ser solucionado.

Assim, visamos compreender os aspectos biopolíticos de sua tese, visto que a mesma se aproxima dos ideais discutidos na Europa, pois trata um fenômeno natural como social é um discurso biopolítico.

Por último, no terceiro capítulo, queremos fazer um estudo a cerca da visão de "civilização" de Rodolfo Teófilo, a partir de duas obras, as quais serão abordadas em dois tópicos.

A primeira delas é *Memórias de um Engrossador* (1912), livro no qual, o intelectual narrou a história de um homem corrupto que fez vários crimes no governo contra a civilização a mando de um partido que estava no controle da máquina governamental. O livro possui esse nome, pois, ao final de sua vida, após decair do poder, Rodolfo Teófilo se arrepende de tudo e resolve escrever um livro contanto toda sua vida e denunciando os crimes cometidos por ele e por todos os seus correligionários.

Nesse tópico, ressaltamos o ponto de vista de Teófilo sobre a realidade a qual pertencia, retratando toda sua revolta e o porquê do Ceará estar longe de ser um Estado civilizado. Isso ocorreu, pois o mesmo não só não se desenvolvia por causa da *politicagem*[9], mas também era considerado um retrocesso por causa de sua administração.

No outro tópico, abordaremos a obra *O Reino de Kiato* (1922), na qual o farmacêutico idealiza um reino que atingiu todos os parâmetros de civilização, principalmente, no aspecto da preocupação com a população e da gestão dessas vidas.

Ele deixa claro que, esse governo só conseguiu isso, após uma revolução feita por uma figura forte que através de uma guerra civil promoveu uma reforma nas leis, passando a punir severamente os maus hábitos do povo, como o uso de drogas (álcool e tabaco).

O Reino de Kiato é uma das obras mais importantes para essa dissertação, porque é onde veremos a representação do que Teófilo idealizava como uma civilização a qual atingiu

[9] Termo usado por Teófilo para se referir aos esquemas políticos corruptos existentes no governo

todos os parâmetros do progresso por causa do governo, e nisso perceber que só foi possível visto que esse governo possuía características da biopolítica.

A partir dessas duas obras que, apresentam tanto a idealização de um governo civilizado, quanto à representação de sua percepção sobre a realidade das gestões cearenses, buscaremos demonstrar como o ideal de um governo civilizado para Teófilo possuía aspectos biopolíticos, já que o ponto central dessas obras é a relação do governo com a população, ou seja, com relação aos problemas sociais, que são alvos da biopolítica européia.

Entretanto, antes de abordar essas duas obras, achamos necessário promover em um primeiro tópico do capítulo, um debate a acerca das contribuições da Nova História Cultural para o uso teórico e metodológico da literatura como fonte histórica, principalmente através do conceito de representação.

Essa discussão se faz necessária, pois como já foi citado, as obras trabalhadas nos primeiros capítulos não são literatura de cunho ficcional, são obras de memória que trazem um relato, na qual o autor se compromete a tentar trazer os fatos o mais próximo da realidade. Apesar de sabermos que todo documento histórico possui sua subjetividade e representação, essas obras possuem um caráter de relato que tem compromisso com a "realidade", assim como outros relatos históricos, sejam documentos oficiais, sejam periódicos e etc.

Porém, as duas últimas obras trabalhadas são de literatura de cunho ficcional, na qual o autor não possui nenhum compromisso com a realidade e não se compromete com o leitor de narrar os fatos a maneira que sua memória lembra. Todavia, elas se tornam documento histórico de uma realidade na medida em que aplicamos o trato metodológico à literatura e entendendo que esta é uma representação da realidade do autor, e que para escrever aquelas obras ele foi influenciado pelo o seu lugar social.

Assim, antes de abordar as obras, pretendemos fazer uma discussão entre Nova História Cultural, literatura e o conceito de representação, para que tenhamos elementos que tragam essas obras para o nosso estudo.

Frisamos aqui, que neste trabalho existem outras fontes, de caráter auxiliar que nos ajudaram a desenvolver a problemática deste trabalho, principalmente as *Mensagens dos Presidentes do Estado do Ceará* (1901 a 1922).

Outro aspecto importante necessário destacarmos aqui, é que, apesar da biopolítica ser o fio condutor deste trabalho, existem outros conceitos[10] que permeiam nossa escrita.

[10] É importante lembrar que o conceito de representação será abordado no tópico 4.1. dessa dissertação.

Ao discorrermos sobre os ideais de Teófilo, é necessário nos remetermos ao conceito de civilização. Existem alguns teóricos como Jean Starobinski (2001), em sua obra *As máscaras da Civilização* e Norbert Elias através das obras *Processo civilizador* vol.01(1993) e vol.02 (1994) que trabalham com esse conceito. Entanto, ao analisar as obras de Rodolfo Teófilo, percebemos que ele possui uma idealização de civilização diferente e divergente destes autores, ou até mesmo da noção de civilização dos discursos europeus que chegavam a Fortaleza na Primeira República (1889-1930), visto que na obra *O Reino de Kiato,* ele demonstra que nem as grandes cidades européias atingiram o "grau de civilidade" de *Kiato*. Ou seja, pretendemos demonstrar na pesquisa qual a noção de civilização que Rodolfo Teófilo aponta em suas obras, pois ao fazer uma análise preliminar foi possível destacar que, para ele, um governo civilizado é aquele o qual se preocupa com a população e cria medidas para gerir sua vida, principalmente nos setores de profilaxia, natalidade, higiene e habitação.

Outro conceito fundamental é o de *Práticas Letradas*, pois segundo Gleudson Passos Cardoso (2014), publicar uma obra no contexto no qual Teófilo vivia não é apenas difundir suas ideias, dado que, por trás disso, existe a intencionalidade do autor em querer intervir no urbano, visto que essa cidade passa por remodelações, tanto no discurso, quanto na prática, nos remetendo assim a Certeau (1994) que aponta em sua obra que o urbano é formado por discursos e práticas, e um indivíduo pode sim intervir e tentar mudar esse cotidiano através de táticas, como por exemplo, a publicação de obras para difundir um ideal.

Por último, destacamos a importância deste trabalho para a historiografia, em razão de trabalhar com um intelectual que já foi bastante abordado, no entanto apresentando um novo aspecto tem seu mérito. Com isso, pretendemos contribuir estabelecendo novos parâmetros de reflexão acerca da produção historiográfica desse tema, uma vez que, a partir de um levantamento bibliográfico, constatamos que Rodolfo Teófilo ainda não foi explorado dessa forma, de fato dentre os trabalhos de história os quais analisam esse intelectual como objeto central da pesquisa, o abordam de outra forma.

O primeiro deles é Isac Neto (2006) que desenvolve um trabalho de história social sobre a trajetória desse intelectual através de sua escrita. Além disso, podemos falar de Manoel Alencar (2002), que traz um capítulo de sua dissertação sobre a relação do campo e da cidade nas obras de Teófilo do século XIX.

Podemos citar também Harley Moreira (2009), que também dedica um capítulo para discutir como Teófilo pensava o sertão no inicio do século XX. É importante frisar que existem biografias e capítulos de livros dedicados a Rodolfo Teófilo, mas abordando ou sua trajetória, ou alguma de suas obras. Aliás, deve ser lembrado que há dissertações da área de

letras que problematizam algumas de suas obras e também pesquisas de história que falam sobre a varíola e utilizam suas obras como fonte.

Portanto, nosso trabalho visa não só trazer uma nova abordagem sobre esse personagem, mas ainda, levantar parâmetros de discussão acerca de sua escrita, demonstrando assim para além de sua atuação, como também, o que ele idealizava em suas obras.

2 “FORTALEZA ANTES DO ULTIMO GOVERNO SR. ACCIOLY, ERA CONSIDERADO UMA CIDADE LIMPA E FORMOSA”: ASPECTOS BIOPOLÍTICOS DE RODOLFO TEÓFILO A ATRAVÉS DA CRÍTICA À OLIGARQUIA NO PODER.

Depois de ser discutido o conceito de biopolítica, bem como as transformações que a sociedade passava e até mesmo o aprofundamento da trajetória de Rodolfo Teófilo, isto é, a base histórica para entender o sujeito a qual avariaremos o seu discurso, buscaremos nesse capítulo iniciar nosso estudo acerca da crítica do estdioso ao Estado cearense, percebendo que o mesmo cobrava uma postura de gestão da população, na qual o governo buscasse entender quais os problemas da sociedade cearense e como eles poderiam ser resolvidos de forma preventiva.

A partir disso, caracterizamos essa crítica do autor como uma forma de construir uma idealização de um modelo de Estado calcado na biopolítica. Para isso buscamos em dois momentos apresentar o início da escrita do autor.

O primeiro deles são a análise das obras *Secas do Ceará* (1901) e *Varíola e Vacinação vol. 01* (1904), onde percebemos que o autor começa a desenvolver uma escrita de crítica ao Estado e evidenciando assim nossa problemática central, todavia percebe-se que ainda não existe na escrita do autor a intenção de atacar diretamente a administração, mas narra os fatos acerca das epidemias de varíola e das secas, o que acaba envolvendo a má administração do Estado.

No segundo tópico, estudaremos as obras que se inserem no contexto do litígio político entre o farmacêutico e o oligarca Nogueira Accioly, nas quais o autor tem a preocupação não só de criticar as ações do Estado, mas também de atacar diretamente o governante como uma forma de difamar a imagem do oligarca. Nesse tópico abordaremos as obras: *Violência* (1905), *Varíola e Vacinação vol.02*(1910), *Libertação do Ceará* (1914) e *Sedição de Juazeiro* (1915). Contudo não temos a intenção de fazer juízo de valor acerca das críticas de Teófilo. Nosso objetivo é observar como o intelectual buscou construir uma imagem de Nogueira Acioly como o oposto de um governante que levaria o Ceará para o progresso, desse modo é possível perceber como ele idealizava um governo que acreditamos ser calcado na biopolítica, já que Accioly era o oposto a isso, na visão do autor.

2.1 “O GOVERNO E OS PARTICULARES CONTINUAVAM EM SUA CRIMINOSA INDIFERENÇA A OLHAR PARA A PERMANÊNCIA DA VARÍOLA EM FORTALEZA COMO UM FACTOR MUITO NATURAL E SEM IMPORTÂNCIA”: O INICIO DA ESCRITA DE RODOLFO TEÓFILO EM DEFESA DA POPULAÇÃO.

Como visto anteriormente, Rodolfo Teófilo passou a se inserir e atuar na cidade, não só, através de sua prática na área da saúde, mas também através das letras, com a participação em agremiações letradas, escrevendo em livros e em jornais. Porém, a partir do século XX, ele começou a mudar o seu tipo de escrita, visto que o mesmo passou a escrever livros de memórias os quais tinha o objetivo de não só relatar sobre um fato cotidiano e histórico do Ceará no período, mas muitas vezes denunciar a realidade que o Ceará se encontrava, cobrando assim do governo uma postura de gestão da população e de seus problemas como as epidemias e as secas.

A primeira obra de Teófilo que começa a introduzi-lo nessa linha de escrita é a *Secas do Ceará* (1901), onde ele busca fazer “uma narração resumida e fiel, de todas as seccas que assolaram o Ceará na segunda metade do século XIX, das quais [eu, Rodolfo Theófilo] fui testemunha ocular” (TÉOFILO, 1901: 07). É importante ressaltar que, assim como veremos em outras obras, é uma característica do discurso de Teófilo afirmar que sua obra trará uma narrativa fiel, ou no comprometimento da verdade. Sabemos que, um escritor faz recorte de interesse e lhe aponta os fatos a partir de sua subjetividade e de seus interesses, de outro modo, essa tentativa de ter comprometimento com a verdade é o que faz muitos pesquisadores lhe classificarem como um historiador, em razão dele buscar embasar muitos de seus argumentos em documentos.

Figura 4 – Livro Seccas do Ceará

FONTE: (TEÓFILO, 1901)

Nessa obra, Teófilo iniciou um discurso diretamente ligado a crítica ao Estado. Nossa hipótese para isso está relacionada ao contexto de publicação dos livros analisados neste tópico[11], porque ambos fazem críticas à oligarquia Acciolyna, fato que pode ter provocado o início do litígio político entre Teófilo e Acioly e, como veremos, no tópico seguinte, foi a partir deste litígio que o mesmo desenvolveu uma crítica não só a oligarquia, bem como as gestões cearenses que não geriam a população.

[11] *Secas do Ceará(1901) e Varíola e Vacinação (1904)*

Figura 5 – Antonio Pinto Nogueira Accioly

FONTE: (TEÓFILO, 2001)

A partir desta crítica é que poderemos apresentar nossa hipótese central, que Rodolfo Teófilo, por meio de sua escrita idealizou um modelo de gestão estadual, na qual nós o problematizamos a partir da noção de biopolítica de Michel Foucault.

O livro *Secas do Ceará* inicia-se, mostrando um problema que perdura no nordeste até hoje, a seca. Contudo, o farmacêutico, antes de entrar na crítica às ações humanas que piorava as secas, o mesmo não só demonstra ter conhecimento geográfico sobre o assunto, como busca contextualizar para um possível leitor leigo.

> O Ceará, dos Estados do norte do Brazil, é o que soffre, com maior intensidade e mais repetidas vezes, os flagelos das seccas. Não porque os Estados visinhos mormente nas zonas do interior, não estejam sujeitos a mesma falta de chuvas, mas por causa da natureza do solo cearense, da sua hydrographia. No Piauhy, Rio Grande do Norte, Parahyba, além de rios perennes, há grandes brejos, terrenos alagadiços em grandes extensões, que produzem melhor pelo verão do que pelo inverno. O Ceará foi mais infeliz nas águas que lhe couberam. Nem um rio perene corta o seu extenso território. A configuração do solo, com grande declive para o mar, dá prompto escoamento as águas na estação invernosa (TEÓFILO, 1901: 10).

De fato, o autor possui conhecimento sobre o combate às secas, e isso pode ser visto no seu primeiro livro publicado em 1883, *História das Secas do Ceará*, no qual o mesmo traz uma análise geográfica e estatística sobre o período de 1877 a 1880.

Entretanto, a abordagem do livro de 1901 nos trás aspectos diferentes sobre as secas, até mesmo sobre esse período, já que o livro objetiva abordar as secas de “1877 a 1879, 1888 a 1889, 1898 a 1900” (TEÓFILO, 1901: 10).

Como já caracterizado na introdução deste trabalho, esse livro não visa fazer uma crítica voltada diretamente a discorrer das ações do governo, logo, não fica tão nítida a problemática central deste trabalho, que é perceber como Rodolfo Teófilo idealizou através, principalmente da crítica, um modelo de governo o qual gerisse a população, porém essa obra é fundamental para o trabalho, já que, é quando vemos os primeiros traços dessa escrita se desenvolvendo.

> O presidente da província, Desembargador Caetano Estellita Cavalcante Pessoa, magistrado honesto, mas de espírito pouco preparado para agir de prompto contra um flagelo que chegava de chofre e era quase desconhecido da geração presente, deixou-se levar somente pelas misérias que seus olhos viam, ouvindo de preferência o coração e firmado na lei abriu creditos e iniciou os socorros directo aos famintos. Este acto que deveria ser approvado pelo governo geral, foi discutido no parlamento, que então funccuonava e ahi peza-nos dizer a representação do Ceará desviou-se da norma do dever a ponto de um de seus mais augustos membros, o Snr. José de Alencar, em longo discurso negar a existência da secca allegando que-em sua província natal os invernos começavam as rezes de junho. (TEÓFILO, 1901:13.)

No trecho acima e em outras obras como a *Seca de 1915*, Teófilo aponta uma gravidade cometida pelo governo federal durante a seca de 1877, uma vez que, ao recusar inicialmente ajudar o Ceará, por negar a existência da seca no Estado, o mesmo mandou recursos tardiamente, o que dificultou os socorros públicos. Ele aponta que no outro ano assumiu João José Ferreira de Aguiar, mas o mesmo, segundo o autor, apesar de velho não conhecia as necessidades do Ceará e por isso o seu governo foi uma série de erros no combate as secas que resultou na morte de 57780 pessoas mortas por doenças que agravaram as secas, principalmente a varíola.

Então, apesar de ser um relato dos fatos da secas, o mesmo aponta algumas críticas ao governo, todavia a mais importante para o nosso trabalho é a crítica feita a partir da seca de 1898, já no período da oligarquia Acciolyna, na qual o farmacêutico fez suas primeiras críticas a esse governo.

Ao narrar a seca de 1898, o escritor levanta uma crítica afirmando que, ao longo do império ele presenciou “dezoito annos de completa indifferença dos podres publicos a taes flagellos periódicos” (TEÓFILO, 1901:41) e que se “o governo do Império nada fez para attenuar os effeitos de futuras seccas no período de 1880 a 1888, o governo da República não

fez nada mais do que imital-o de 1890 a 1898" (TEÓFILO, 1901:41). E ainda aprofunda a crítica:

> O presidente do Estado Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly recebeu os emigrantes para nos dizer, com a maior indifferença!... Os cofres públicos não estavam esgotados como hoje; havia numerário sufficiente para correr as despezas com a alimentação destes infelizes, que no mais lastimoso estado enchiam as ruas da capital esmolando a caridade pública. Essa indifferença, esse temor de iniciar a assitencia publica, só denotava fraqueza do administrador. (TEÓFILO, 1901:42)

Desta maneira, buscamos destacar que apesar do litígio entre Accioly e Teófilo ter se intensificando a partir da obra *Varíola e Vacinação* em 1904, o intelectual já havia feito críticas ao governo do oligarca, o que poderia ter feito que o governo não visse a vacinação de Teófilo, que ocorreu posteriormente, com bons olhos. De fato, não é possível ser preciso no inicio do litígio político, em contrapartida é perceptível que, tal fato se intensificou bastante com a publicação da obra sobre a vacinação.

Com isso, o que buscamos destacar é que apesar de não fazer um aprofundamento da crítica das ações do Estado - crítica essa que será nítida a partir das próximas obras analisadas - o farmacêutico já apresenta alguns aspectos dessa escrita, na qual demonstra onde ele iniciou essa nova escrita sobre a cidade de Fortaleza.

É importante salientar que o autor ao longo do texto levanta outras críticas à oligarquia como: o esgotamento de forma indevida da reserva de dinheiro nos cofres públicos deixado pela gestão anterior, Bizerril Fontinele, fazendo com que o governo não tivesse verba para combater a seca de 1900; o fechamento do único lazareto feito pela gestão de Pedro Borges. Ademais, ele discorre do crime da construção de um telegrafo feito na gestão do Acioly para ligar a capital ao interior, na qual foi mal feita, mas a fim de evitar repetições, iremos aprofundar essas críticas no terceiro tópico, onde o escritor possui um discurso bem mais crítico sobre a oligarquia e tais críticas repetem-se em outras obras.

Figura 6 – José Freire Bezerril Fontenelle

FONTE: (TEÓFILO, 2001)

Por último, outro aspecto importante apresentado na obra, é a defesa da população e a conscientização da saúde como fator fundamental para gerir a mesma.

> O problema de saneamento, pois consiste nas seguintes questões: abastecimento de água potável, serviço de esgoto de águas servidas e materiais fecaes, dessecamentos de pântanos. [...] Nunca serão demasiados os sacrifícios feitos para defender a saúde, para preserval-a das mil causas de destruição que a ameaçam. Para o pobre ella é um capital precioso, toda a sua fortuna e nunca serão excessivos as precauções tomadas para o fim de conserval-a intacta. (TEÓFILO, 1901:113)

É característico de anteriormente a esse período, a preocupação de Teófilo com as doenças e os efeitos das epidemias na população cearense, apesar do diferencial do nosso recorte é que o mesmo começou a criticar sugerir e idealizar um modelo de gestão da população, na qual o governo tomasse atitudes que mudariam essa realidade e com isso, podemos perceber que ele já aponta os problemas, buscando resumir os principais problemas da falta de saneamento em dois.

> Lord Disraeli pronunciou na Camara dos Communs em Inglaterra as seguintes phrases, que são o fecho destas minhas considerações: - *Saúde Pública é o fundamento sobre que repousam a felicidade do povo e o poder do Estado. - Tendes o mais bello dos reinos; daí-lhes cidadãos intelligentes e laboriosos, manufacturas prosperas, agricultura productora; que as floresçam; que os architectos cubram o solo com templos e palácios; para defender todos estes bens, tendes a força, armas de precisão, uma frota de torpedeiras; si a população ficar estacionaria, si em cada anno diminuir de estatura e vigor, a nação extinguir-so-há.*[12] É porque vos digo que os cuidados com a saúde pública são o primeiro dever de um homem de Estado. (TEÓFILO, 1901:115)

Na citação acima, Teófilo apresenta um pouco da sua idealização de um governo calcado no modelo europeu, inclusive fazendo referência ao Lord Disraeli da Inglaterra, demonstrando a saúde como um dos aspectos mais importante para a administração da população. Essas citações aos modelos de governo francês, inglês ou até mesmo alemão são muito comuns nas obras dele, como poderemos ver posteriormente, ela nos permite, mais uma vez, afirmar que de fato ele tinha conhecimento da discussão política sobre a população que a Europa passava no século XIX e muitas vezes a citava para demonstrar um exemplo de sua idealização de governo para o Ceará, por isso buscamos problematizar essa idealização de governo como uma calcada em aspectos da biopolítica, que segundo Foucault, como já demonstrado, era a discussão na qual a Europa vivia no período.

Além do mais, levantamos aqui um questionamento da visão de benemérito de Teófilo, pois com a criação de uma imagem de defensor dos pobres e que cobrava uma postura do governo perante a isso, contudo, na nossa visão, ele sempre demonstra uma preocupação no progresso do Ceará como um todo e por isso exige que o governo dê uma atenção especial aos menos favorecidos, pois são a principal mão de obra para o crescimento e é a partir deles que a as doenças, a mortalidade e a fome aumentam, impedindo assim a civilização da nação do Ceará. Ou seja, o que buscamos desconstruir é que Teófilo tinha um apreço aos menos favorecidos, pelo contrário, muitas vezes o chamavam de atrasados, imundos, bárbaros, como podemos ver abaixo ao se referir aos negros e aos índios.

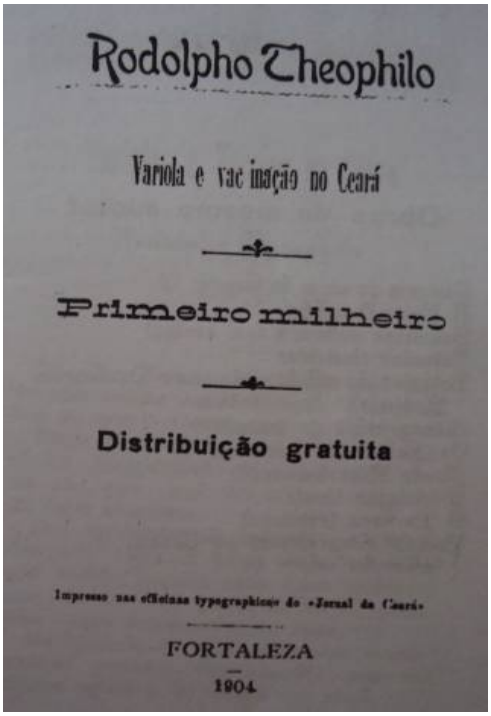
> Unamos todos os nossos esforços mentais para o engrandecimento de nossa pátria; suffoquenos em nós o egoísmo e combatamos a imprevidência, herdada do índio e do africano; sacrifiquemos tudo pelo bem de nossa terra que em breves tempos o Ceará será um dos Estados mais felizes e mais prósperos do Brazil. (TEÓFILO, 1901:258)

[12] Grifo nosso para destacar a fala do Lord citado por Teófilo.

De fato, é anacronismo chamar o farmacêutico de racista da forma na qual entendemos essa palavra atualmente, visto que a visão da sociedade no período era essa e o mesmo reproduzia, mas além de ficar nítido o apreço da influencia européia na sociedade cearense[13], ele crítica as outras raças, também se ligando a noção de biopolítica européia, onde havia preocupação com as raças.

A segunda obra a ser analisada dentro desse contexto de pré-litígio contra a oligarquia é *Varíola e Vacinação* (1904), na qual o farmacêutico constrói o seu argumento sobre a importância da vacina através de três pontos. Primeiramente, ele aborda o histórico da varíola mostrando os danos e mortes causados ao Ceará. Posteriormente, demonstra como ele resolveu tomar a frente do problema, mostrando assim o processo de estudo e fabricação da sua vacina. Por último, é abordado o processo de vacinação voluntária da população de Fortaleza, desde o vacinogênico montado em sua casa, até a vacinação pelas ruas e areais, onde ele buscava convencer as pessoas a se vacinarem.

Figura 7 – Livro Varíola e Vacinação.



FONTE: (TEÓFILO, 1997)

[13] Sabemos que a sociedade brasileira é composta da miscigenação do índio com o negro mais o elemento branco europeu. Logo ao denegrir o índio e do negro, o mesmo indiretamente faz uma apreciação do homem branco.

Entretanto, mais uma vez o diferencial dessa obra é ela possuir como pano de fundo o governo Acciolyno, o qual o autor faz uma série de críticas mostrando o descaso do Estado com a necessidade de combater a varíola.

Por esta forma, mesmo com a intenção do estudioso ter sido publicar um texto procurando conscientizar as pessoas letradas da vacinação, ela acaba sendo uma cobrança de uma postura da oligarquia que além de não fazer sua obrigação enquanto governo, que era vacinar, não tomou nenhuma atitude de apoio à vacinação voluntária do intelectual.

> Convencido de que nada podia o meu esforço no sentido de chamar a União ao cumprimento de seus deveres, e não querendo ser um inactivo deante dos soffrimentos de meus infelizes patrícios, tive a ideia, de regressar ao Ceará, levar-lhes um alivio a seus males, a vaccina anti-variolica. Sabia que a epidemia de bexiga, em Fortaleza augmentava, e para embarga-lhe, a marcha o governo não dispunha de meios (TEÓFILO, 1997: 70).

Para entender melhor a ideia central desta obra é necessário o entendimento da diferença de combate a epidemia e da profilaxia[14] da doença. O combate as epidemias, já bastante executado pelo governo, era a criação de medidas quando a calamidade já estava instaurada, fazendo assim várias vítimas, inclusive fatais. Em contrapartida, a profilaxia - que tem como significado prevenção de doenças - era o que Rodolfo Teófilo almejava para o Ceará, um conjunto de práticas que visava impedir a instauração e proliferação de uma determinada doença, assim, a população não seria contaminada por essa doença, logo não ocorreria doente e não haveria mortes.

A diferença nos dois métodos não está relacionada somente ao fato de impedir que a população fosse acometida pela moléstia, como também envolve outros fatores. Primeiramente, a quantidade de dinheiro gasto para remediar uma situação é superior a que seria gasta para prevenir, pois, é preciso aumentar a estrutura de atendimento, aumentar o fornecimento de medicamentos e materiais hospitalares necessários para os pacientes enfermos. Além do mais, as medidas profiláticas envolveriam aspectos simples como, vacinação e higienização da cidade, o que tornaria a cidade não só limpa, mas com caráter civilizado, já que tal lugar ficaria conhecido mundialmente por sua salubridade e falta de

[14] O termo "**profilaxia**", na medicina, é usado para designar um conjunto de medidas que visam à prevenção de doenças ou mesmo o ramo da medicina que estuda a prevenção das doenças. A palavra derivada do grego *prophýlaxis* que significa "precaução" (...) Na medicina, onde seu uso é mais comum, o termo profilaxia denomina medidas diversas que incluem desde procedimento simples como lavar as mãos até mais complexos (vacinação) ou que inclui antibióticos e medicamentos, variando de acordo com a doença a se prevenir. Fonte: http://www.infoescola.com/saude/profilaxia/.

doenças. Por último, podemos destacar que ao ter uma epidemia, não só a sociedade era afetada, mas também a economia do estado, principalmente na diminuição de sua produção.

Esses argumentos acima são os utilizados por Rodolfo Teófilo em sua obra Varíola e Vacinação, onde afirmava que ao se negar fazer medidas profiláticas, o Estado não só prejudicava a população e a economia, mas impedia que o Ceará atingisse o progresso. Portanto, na obra ele visa se promover como um salvador do Ceará, demonstrando que durante a segunda metade do século XIX, pouco foi feito a respeito do combate preventivo da varíola e que ele buscou solucionar a situação. Essa afirmativa pode ser percebida na citação anterior, e traz dois aspectos relevantes, primeiramente, a autoconstrução de benemérito cearense e principalmente a crítica de que um farmacêutico sozinho iria cumprir um papel que todo o aparato estatal não conseguia.

No livro analisado, o autor inicia fazendo uma trajetória da varíola de 1877 até 1900, na qual ele busca relacionar com as secas demonstrando que um fator aliado ao outro era receita certa para uma grande quantidade de mortos no Ceará, e como já demonstrado, a seca obrigava os retirantes a virem para capital, tais sujeito se aglomeravam em abarracamentos insalubres fazendo surgir diversas doenças, facilitando o contágio, e após essa proliferação algumas doenças se espalhavam pela capital, aumentando o numero de vítimas. Na segunda parte, que discorre sobre 1900 a 1904, o autor narra todo o seu processo de criação da vacina e sua experiência de vacinação na capital cearense. Nessa segunda parte, podemos ver tanto o aspecto do conhecimento científico que Teófilo visava divulgar, quanto os aspectos da idealização de uma prática governamental biopolítica.

> Na segunda quinzena de julho vaccinei 128 pessoas; mas continuava a mais completa abstenção da gente do povo, o que seriamente me preocupava por quanto sabia que se não conseguisse preservar da varíola a classe menos favorecida da fortuna em Fortaleza, não extinguiria a varíola na capital do Ceará (TEÓFILO, 1997: 105).

Ao montar seu vacinogênico no centro da cidade, passou a fazer a vacinação na capital, todavia o mesmo demonstra no trecho acima a necessidade de vacinar a população menos favorecida, já que não era possível extinguir a varíola se nos locais de menor salubridade e de maior contágio, as pessoas não se encontravam vacinadas. Então, o autor narra a ideia, de ir pessoalmente vacinar as diversas regiões, principalmente os areais que ficavam na parte periférica da cidade.

Figura 8 – Rodolfo Teófilo vacinando no Morro do Moinho

FONTE: (NETO, 1999)

Novamente tocamos no aspecto da relação de benemérito e a população pobre, visto que apesar de colocar o foco das medidas do governo na população mais pobre, isso não impede o apreço de Teófilo pela camada mais popular. Isso nos ajuda a caracterizar essa crítica que, idealizava um governo aos moldes da biopolítca, como um gestor da população, principalmente onde ela era menos desenvolvida logo, era onde surgiam ou se proliferava os maiores problemas, como as epidemias, morte e a fome. Podemos ver abaixo um exemplo de como ele descrevia esse grupo social ao ir vaciná-los:

> … cinco creanças, de oito annos abaixo, todas nuas e encardidas de sujo olhavam-me espantadas. O ar que se respirava ali, embora renovado a cada instante, tinha um fartum especial, lembrando uma mistura de sebo, suor de negro e sarro de cachimbo. Pelas pequenas rêdes, armadas umas quasi sobre as outras, podia se avaliar a porcaria do casebre. O sujo destas typoias era tal que era impossível saber a cor primitiva do pano. Nunca, em minha vida, precisei de mais coragem e de mais paciencia. Coragem para prosseguir naquelle trabalho que estava me parecendo superior às minhas forças; paciência para supportar as investidas e os deslates da ignorância (TEÓFILO, 1997: 109).

Fica claro através da descrição do autor, a sua preocupação ao demonstrar a insalubridade dos casebres, mas também fica claro o seu desprezo ao chamá-los de ignorantes, chegando ao ponto, de dizer que precisava de paciência para suportá-los. Então, mais uma vez, buscamos desconstruir a noção de que a crítica do farmacêutico estava ligada a defesa dos pobres, e sim na defesa do Ceará, para com o objetivo de torná-lo civilizado por seu todo.

É importante salientar que não era porque ele demonstrava algum desprezo e até nojo das condições de salubridade da população menos favorecida, que o mesmo exaltava a população que possuía melhores condições, porque o que o intelectual aborda é a sua preocupação com a população no geral, porém por serem menos desenvolvidas, recebiam mais atenção na sua escrita de cobrança ao governo de assistência. Abaixo, podemos demonstrar um trecho no qual é narrado a dificuldade da vacinação em bairros com condições melhores.

> Vaccinando todos os habitantes do bairro do matadouro passei para o lado oposto ao Norte, começando pela extensa Rua Santa Thereza, logo no dia 1 de setembro. A ahi estava melhor agasalhada e era de melhor costumes mas eram também infensa a vaccinação. Era preciso despender muita finura para conseguir alguma cousa. O nosso povo é bastante inteligente se bem que muitíssimo ignorante (TEÓFILO, 1997: 124).

No enredo do livro, o autor começa descrevendo o seu testemunho sobre o período de 1877 no Ceará, no qual, o governo exercia relativas medidas de combate a fome, contudo não existia profilaxia antivariólica efetiva, acarretando em uma nova epidemia da doença no Ceará. A única medida que ocorria, era feita através de uma parceria entre a união e o estado; Eram envidadas do Rio de Janeiro, vacinas prontas para serem aplicadas à população cearense, entretanto as mesmas não faziam efeito, segundo Teófilo, provavelmente, devido ao transporte, pela qualidade ou pelo tempo de demora.

Quando a epidemia foi instaurada, o governo novamente repetiu o seu comportamento, já demonstrado no tópico anterior, buscando um combate a epidemia. Na visão do farmacêutico, essas medidas não surtiram efeito, já que ela havia se espalhado pela capital.

A partir desse cenário, o autor visa caracterizar os danos causados pela moléstia na capital, inclusive demonstrando o número de mortos foram altos:

> O calor excessivo de 33 gráos centigrados a sombra, nesse fatal Dezembro, augmentiu a intensidade da epidemia. O atordoamento era geral. A 10 do mez o cemitério da Lagoa Funda recebia *mil e quatro cadáveres*!! Essa assombrosa obituário, de um dia, encheu de pânico a quantos d'elle tiveram noticia. (TEÓFILO, 1997: 26)

Visto essa grande quantidade de mortos, o autor busca responsabilizar o governo e não a doença, fazendo a crítica que as gestões estaduais tratavam as secas e as doenças como fenômenos naturais impossíveis de serem combatidas. Ele discordava, afirmando que o problema era social, na medida em que a falta de medidas de salubridade da cidade, o

aglomeramento e impureza da população pobre, aliadas à falta de prevenção contra a doença, isto é, a vacina permitiu que a doença se alastrasse fazendo suas vítimas fatais.

A crítica do intelectual vai para além da falta de estrutura dos órgãos públicos como os lazaretos, que estavam lotados e não conseguiam praticar um atendimento de qualidade aos doentes, na verdade, sua crítica se localiza nas ações anteriores a doença, que não permitiria ela se proliferar, ou seja, tratar a doença como social e não natural.

Como foi demonstrado na introdução, uma das bases da biopolítica, era tratar os fenômenos naturais como sociais - aqueles que podiam e iriam ser combatidos -. Novamente, ligamos o discurso crítico de Teófilo às bases de um discurso biopolítico, demonstrando que o mesmo possuía características próximas.

> O governo havia contractado todos os médicos de Fortaleza, postos a disposição dos indigentes todas as, pharmarcias da cidade, mas todas estas providencias se annulavam em face da grandeza da epidemia. Os médicos cuidavam apenas, trabalhando noite e dia, dos quatro a cinco mil enfermos recolhidos aos lazaretos; os outros em numero mutissimo superior se acabavam no mais completo abandono. (...) Para dar mais carregados tons de tristeza, a cidade, à noite accendiam-se em todas as ruas vasos com alcatrão para que o fumo do pixe desinfectasse a atmosphera viciada pelos micobrios da peste. Este singular modo de desinfecção foi ordenado pela ingênua Camara Municipal, que pensava por este modo sanear a cidade. Os poderes públicos só podiam ter suffocado à epidemia se dispozessem de um instituto vacinogênico onde fosse preparada a vaccina animal. Assim em poucos dias seria vaccinada e revaccinada toda a população de Fortaleza (TEÓFILO, 1997: 18).

No trecho acima, o autor mostra que, mesmo com diversas medidas adotadas pelo governo, a única forma de combater a doença ainda seria a vacinação, visto que a mesma impediria que a moléstia contaminasse mais pessoas já que agora estariam protegidas. Todavia, isso não era possível, pois, o Ceará não dispunha de uma vacina de qualidade nem de um vacinogênico para fabricá-las.

Nesse trecho percebemos já um diferenciamento da escrita de Teófilo, se comparados a obra *Secas do Ceará*. Na obra de 1901, o autor fazia críticas ao Estado, mas sua preocupação maior estava nos fatos que ocorreram durante a seca, já aqui o autor crítica o Estado demonstrando o seu erro, aponta as medidas erradas e ainda demonstra qual seria a solução correta, deixando claro que na visão dele, o Estado não sabia administra a situação, logo, esse Estado não teria condições de gerir uma população para o progresso.

O farmacêutico demonstra que o combate do governo a varíola foi tão modesto que poucas atitudes foram tomadas, como: aumentar o numero de coveiros para dar conta do

aumento de mortos e a destruição de alguns abarracamentos da cidade como S. Luiz, Pajehú e Meirelles.

Em defesa dos funcionários que trabalhavam durante a epidemia, o autor busca apontar que os mesmos não tinham como contribuir em uma melhor assistência, visto que com relação à classe médica, não se podia prestar assistência de qualidade quando nem metade dos enfermos se encontrava instalados em instituições capazes de dar assistência completa. Além disso, para caracterizar a má qualidade, ele afirma que os coveiros chegavam a trabalhar embriagados, por conta das péssimas condições de trabalho. O mau odor dos corpos, o trabalho excessivo de carregar e enterrar corpos eram exaltantes.

A quantidade de dados fornecidos, através da obra, pelo autor para criticar o governo são grandes. Um exemplo simples, é durante o período de 23 de novembro a 31 de dezembro 1878, no qual a doença foi mais intensa. Foram curadas 416 pessoas e morreram 420, concluindo assim, que no Lazareto de Aldeiota morreram mais pessoas do que foram curadas, demonstrando que a capacidade da doença de matar era superior a capacidade do Estado de combater a mesma. E para, além disso, o autor traz um questionamento, se nos dados oficiais de onde havia assistência médica o número de mortos era superior ao numero de curados, então qual seria a situação da epidemia onde não havia assistência médica, visto que grande parte dos doentes não estavam internados devido à lotação das instituições.

O autor busca fazer um quadro geral da epidemia e da atuação do Estado, exibindo a falta de preparo, prevenção e nem conseguia fazer medidas para amenizar a doença.

Ao analisar a obra como um todo, percebe-se que o objetivo de discorrer da seca de 1877/1878 é demonstrar que, teoricamente, o Ceará possuía experiência com relação à doença e por isso deveria ter aprendido e iniciado o processo de vacinação evitando novas mortes, todavia, nada foi feito, dando subsídios para o autor a iniciar a vacinação.

> O governo e os particulares continuavam em sua criminosa indiferença a olhar para a permanência da varíola em Fortaleza como um factor muito natural e sem importância. A população mais culta, menos fatalista, estava, pode-se dizer, em sua mór parte preservada pela vaccina. O povo, a plebe, estes absolutamente não era vaccinado, estava immune apenas o que havia tido a peste. De 1890 a 1900, em dez annos que nasceram no Ceará, pode-se afirmar, não foram vaccinados a excepção de uma ou outra creança, filha de gente educada e bem nascida. Os demais seriam victimados na primeira epidemia. O governo do Estado não cuidava dessas minudencias e nem se apercebia que toda a incúria, mormente em matéria de hygiene publica, é de terríveis consequências (TEÓFILO, 1997: 49).

Percebemos que o autor fez uma forte crítica não só direcionada ao governo, como também à classe mais favorecida, buscando uma conscientização a respeito da instauração de políticas preventivas que não tratasse como natural os problemas que podem ser prevenidos, caracterizando assim, mais uma vez, uma crítica embasada nos moldes da biopolítica.

Ao longo do livro, notasse que, o que o autor gostaria mesmo não era apenas que o Estado se responsabilizasse pela população através de medidas preventivas, como também, intervisse na população vacinando e tornando-a obrigatória, para não haver riscos de epidemia, já que não haveria recusa. Essa noção nos faz aprofundar mais ainda a biopolítica dentro da crítica de Teófilo, vejamos:

> Foucault mostra ainda que a saúde está capturada num mecanismo maior que o do biopoder que tem por funcionamento integrar técnicas de dominação da vida através da gestão distributiva de forças sobre o corpo vivo. Dominação que se dá na forma de uma estatização da vida (ROZA, 2006: 29).

Ou seja, para Foucault, a biopolítica envolve ações na qual o Estado se torne responsável por essa vida através da aplicação de medidas de controle social, mesmo que seja na forma de dominação, para que assim se possa gerir não só os costumes, como também os corpos. Essa gestão dos corpos que Teófilo busca defender – a fim de cobrar do Estado a imposição da vacinação desejando que não só se praticasse - mas interfira através de um controle social. Logo, o que o autor aponta em seu discurso é a contradição de uma cidade, que busca ser civilizada, entretanto não prática medidas profiláticas nem cuida da população. “Abandonados completamente se viram os variolosos dentro de uma cidade com foros de civilizada. Todos fugiram delles até as associações de caridade” (TEÓFILO, 1997: 54).

Após contextualizar sua crítica, demonstrando que a população e o Estado cearense já haviam adquirido experiência com a epidemia de varíola da década de 1870, o intelectual demonstra que nem quando um médico, Dr. Pedro Borges, assumiu o cargo de Presidente do Estado em 1900, foi colocada em prática a vacinação.

> O anno [1900] tinha sido o mais secco de que havia memória, muito mais do que 1877, e os Poderes Publicos haviam completamente abandonado a população necessitada de soccorro. Por todos os vapores recebia eu as mais desoladoras noticias: a fome e a varíola estavam acabando com o Ceará (TEÓFILO, 1997: 69).

Figura 9 – Pedro Augusto Borges

FONTE: (TEÓFILO, 2001)

Nessa parte do livro, o autor começa a fazer críticas nas quais irão dar origem, ou pelo menos, iniciar o confronto de fato entre Teófilo e a oligarquia Acciolyna. Na tentativa de conscientizar o Estado da sua falta de atenção perante a população por causa da doença, Teófilo aponta várias críticas à gestão de Pedro Borges, correligionário de Accioly. Ao serem publicadas em 1904, o escritor passou a ser perseguido pelo oligarca. Devemos lembrar novamente ao leitor, que não é objetivo deste trabalho perceber se as críticas de Teófilo eram verdadeiras ou se o Estado realmente não praticava medidas profiláticas. Objetivamos aqui perceber o discurso de Teófilo, demonstrando que ele idealizava um modelo de Estado aos moldes da biopolítica. Lembramos ao leitor onde começou esse litígio, pois o mesmo é importante para entender essa idealização de governo e será analisado no próximo tópico.

Para apontarmos novamente o seu contato com os ideais europeus, caracterizando assim possíveis referenciais biopolíticas em sua obra, o autor novamente compara o governo cearense aos grandes Estados europeus, principalmente a Alemanha, França e Inglaterra.

> Foi incontestavelmente a Allemanha que melhor se aproveitou até hoje da maravilhosa descoberta de Jenner[15]. O governo deste grande paiz teve uma noção nítida e precisa do valor da vacina, como factor do progresso, engrandecimento de um povo, uma vez que cada cidadão valido representa uma parte da riquesa do Estado, e decretou a vaccinação obrigatória (TEÓFILO, 1997: 81).

Para embasar a importância da vacinação e da obrigação dela, o autor se referencia a Alemanha, por entenderem a importância de um cidadão válido, implantando a vacinação obrigatória. Perceba que, o autor não discorre sobre a Alemanha como um Estado que cuida de seus cidadãos, e sim, que quer ver um cidadão válido como uma parte da riqueza de sua riqueza, demonstrando novamente que o mesmo possuía uma preocupação com o progresso da sociedade e não o bem-estar da classe menos favorecida.

Nesse contexto da Alemanha, o autor narra que a consequência benéfica dessa media foi percebida na guerra franco-prussiana. Os dois exércitos desenvolveram varíola, porém 23 mil eram soldados franceses e somente 400 eram alemães, o que lhe deu vantagem.

É importante resgatar que, no período já era de conhecimento histórico que o império prussiano havia ganhado a guerra, isso quer dizer que, mostrar que a Alemanha obteve vantagem através da vacinação é afirmar indiretamente que um dos motivos da vitória pode ter sido a vacinação, tornando o argumento de Teófilo seja valioso.

Após a guerra, segundo o autor a medida obrigatória, que já era adotada no exercito foi levada para a população, que se beneficiou tornando quase que inexistente a varíola.

> A vacina era desde muito tempo obrigatória no exercito, mas isso não era bastante para a prosperidade da Allemanha. Assim a 8 de abril de 1874 o poder legislativo promulgou esta sabia lei: Sã submettidas a vacinação aintivariolica: Primeiro – Todas as creanças antes do fim do primeiro anno, que se segue ao nascimento, a menos que não apresente attestado medico, certificando que tiveram varíola; Segundo - Todos os alunos dos estabelecimentos escolares, públicos ou particulares, no anno em que attingirem a edade de 12 annos, salvo os que apresentarem attestado medico de que terem sido vaccinados com êxito nos cincos annos precedentes. Os effeitos salutares de tão sabia providencia foram notórios e manifestos. A varíola desappareceu da Allemanha. Em 1900, naquella culta nação com uma população de 54 milhoes de habitantes, apenas morreram de varíola dez pessoas! Em seu exército, em vinte e cinco anos, de 1874 a 1899, houve sómente um caso de varíola e este mesmo em um individuo, que havia sido vaccinado diversas vezes sem resultado (TEÓFILO, 1997: 82).

[15] Edw. Jenner foi quem desenvolveu a vacina contra varíola em 1796 no condado de Gloucestershire na Inglaterra.

Além da nítida exaltação de Teófilo pelo Estado alemão ter feito essa medida, ele busca através desse exemplo fazer uma apologia à obrigatoriedade da vacina, comparando com o Estado cearense, que se dizia buscar o progresso e a civilização, mas não se espelhava nessa grande civilização.

Demonstrando outro exemplo do comparativo com o Ceará, podemos citar a relação que o autor faz com a França, na qual apesar dele afirmar que é um país "vanguarda dos povos cultos" retardou o processo de intervenção através da vacina. Foi somente através da experiência de 1901, quando houve uma epidemia que contaminou mais de duas mil pessoas e matou 231, que o Estado europeu implantou a obrigatoriedade.

> O governo enfim convenceu-se de que a varíola não tinha mais razão de fazer victimas em uma população, que não fosse de todo Barbara, e compenetrado desta grande verdade fez promulgar em 4 de fevereiro de 1902 a seguinte lei: A vaccinação anti-variolica é obrigatória no curso do primeiro anno da vida assim como a revaccinação no curso do undencimo e do vigésimo primeiro anno. Os Paes e tutores são pessoalmente obrigados a execução desta medida (TEÓFILO, 1997: 84).

Através desse exemplo, o autor apresenta dois argumentos. Primeiramente, a exemplificação de que as grandes civilizações nas quais a população cearense se espelhava optaram por essa medida, entretanto ele demonstra também, que a França aprendeu com a experiência, e só após um grande surto em sua população é que foi aprovada a obrigatoriedade, diferentemente do Ceará, que não realizava se quer a vacinação.

Ainda na intenção de defender a vacinação obrigatória, a partir dos exemplos estrangeiros, ele busca citar a Inglaterra, porém com o exemplo contrário, que seria a consequência deles abolirem a vacinação obrigatória.

> Uma propaganda tenaz levantou-se contra o salutar preservativo e o resultado foi a celebre lei de 1898, em que o parlamento alterou o <Vaccinaction act> permittindo a isenção da vaccina ás creanças, cujo os pais ou tutores, affirmassem perante qualquer magistrado ter uma objecção de consciência, a tal preservativo. Este acto do parlamento inglez, accendendo aos caprichos mal entendidos de uma parte da população de Londres, deu inteiro ganho de causa aos anti-vaccionistas e dahi em diante muito poucos se vaccinaram na oppulenta capital (TEÓFILO, 1997: 84)

A consequência deste ato segundo Teófilo não foi só a diminuição das pessoas vacinadas, mas principalmente que em 1901 aconteceu uma grande epidemia onde não foi

possível impedir o avanço da doença mesmo o governo dispondo de verba e de um grande aparato público para combater a doença.

> Em campo todo o zelo e actividade da optima polícia sanitária ingleza, estabelecido o mais perfeito isolamento para os variolosos, em prática as mais severes, medidas hygienicas, tudo isso não impediu que fossem atacados cerca de dez mil pessoas fallecendo mil e quinhetas. O governo despendey neste serviço sanitário, mais de quinhetas mil libras esterlinas. (...) Os institutos vaccinogenicos foram reabertos e uma sociedade – Liga imperial da vaccina - fundou-se em Londres, com o fim de divulgar, quando possivel, a vaccina. A lição pelo que parece, aproveitou ao povo inglez (TEÓFILO, 1997: 85).

Esse último exemplo serve para demonstrar não só a importância da vacinação e de sua obrigatoriedade, como também que mesmo com todo o aparato de saúde e sendo uma dos Estados mais desenvolvidos do mundo, não puderam impedir que o surto de varíola se tornasse epidêmico. Na visão do autor a única forma de findar com a moléstia seria um Estado aos moldes da biopolítica, que intervisse na população e implantasse a obrigatoriedade da vacinação, impedindo seus cidadãos válidos fossem afetados.

A partir desse três exemplos, a problemática central pode ser evidenciada nitidamente nos escritos do farmacêutico, pois além de discorrer sobre uma ação que seria característica de um Estado biopolítico, ele se utiliza de exemplos de grandes Estados europeus, que segundo Foucault, desde o século XVIII passavam por uma discussão do papel do Estado perante a população, ou seja, a formação de um Estado biopolítico.

Ao longo da obra, o estudioso mostra, mais uma vez, o domínio e a tentativa de difusão do conhecimento científico, já que o mesmo não demonstra sua trajetória, mas narra desde as dificuldades encontradas para vacinar à população, o histórico do surgimento da vacina e chega a exibir como aprendeu e desenvolveu em seu laboratório a vacina, difundindo esse conhecimento. Ao tornar pública sua experiência, poderia ensinar ou, pelo menos, facilitar o aprendizado de outros cientistas que tomasse a iniciativa de fabricar a vacina antivariólica.

Por fim, podemos apontar uma última informação dada pelo autor, que encerra seu livro dizendo que finalmente não será mais obrigado a tomar para si a vacinação, já que em 1904 foi aprovada pelo Congresso Nacional a lei que obriga o governo a praticar a vacinação obrigatória. Ele relata criar expectativa para que nos anos seguintes o Estado também a ponha em prática. Todavia, quando o mesmo publica o volume dois desta obra em 1910, continua a

narrar sua vacinação voluntária constatando que o governo continuava a ignorar a importância da vacina, e o mesmo não menciona qualquer tipo de consequência desta lei no Ceará.

Sabe-se que historicamente em 1904, em virtude da obrigatoriedade da vacinação resultou na capital federal a revolta da vacina, na qual ao tentar impor uma vacinação sem esclarecer a população, resultando em uma das maiores revoltas da primeira República. Entretanto, estudos atuais como Nicolau Sevecenko (1984) e Sidney Chalhoub (1996), nos mostram que essa revolta foi, também, um movimento de resistência ao processo de remodelação urbana que a cidade passava.

O que chama a atenção é que o autor omite em seus escritos a revolta, bem como o fim da lei, talvez por apoiar a obrigatoriedade e temer que surgisse uma oposição a sua vacinação no Ceará, e de fato o autor não faz referencia em seus livros nem da atuação de Oswaldo Cruz nem das consequências desta lei.

A partir das duas obras analisadas neste tópico, é possível concluir que, a partir do inicio do século XX, Rodolfo Teófilo passou a desenvolver uma escrita na qual o autor construía uma serie de críticas ao Estado, apontando os erros e evidenciando os acertos, desejando assim que o Estado se tornasse um que pudesse levar o Ceará ao progresso, para isso, ele idealizava um governo que gerisse a vida da população, estudando as necessidades, prevenindo as doenças e intervindo na população para combater comportamentos que impedisse a evolução do Ceará. Isso quer dizer que, buscou-se demonstrar que essa idealização era de um governo nos moldes da biopolítica, inclusive ressaltando que o autor se utilizava de exemplos europeus, que passavam por esse processo biopolítico, para demonstrar a forma correta de o Estado agir.

No próximo tópico, veremos que sua escrita especializou profundamente na crítica ao Estado, entretanto porque o mesmo foi motivado por um litígio político. As obras que serão analisadas tratam de um recorte especifico da vida de Teófilo, no caso, sua oposição declarada a oligarquia Acciolyna, todavia, mesmo se tratando de uma briga pessoal, as críticas levantadas por ele são importantes para compreender a sua construção de um modelo de governo que caracterizamos como biopolítico, porque o mesmo busca mostrar o governo de Nogueira Acioly enquanto o maior retrocesso que ocorreu para o Ceará com relação a civilização e gestão da população. Logo, o objetivo é perceber justamente o oposto do que seria um governo civilizado para o farmacêutico, percebendo através da oposição o que seria sua idealização.

2.2. “O SR. PRESIDENTE DO ESTADO COM O SEU ACTO ARBITRÁRIO NÃO ATTENTOU SOMENTE CONTRA MEU DIREITO, MAS CONTRA OS DIREITOS DE TODOS OS CEARENCES”: A ESCRITA DE RODOLFO TEÓFILO NO COMABTE A OLIGARQUIA ACCIOLYNA (1905-1914).

A partir do tópico anterior, foi possível perceber que Rodolfo Teófilo já vinha levantando uma série de críticas à gestão cearense do período, contudo sem citar que a mesma pertencia ao grupo do oligarca Nogueira Accioly, entretanto, através da análise das fontes é possível perceber que houve um agravamento na relação entre o farmacêutico e o governante, ao ponto de se tornar um litígio, principalmente, após a publicação da obra Varíola e Vacinação vol.01 em 1904. Aqui utilizaremos como pano de funda essa briga para demonstrar a problemática central deste trabalho, que seria a influência de um saber científico para criticar, cobrar e até mesmo idealizar um governo para que ele possuísse parâmetros calcados em um modelo biopolítico europeu.

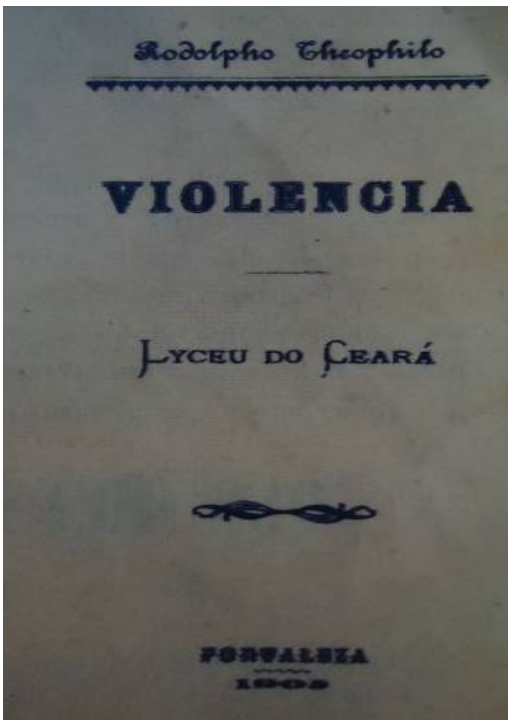
A primeira consequência desta briga vem em 1905, após o Presidente do Estado Nogueira Accioly destituí-lo do cargo de Professor Vitalício do Liceu ará. Como desdobramento desta situação Rodolfo Teófilo irá publicar a obra Violência (1905), denunciando o fato:

> Rodolpho Theóphilo, em violência, oferece à opinião pública fartos argumentos e provas irrefutáveis a comprovar as burlas, a atitude inescrupulosa, o manejo privado do aparelho de Estado. Não é lícito concluir que assim proceda atendendo a motivação pessoal, ele próprio alvo de flagrantes injustiças. De fato, o que mobiliza sua destemida argumentação é qualificar quão violenta é a prática política que empalma o poder público no Ceará de então (GONÇALVES, 2005: XIII).

Dada tal visão de Adelaide Gonçalves, percebemos a intenção do autor vai para além de tornar público a injustiça sofrida, como também, atacar o oligarca e mostrar como o Estado cearense estava corrompido. Essa construção da visão da imagem de Accioly é importante para compreendermos sua escrita, visto que é perceptível que sua briga com o oligarca vai ser umas das influências para a criação e idealização de um governo calcado no modelo biopolítico, já que ela apresenta em suas obras, que além de ser o maior atraso que já houve na história do Ceará, palavras do autor, a oligarquia é exatamente o oposto de um governo civilizado, e era justamente o que o Ceará precisava para atingir o progresso. E isso é o que pretendemos explorar neste tópico, assimilando assim, não quem tinha razão no litígio, e sim

perceber como foi dada sua influencia na construção de um ideal de governo biopolítico, exatamente por ser oposto a isso.

Figura 10 – Livro Violência



FONTE: (TEÓFILO, 2005)

O livro começa com a seguinte narrativa:

> O acto do sr. presidente do Estado designando à mim, professor vitalício da antiga cadeira de mineralogia, geologia e meteorologia, do Lyceu do Ceará, em disponibilidade, para reger a cadeira de lógica, no mesmo Lyceu, obriga-me a vir a imprensa uma vez que aquelle magistrado nem siquer dignou-se fundamentar os despachos que deu nas petições, que lhe dirigi reclamando contra semelhante designação, e me tem negado todos os meios de defeza.(...) Nada mais commodo e sumario para um magistrado á quem se recorre de um acto seu do que dizer- *não há que deferir*. Foi esse o despacho que o governo lançou na petição em que eu pedia a reconsideração de um acto contrário a lei e que feria os meus direitos(TEÓFILO, 2005: 03).

Acima, Teófilo demonstra seu motivo pessoal de escrever o livro: denunciar o “crime” de retirar ele de uma cadeira na qual ele era professor vitalício e sem embasamento de qualquer lei. Todavia, ele vai mais a fundo demonstrando os motivos que o governo alegou perante a população que seria fazer uma reforma no seu ensino.

> A actual reforma do Lyceu do Ceará não teve por fim melhorar o ensino, mas a collocação de parentes do sr. presidente do Estado e de seus filhos, o que me comprometo a provar. O Lyceu, equiparado ao Gymnasio Nacional, por elle modelado, não podia ser reformado uma vez que não foi o Gymnasio: Reformar um estabelecimento de instrucção, entende se alterar o seu programma de ensino, augmentar ou diminuir o número de suas disciplinas, modificar de qualquer modo o seu regulamento. O que se fez com o nome de reforma no Lyceu do Ceará foram as nomeações de dois professores effectivos, um supplementar, a minha designação, transferencias de professores de uma para outras cadeiras e uma demissão (TEÓFILO, 2005: 04 e 05).

Vemos que o professor de fato, começa a mudar sua narrativa sobre o governo, diferente do que já foi abordado no tópico anterior, já que o mesmo busca acusar diretamente a oligarquia. Primeiramente, ele busca derrubar o argumento de que foi feito uma reforma educacional no Lyceu, quando na verdade, no seu ponto de visto, se não foi mudado o regulamento, nem a quantidade de disciplinas, tal acontecimento não poderia ser chamada de reforma.

Antes de falar sobre o seu caso específico, Teófilo mostra ao leitor que essa reforma não passava de uma política de cargos. Inicialmente, ele discorre sobre o professor Francisco Marcondes Pereiram, que ensinava a cadeira de aritmética e álgebra, e que o considera como um dos melhores professores da instituição, o que o tornava, na opinião do farmacêutico, difícil de substituir.

Ele narra que Marcondes Pereiram foi avaliado por uma comissão médica e considerado inválido passando a ser aposentado, entretanto o autor o considerava lúcido e acusa o Estado de tê-lo aposentado na intenção de abrir vagas na instituição para colocar outros correligionários. É relevante lembrar como era comum o governo Acciolyno ser acusado no período por diversos intelectuais, tais como, Antônio Sales, Frota Pessoa, Waldemiro Cavalcante e João Brígido de crimes como nepotismo e de colocar seus aliados em diversos setores públicos, garantindo o controle da máquina estatal (CORREIA, 2013).

Outro aspecto demonstrado pelo autor é o regimento interno do Liceu:

> Art. 56. O provimento effectivo em qualquer das cadeiras do Lyceu for-se-há mediante concurso, excepto a de desenho, que será provida pelo Presidente do Estado. Art. 57. Verificada a vaga de uma cadeira, será o concurso annunciado pela Directoria, que marcará para as inscripções, o praso de sessenta dias em edital publicado pela imprensa(TEÓFILO, 2005: 11).

Ao mostrar o regulamento, Teófilo acusa o governo de ter passado por cima da lei, já que em seguida é mostrado que havia cadeiras disponíveis e essas foram preenchidas por nomeação, exemplo disso é a cadeira de história natural, aritmética e álgebra.

> Para a primeira (história natural) foi nomeado professor effectivo, o pharmaceutico Francisco Borges de Moura, que embora as suas aptidões, o seu preparo, jamais conseguiria tal collocação, se não fosse ser concunhado do dr. Thomaz Pompeu Pinto Accioly, filho do sr. Presidente do Estado. Para a cadeira de arithimetica e algebra foi nomeado o sr. Claudemiro Figueira, cuja habilitações ignoro, chegado no Ceará há pouco tempo, sem ser diplomado por academia nacional ou estrangeira, mas que é concunhado do sr. dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly Filho (também filho do Presidente do estado) (TEÓFILO, 2005: 13).

Teófilo demonstra que, o governo não só passou por cima do regulamento da instituição, como fez isso, intencionalmente, para colocar correligionários nos cargos. A vontade do autor com esta denúncia, não é só demonstrar o favorecimento e o desrespeito as normas, mas também mostrar o descaso do governo perante a educação, notando assim, na que se não havia preocupação com a educação dos cearenses, que era uma forma de fazer a população conhecer razão e assim atingir o progresso, como então, fazer o estado civilizar-se. Então, perceberemos que, o autor vai de oposição à noção idealizada de civilização que Teófilo possuía.

Contudo, deve-se destacar o ponto principal da obra e explicar para a sociedade o crime de tirar os vencimentos de Rodolfo Teófilo do Liceu do Ceará. Nesta obra, apesar de possuir um tamanho pequeno de 67 páginas, o escritor traz uma série de transcrições dos documentos do processo para provar ao leitor que Accioly cometera uma violência. E ainda explica que, na verdade, tal acontecimento foi um atentado de vingança para tentar prejudicá-lo.

> Para a cadeira de lógica (também sem professor), em falta de concunhados, fui eu designado. Este acto do governo, conforme affirma-me alguns de seus amigos, só tinha um objectivo tirar-me os vencimentos como professor do Lyceu. O governo sabia que eu não me sujeitaria a reger outra cadeira que não fosse a que regi no Lyceu; e assim em vez de nomear me para história natural[16] nomeou-me para lógica (TEÓFILO, 2005: 15).

Diante desse ato do governo, o professor se recusou a lecionar em uma disciplina na qual não tinha preparo, entretanto o governo aplicou o art. 99 do regimento, que afirmava que

[16] A cadeira de história natural foi uma fusão da cadeira de mineralogia, geologia e meteorologia ministrada por Rodolfo Teófilo com a cadeira de biologia ministrada por Helvecio Monte que também foi aposentado.

em caso de um professor não aceitar lecionar uma disciplina que foi designada, o mesmo perderia todos os vencimentos.

A partir de tal perca, Teófilo protesta, visto que ele era professor vitalício de uma das disciplinas - que deu origem a de história natural - e mais, o professor havia sido aposentado, assim, era de seu direito a cadeira lhe pertencer. Além disso, por não ter preparo, ele não possuía condições de lecionar a cadeira de Lógica.

> O sr. Presidente do Estado com o seu acto arbitrário não attentou somente contra meu direito, mas contra os direitos de todos os cearences. Hoje sou eu a victima, amanhã serão até os altos representantes do ministério publico. Que valor pode ter a justiça em uma terra onde o magistrado mais graduado é demissível? Digo demissível, porque hoje no Ceará a palavra – vitalício – é uma palavra vã. Este arrocho em que vivem os cearense, que não fazem côro com os engrossadores do governo, dá uma ideia nítida e perfeita da má orientação do sr. presidente do Estado Querer governar pelo terror é a tarefa inglória e que tem tido algumas vezes resultados funestos. (TEÓFILO, 2005:64)

Fica então perceptível que, a escrita do autor já passou por uma mudança, tomando direcionamento à imagem de Nogueira Accioly, e a partir disso, ele irá publicar outras obras com esse aspecto de libelo. Todavia, a próxima a ser publicada nos traz, novamente, aspectos do modelo biopolítico contidos na escrita de Teófilo, mais voltado para a crítica à oligarquia.

É nesse contexto de conflito, quando se publica o segundo volume da obra Varíola e Vacinação, onde o autor descreve ter sentindo a necessidade de mostrar à sociedade o que ocorreu com sua vacinação após a publicação da primeira obra em 1904 e os problemas gerados pelo governo.

Figura 11 – Livro Varíola e Vacinação VOL.02.

FONTE: (TEÓFILO,1910)

O livro inicialmente começa com um capítulo chamado “Juizo da imprensa” mostrando algumas reportagens de nível nacional para apresentar a repercussão da vacinação e do livro de Rodolfo Teófilo no país. Nota-se uma clara intenção do autor de demonstrar que fora do Estado cearense, o seu trabalho foi reconhecido, sendo importante destacar para o leitor, o discurso desses jornais e perceber a intenção do autor ao destinar 43 páginas do livro à transcrição destas reportagens. Ao longo do livro, procura-se demonstrar que, diferente da imprensa nacional, o governo cearense teve um reconhecimento oposto a sua vacinação.

Abaixo, destacamos dois trechos dessas reportagens que aparecem no livro pertencente a periódicos das cidades mais importantes do Brasil:

> O benemérito e philanthropico sr. Rodolpho Theophilo, que allia aos dotes do seu bondoso coração a circunstancia de ser um homem de sciencia, um naturalista e ao mesmo tempo um dos mais distincitos homens de letras que o Brasil (...) acaba de publicar um livro- Variola e Vacinação no Ceará – que é o argumento mais eloquente e poderoso que se pode apresentar aos que combatem a caccinação pondo em duvida seus benefícios effeitos. (Editorial da *Folha Nova*. São Paulo, 27 de dezembro de 1905. APUD: TÉOFILO, 1910: I-II)

> O Senr. Rodolpho Theophilo é um nome vantajosamente conhecido nas letras brazileiras. Mais de um romance de costumes do norte cuidadosamente estudados, deu-lhe notoriedade no circulo dês que se preoccupam com as bellas letras. Nenhum dos seus livros, porem, lhe dará o triumpho moral que lhe vale o que agora nos chega as mãos: é uma pequena brochura de cerca de 250 páginas, impressa em papel comum, de distribuição gratuita, que se intitula – Varíola e Vacinação no Ceará. (Editorial de *O Paiz*. Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1905. APUD: TÉOFILO, 1910: VIII)

De fato, a partir do comparativo dessas citações, percebe-se que o autor buscou, não só trazer a visão da imprensa nacional sobre o seu trabalho, como também fazer um recorte de reportagens que exaltavam a sua atuação e a sua produção. O escritor enumera seis reportagens, sendo uma de cada um dos periódicos: *Folha Nova* da cidade de São Paulo; *Diario de Noticias* da cidade da Bahia; *O Paiz* da cidade do Rio de Janeiro; *Diario de Pernambuco* da cidade Recife; *A Republica* da cidade de Natal; e *Annaes* da cidade do Rio de Janeiro também. Podemos compreender que, ele procurou destacar como a região sudeste, principal eixo político e econômico do país e a região do Brasil, posicionaram-se sobre o seu trabalho, exemplo disso no nordeste é Pernambuco:

> Rodolpho Theophilo não é simplesmente o conhecido inventor de uma serie de preparados pharmaceuticos muito apreciados no paiz e no extrangeiro, não é somente o adorável philantropo sempre disposto a pratica do bem, a repartir o que possue com todos os pobres que lhe batem a porta; é uma reputação feita nas letras brazileiras, um esforçado cultor das sciencias naturaes, ao mesmo tempo um primoroso belletrista, auctor de não pequeno numero de romances, todos cuidadosamente escriptos e bem engenhados.(...) O inestimável livro de Rodolpho Theophilo se intitula – Variola e Vaccinação no Ceará – e foi impresso para ser distribuído gratuitamente, o que dá a justa medida do grande coração de seu auctor, que ainda uma vez se fez credor do reconhecimento de seus concidadãos. (Editorial do *Diario de Pernambuco*. Recife, 05 de março de 1905. APUD: TÉOFILO, 1910: XVII)

Observa-se claramente no discurso destes jornais, a exaltação da imagem do farmacêutico e de seu trabalho. O que buscamos mostrar é que, apesar dessa situação, que se refere à imagem dele próprio, Teófilo volta a construir uma imagem de que Acioly foi o maior retrocesso para a história do Ceará - com relação ao progresso -, visto que devemos pensar na estratégia de montagem do livro para o leitor, pois antes de apresentar seus argumentos, os quais atacavam a oligarquia e demonstravam os empecilhos que ela criou contra a sua vacina, ele buscava construir, por meio dessas reportagens, que fora do Ceará, nas principais capitais

brasileiras, o seu trabalho era reconhecido, trazendo assim uma contradição entre as atitudes de Acioly.

> Fez de sua [Rodolfo Teófilo] casa um posto vaccinogenico, em horas annunciadas, porque as outras cabiam ao trabalho afanoso das ruas, dos arrabaldes, de casa em casa, ouvindo as brutalidades dos ignorantes, a relutância dos imprecavidos, o motejo perverso dos máos! Mas não desanimou porque possuía a fé dos legítimos apóstolos no valor da sciencia que pregava e contava com os benefícios resultantes dos esforços desenvolvidos (*Annaes*. Rio de Janeiro, 21 de março de 1905. APUD: TÉOFILO, 1910: XXXVI)

Outro aspecto importante destas reportagens, é o detalhamento do trabalho de Teófilo, onde resumidamente, conta-se a trajetória de vida do autor, e também resumem o livro apresentando apenas trechos. Além disso, busca-se destacar o esforço feito por Rodolfo Teófilo na vacinação feita por ele de forma gratuita e voluntária, o colocando como um benemérito. É inquestionável o ato de caridade feita pelo farmacêutico, mas continuamos a destacar que a estratégia do livro é justamente mostrar que, fora do estado, até mesmo na capital brasileira, ele era exaltado, diferente das atitudes de Acioly que virão logo em seguida ao longo do livro *Varíola e Vacinação vol.2*. Todavia, devemos refletir a cerca do seguinte questionamento: quem escreveu essas reportagens?

> Ao rol dos cearenses beneméritos, em que figura entre tantos outros o denodado jornalista João Brigido, é de justiça juntar-se o nome de Rodolpho Theophilo, o talentoso e applaudido ronancista e cultor da sciencia de quem acabamos de receber a oferta da interessante brochura – Variola e Vaccinação no Ceará.(Editorial do *Diario de Noticias. Bahia*, 05 de março de 1905. APUD: TÉOFILO, 1910: XXVI)

Ao afirmarmos que o autor buscou selecionar reportagens e fazer um recorte a cerca da repercussão do seu trabalho, é considerável notarmos que muito desses periódicos poderiam ser de aliados/amigos de Teófilo, ou até mesmo de opositores da oligarquia, por isso fazem essa exaltação a cerca do livro *Varíola e Vacinação vol.1*. Um exemplo disso é a citação acima que diz: “Ao rol dos cearenses beneméritos, em que figura entre tantos outros o denodado jornalista João Brigido, é de justiça juntar-se o nome de Rodolpho Theophilo” (idem). Ao destacar João Brigido, juntamente com o farmacêutico, é essencial lembrar que esse outro intelectual era responsável pelo jornal *Unitário* - um dos principais jornais de oposição à oligarquia - demonstrando assim que o posicionamento do jornal baiano poderia

ser de afinidade com os opositores da oligarquia, ou até mesmo amigos, visto que se colocou como patamar de destaque dois dos principais nomes de oposição a esse governo.

Para contrastar com a visão destes jornais, já na primeira página do livro, assim como de característico da escrita do farmacêutico, logo foi apresentado o motivo central da escrita da obra:

> Hoje venho trazer ao publico os factos que se deram nos últimos quatro annos attinentes á minha propaganda. A sua publicação impõe-se não só como meio de mais divulgar o precioso preservativo da varíola, como desfazer inverdades deixadas aos posteriores nos archivos públicos, pelas auctoridades do Estado. (TEÓFILO, 1910: 03)

De início, apresentam-se diferenças entre o primeiro e o segundo livro sobre a varíola. Houve uma preocupação em apresentar as inverdades, na opinião dele, contadas pelo governo, entretanto, primeiramente, ele começa construindo seu discurso sobre o oligarca como um retrocesso:

> Fui testemunha ocular dessa grande epidemia [1878] e conheço a nossa defeza sanitária. Em matéria de hygiene publica temos andado para traz. Estamos mais atrazados do que em 1878. Naquella epocha tínhamos um lazareto para variolosos, a sotavento e distante da capital cerca de quatro kilometros, e leitos para tresentos enfermos. Esse lazareto, que era do governo geral, depois da República passou a ser próprio estadoal. Era um casarão de construcção solida que o desgoverno do Estado deixou ir abaixo e antes de cahir de todo foi demolido até os alicerces. (...) Sabendo da falta de um isolamento e do perigo de importarmos um doente de varíola, prosseguia activamente no serviço de vaccinação e pedia nos meus boletins mensaes ao governo do Estado que mandasse construir um isolamento. Eu sabia que não seria attendido, mas era de meu dever clamar contra semelhante incúria, uma vez que a varíola grassava nos estados vizinhos. (TEÓFILO, 1910:04)

Na citação acima, notamos novamente a crítica do autor com relação à saúde pública do Ceará, bem como a cobrança de um cuidado com a população, contudo aqui percebe-se o ataque à Nogueira Accioly, não como um governante que não geria a população, e sim como um que retrocedia, destruindo o pouco que foi construído por outros Presidentes do Estado.

A partir da falta de um local de isolamento dos variolosos, o farmacêutico, conta que, buscava o método da vacinação como uma forma de compensar não só o papel do Estado, mas o retrocesso também.

Para contrastar com a visão de Teófilo, o estudo de José Policarpo Barbosa nos mostra a situação que se encontravam os lazaretos[17] no século XIX, que eram responsáveis por isolar doentes de epidemias como febre amarela, varíola, e cólera; e endemias como a lepra[18].

> "enfermeiro prático" que tinha mais a função de vigiá-los do que mesmo de tratá-los. (...) Na realidade, o que chamavam de hospital [se referindo a Jacarecanga], não passava de uma casa de taipa coberta de palha, onde eram abandonados os doentes à própria sorte. (BARBOSA, 1994: 47)

Assim, reparamos que, apesar de Teófilo dizer que os lazaretos possuíam uma ótima estrutura e depois ficaram abandonados, o seu aparelhamento de fato não era dos melhores, comprovando assim mais uma vez, que apesar de pesar diversas denúncias de crimes contra a gestão da população, principalmente no setor da saúde, Teófilo busca construir a imagem de Acioly como um retrocesso, então, podemos concluir que há a intenção de criar essa noção ao tentá-lo comparar com administrações anteriores, comparações essas que recorrentemente aparecem em sua escrita.

Entretanto esses são detalhes da escrita do autor, de fato o foco central dele é o retrocesso ou crime contra população que foi cometido pelo jornal oficial da oligarquia ao publicar essa reportagem:

> A uma meningite, succumbiu hoje nesta capital, uma interessante creança, pertencentea distincta família cearense, chegada ultimamente do Maranhão. Estamos informados que a inditosa creança, fora, há poucos dias vaccinadas pelo Sr. Rodolpho Theophilo, e se achava ainda em plena erupção vaccinica, o que dá logar a bem fundadas suspeitas. (*A República*, 11 de Março de 1905. APUD: TEÓFILO, 1910: 07)

Depois de tal notícia, o autor conta que buscou esclarecer a situação na imprensa, contudo no dia 14 março de 1905 o jornal de situação publicou outra noticia, esta mais agressiva. O título da reportagem dizia "O charlatão" e tinha como objetivo afirmar que a intenção do jornal não era atacar o estudioso, e sim, demonstrar ao público o fato gravíssimo que havia ocorrido através da vacina e que o Rodolfo Teófilo, acunhado pelo jornal de "charlatão" não deveria criticar a atitude do jornal.

Diante de tais acontecimentos, Teófilo narra que pediu que o governo iniciasse uma investigação, que segundo ele nunca foi feita, para apurar o caso e a responsabilidade do

[17] Dos lazaretos existentes, apenas dois tiveram longa duração: Jacarecanga e Lagoa Funda (BARBOSA, 1994)
[18] Lepra: Atualmente denominada no Brasil de hanseníase.

farmacêutico. A partir desse fato ele nos introduz novamente o seu discurso demonstrando o retrocesso do estado perante a vacinação:

> O serviço de vacinação continuava a ser feito por mim em Fortaleza não só nos subúrbios da capital como em minha residência. A campanha de diffamação contra a vaccina por mim preparada, não produziu os desejados effeitos, parece. Outro tanto não posso dizer do interior do Estado. Lá o povo tem horror á vaccina. Raros os que se deixam vaccinar e os que o fazem é porque são contemporâneos da grande peste de 1878 em Fortaleza e viram os prodígios da vaccina. (TEÓFILO, 1910: 14)

O autor lembra-se do problema, já exposto no primeiro livro sobre a vacinação, a dificuldade de vacinar as camadas mais pobres da população e com pouco conhecimento cientifico – um dos empecilhos, era o medo da vacina -. Lembramos que o intelectual fez uma forte campanha na imprensa na tentativa de conscientizar a população letrada da importância da sua vacina e uma campanha também nas ruas, visando convencer as pessoas mais "ignorantes" a aceitar a vacinação. Com essa notícia, que de acordo com o autor, forjada, o governo põe em risco todo seu trabalho, demonstrando assim o lado retrogrado de Nogueira Acioly.

> Um dos meus auxiliares diz-me o seguinte: O povo já se deixava vaccinar de muito má vontade e agora com a notícia que deu a folha do governo da morte de um menino que V. S. vaccionou acabou de desconfiar e não se vaccina mais. Esta notica me acabrunhou; estava ferida de morte a minha propaganda de vaccinação no interior do Estado. (TEÓFILO, 1910: 16)

O que chama mais atenção dessa propaganda contra a vacina é o temor de que no futuro, se ele não tomasse nenhuma atitude, ninguém acreditaria em seus escritos, visto que jamais iriam acreditar que um governo pudesse ser tão oligárquico ao ponto de ser contra uma vacinação, que objetivava extinguir a varíola no Ceará, apenas para atingir um opositor. Isso mostra que, a preocupação de Teófilo ao falar da oligarquia não é apenas com a população, mas reafirmar mais uma vez a imagem de retrocesso desse governo para o progresso do Ceará.

Em sua defesa, o autor apresenta uma série de argumentos. Desde o fato, que durante um ano de vacinação pelo Ceará, não foi encontrado nenhum caso de meningite ou qualquer outra doença por causa de sua vacinação. Para atestar isso, ele pede aos seus aliados que o ajudaram na vacinação do interior, para mandarem por escrito um atestado de 12 de junho de

1904 a 12 de junho de 1905 narrando que não houve nenhum caso de doença provocado pela vacinação. Tais declarações ele transcreveu para o livro.

Esse litigo se estende também durante o ano de 1906, quando o relatório de inspetoria de Higiene, escrito por Dr. Menton de Alencar, busca dedicar uma parte, esta também totalmente transcrita no livro, a criticar Teófilo e sua vacinação. Ele acusava o intelectual não só de ter falecido um menino, mas de querer explorar a indústria da vacina em Fortaleza. Outras acusações são feitas, como: falsificar os vinhos de champanhe através da criação do vinho de caju[19] e da má qualidade do preparo da vacina de Teófilo. Além do mais, foi solicitado pelo inspetor de higiene o fechadamento do vacinogênico fundado por Teófilo, entretanto o governo não atendeu o pedido.

Para acabar com essas acusações, Teófilo teve que mandar em 1907 amostras para o Instituto de Manguinhos no Rio de Janeiro, onde o Dr. Figueiredo Vaconselos atestou a qualidade de sua vacina, dizendo que a mesma não produz efeito infeccioso obteve após vários exames o resultado de "MELHOR POSSÍVEL" (TEÓFILO, 1910:).

Posteriormente à essa declaração, o jornal parou de atacar sua vacina, contudo durante o processo a mesma assumiu para si o crédito da extinção da varíola.

> É com sincero prazer que registro o facto de se achar por completo extincta no Ceará a varíola, que, por muito tempo grassou entre nós como verdadeira endemia, fazendo avultado numero de victimas, sobre tudo nas classes menos favorecidas da fortuna. Para esse resultado, muito têm concerrido os esforços perseverantes do Governo do Estado, devidamente auxiliado, nessa obra meritória, por aquelles a quem incube a defesa da saúde publica (Mensagem do Presidente do Estado do Ceará 1906: 10).

Confrontando com os relatos do intelectual, reparamos que a maior crítica que ele faz ao governo é justamente a sua inércia, explanando assim uma desconstrução da imagem da administração feita pelo autor.

> Entrava em 1908 no oitavo anno de trabalho. As grandes difficuldades estavam vencidas e a semente plantada. O governo do Estado continuava em sua inércia; mas havia suspendido as hostilidades, não se occupando de minha propaganda. Eu ia me sentindo tíbio. Comprehendi então o grande

[19] Com o objetivo de fabricar uma bebida diferente, porém não alcoólica, Teófilo criou uma através da aplicação do processo de apertização, inventado por o cientista Appert, o vinho de caju, que posteriormente batizou por necta de caju e por ultimo de cajuína, afim de evitar a imitação da concorrência que fabricava produtos do caju com qualidade inferior e usavam esses dois primeiros nomes. Além do diferencial no processo, a mesma era bastante diurética, ou seja, era recomendado em tratamentos por o farmacêutico (SOMBRA, 1997). É importante salientar que ao ser acusado de copiar o champanhe o mesmo se esquiva da acusação na medida em que sua bebida não era alcoólica e o autor combatia o alcoolismo.

> valor do estimulo, do incentivo. Conheci que fazer o bem por amor somente do bem era tão selecta virtude que não era para mim aspiral-a. O que me estivumava até então era a guerra que os poderes públicos faziam á minha propaganda. Envaidava-me vel-os nullos deante minha obra (TÉOFILO, 1910: 112).

A citação acima elucida, não só novamente a crítica a falta de ações do governo, como também nos revela novamente a desconstrução de Rodolfo Teófilo, agora feita por ele mesmo, como um benemérito que praticou sua vacina em nome do povo cearense apenas. O autor admite que é carregado de uma intencionalidade, aquela vencer a oposição do governo e assim deixar o seu legado. Voltamos novamente, a problemática central deste tópico, que é demonstrar que Teófilo ao escrever essas obras sobre a oligarquia, tinha uma intencionalidade de construir a imagem de Nogueira Acioly como um retrocesso, isso significa na prática que, a sua experiência contra a oligarquia também serve de referencia para a construção de um modelo de governo biopolítico, já que o tema central desta obra é provar para o público que Nogueira Accioly e seus correligionários foram capazes de combater uma vacinação que era para o bem do povo cearense, apenas para atingir um crítico de seu governo.

Além do tema central, com relação à acusação de contaminar um garoto com meningite, a obra, assim como o primeiro volume, relata novamente como foi a vacinação em Fortaleza, principalmente a domiciliar, demonstrando que ele conseguiu vencer a "ignorância" do povo para vacinar, bem como "as mentiras" da oposição (TÉOFILO, 1910).

Figura 12 – Livro Libertação do Ceará.

FONTE: (TEÓFILO, 2001)

Contudo, a obra que foi ápice da crítica de Teófilo, e um de seus livros mais conhecidos é *Libertação do Ceará* (1914). Essa obra, assim como Sebastião Rogério Ponte mostra (PONTE, 2001), foi escrita no "calor dos acontecimentos", meses após a queda da oligarquia acciolina. A mesma, na qual corroboramos com Ponte, pode ser dividia em duas partes:

> Inicialmente, do capítulo I ao V, descreve com tintas indignadas a trajetória da oligarquia comandada por Nogueira Accioly entre 1896 e 1912, com todo seu festival de atrocidades: corrupção, nepotismo, fraudes, estelionato, assassinatos. Depois, do capítulo VI em diante [até o XIX], narra com cores esfuziantes a revolta popular fortalezense que, não suportando mais aqueles 16 anos de opressão, enfrenta a polícia e , após 3 dias de tiroteios, barricadas, trincheiras, depredações e mortes pelas ruas da capital, derruba Accioly em 1912 (PONTE, 2001: I)

Para melhor caracterização, podemos destacar que o livro que possui mais de quatrocentas páginas, foi publicado apenas dois anos depois e em Portugal, pois houve um certo temer com o fato de Acioly ter sido banido do Ceará para o Rio de Janeiro, entretanto muitos de seus correligionários ainda estavam atuantes no episódio conhecido como Sedição

de Juazeiro (CORREIA, 2013). Assim o livro narra de forma detalhada os fatos da deposição do oligarca, mas é perceptível em sua escrita os sentimentos aflorados devido ao calor do momento.

> Os ânimos estavam muito exaltados. O povo havia-se transformado. Eu o desconhecia. Não era mais aquelle carneiro que o Sr. Accioly tosqueava até arrancar a pelle. As reuniões continuavam na Praça do Ferreira sempre em crescente animação. A força de cavallaria, por sua vez, sempre embalada e postada em uma das faces da praça(TEÓFILO, 2001: 94).

A principal característica do livro, na escrita do autor, é fazer um relato para a posteridade de como foi o governo de Nogueira Acioly e como ele caiu. Além de reaparecer a característica do relato para que a posteridade saiba como ocorreram determinados fatos na visão do autor, buscando demonstrar que essa oligarquia foi o maior retrocesso para a história do Ceará, fazendo com que essa obra se torne o principal libelo contra Nogueira Accioly. Foi observado em outras obras que Teófilo já comparou a oligarquia com a seca de 1877, que era no período uma das maiores já ocorridas e mesmo assim, o Farmacêutico procura demonstrar que Accioly tornou a administração e seu aparelhamento de socorros pior. Nesse livro ele começa comparando a administração do oligarca com o governante anterior.

> O seu antecessor Dr Bizerril Fontinele, cuja administração em benefícios foi completamente nulla, havia deixado nos cofres públicos cerca de dois mil contos de reis, que foram mais tarde delapidados pelo governo do Sr. Accioly. (...) A sua única preocupação era deixar o governo ficando os cofres recheados. E fê-lo guardando como um usuário o seu thezouro (TEÓFILO, 2001: 01).

Ao contextualizar a entrada de Acioly no governo, o autor nos mostra que seu antecessor, Bizerril Fontinele, não pode ser considerado uma administração que não trouxe progresso nem retrocesso, sua administração foi nula e não houve investimento em setores necessários como: segurança, saúde, educação e etc. Em contrapartida, não desviou ou gastou o dinheiro público desnecessariamente. Ele simplesmente acumulou o dinheiro arrecadado nos cofres públicos.

> Não basta somente ser honesto para bem dirigir os destinos de um povo; são necessários outros muitos predicados que Sr. Bizerril não tinha. A prova incocussa d'isto é que, administrando a terra das seccas não fez uma aguada, um açude, uma barragem, (...)(TEÓFILO, 2001: 02)

Essa caracterização de Bizerril feita pelo intelectual nos serve para perceber que, apesar de criticar bastante a desonestidade de Acioly, para ele um bom governante que conseguiria administrar a população não só conhecer a terra que o administra e a partir de tal conhecimento combateria os principais problemas dela, no caso do Ceará, a seca. Ao discorrer sobre um modelo de governante, notamos novamente a idealização de Teófilo desse governante estar calcado na biopolítica, o seu ideal demonstra ser de um político que gerisse a população.

> Assumido o governo o Sr. Nogueira Accioly, encontrou o Estado nas mais lisonjeiras condições financeiras. (...) Muito se esperava do bom senso do Sr. Accioly, um homem velho, de suas luzes, não, pois era bem conhecida a sua falta de cultura. Em breve a desillusão foi completa: elle não tinha senso pratico, e, além d'isto, era desonesto. Elle devia conhecer as necessidades de sua terra, havia envelhecido n'ella, assistido durante meio seculo a todas as suas desgraças, a todas as suas glorias. Não as devia ignorar, e não as ignorava. Aquellas centenas de contos acumuladas no Thezouro [por Bizerril] o impressionaram, mas para o mal. Outro homem melhor orientado, culto e honesto, teria encontrado naquella reserva sagrada, um meio e fazer grandes melhoramentos ligando a elles o seu nome e portanto se imortalizado. Não o fez. A açudagem, que se impunha como medida inadiável de salvamento contra os effeitos das seccas, não cuidou dela. (TEÓFILO, 2001: 03)

Neste outro trecho podemos observar no âmbito da gestão, qual a visão de Teófilo sobre Nogueira Accioly. O governante encontrou o Ceará em condições favoráveis de se administrar, "devido a estações mais ou menos regulares tudo prosperava, o commercio, artes, indústria agricultura iam bem(...)" (TEÓFILO, 2001:02). Além do mais, encontrou segundo o farmacêutico, uma grande reserva de dinheiro que lhe permitiria investir na população, principalmente na seca, todavia foi fez o contrário, que além de ter ficado conhecido como nepotista e um violento combatente da oposição, também cometeu vários crimes de desvio de dinheiro, crimes esses já denunciados em obras publicadas anteriormente a de Teófilo. Esses livros pertencem aos intelectuais: Frota Pessoa (1910) e Martin Soares (1911) - esse segundo sendo pseudônimo de Antônio Sales -.

O primeiro crime a qual Teófilo discorre no livro, foi o peculato das pontes. Episódio que o oligarca comprou da França, pontes de ferro para serem usadas nas ferrovias do Ceara, elas tinham a intenção de ser um símbolo do progresso, por fazerem parte da arquitetura de ferro européia e exportada para o Ceará, assim como o Teatro José de Alencar - também construído na administração de Acioly -. Claudia Silva nos mostra como ocorreu a compra dessas pontes:

> [...] O governo [Acciolyno], na ânsia pelas comunicações, partiu para a construção de seis pontes de ferro, encomendadas na França pela casa Boris Fréres, que na época era o maior estabelecimento comercial de importação e exportação instalado na Capital. Cinco dessas pontes seriam destinadas ao rio Pacoti e uma para o rio Maranguapinho. Esses rios eram periódicos e secundários, com pouco trânsito, ficavam a 40 km de Fortaleza. [...](SILVA, 2015: 154)

O que tornou essa compra um escândalo no período é que, além do governo não ter recebido todas as pontes, apenas fragmentos, houve superfaturamento na compra, como mostra Teófilo:

> A compra de materiais para pontes, feita no estrangeiro, foi um peculato. A imprensa se occupou largamente deste escândalo, ficando provado pelas certidões da Alfândega e Secretaria da Fazenda, publicados pelo Coronel Agapito Jorge dos Santos, que os materiais para as seis pontes custaram pouco mais de noventa contos de reis e dos cofres públicos, sahiram para o pagamento destes cerca de oitocentos contos de reis. O saldo deixado nos cofres pelo Sr. Bizerril devia desaparecer, não em obras de servidão publica, mas em esbanjamentos (TÉOFILO, 2001: 07).

O relato acima chama atenção não só pela acusação de peculato, na qual Accioly retirou dos cofres públicos em torno de 800 contos de reis, quando na verdade ele só havia pagado 90 contos de reis, entretanto no ponto de vista de Teófilo investir em pontes era um esbanjamento, pois Ceará passava por problemas mais sérios como a seca. “E por ironia, quem sabe, antes de cuidar de reter água que cahia do céo, comprou materiais para construir pontes. (TEÓFILO, 2001: 07)”.

Assim, mais uma vez, comprovamos o ideal de governante para Teófilo, alguém que deveria se preocupar com os problemas da população, gerindo-a para o progresso, e não construir obras de esbanjamento que não terão servidão pública. Podemos inferir, assim como veremos no terceiro capítulo deste trabalho, o seu ideal de gestão envolvia administrar a população e não em obras que fariam o Ceará ser visto com um status de civilizada.

O farmacêutico também aborda outros crimes de desvio de verbas que envolvem a construção de obras, como o Telégrafo, na qual, com a ajuda de seus parentes, ele elevou o custo da obra e ao final entregou para a União, afim ela terminasse a obra, pois o mesmo havia feito trechos de forma que precisariam ser refeitos e já haviam gastos cerca de 800 contos de reis.

O escritor resume a primeira administração de Accioly (1896 a 1900) apenas com episódios de corrupção. Para falar da transição, Teófilo busca explicar para o leitor, como Pedro Borges, Presidente do Ceará durante 1900 a 1904, deixou de ser um opositor para se tornar apenas um correligionário submisso a Nogueira Accioly.

Neste momento, utilizando um tom mais sarcástico, Teófilo mostra que ao assumir o Estado, Pedro Borges reuniu a documentação necessária para denunciar Nogueira Accioly, que nesse momento ocupava o cargo de senador, porém:

> [Ao saber que Borges iria denuncia-lo] "O Sr. Accioly servindo-se da astucia, sua arma predilecta durante a vida inteira, enfermou e foi chamado como medico o Dr. Borges [que também era o Presidente do Estado]. A esse tempo não existia nos tratados de pathologia a entidade mórbida-traumatismo moral- e se existisse não era enfermidade para os nervos e para a moral do Sr. Accioly. (...) A cabeceira do seu antecessor [Borges] conheceu que ele havia sido chamado para concilia-lo, para dar seus cuidados como presidente, como chefe do Estado e não como médico. Dizem que o Sr. Accioli nessa longa conferencia mostrou ao Dr. Borges o que era a vida pelo lado pratico, a inconveniência de um rompimento com elle, elle que havia sido seu leal amigo. Pediu-lhe que se não separasse delle, que deixado o governo seria eleito senador e assim a vida lhe correria folgada e tranquila. O Dr. Pedro Borges accedeu, embellezado com o canto da sereia e para sellar aquele pacto entregou-lhe o celebre documento das pontes(TEÓFILO, 2001: 11).

O que o farmacêutico buscou expor é que o governante utilizou de acordos políticos para se manter no poder, fazendo com que em 1904, Accioly fosse eleito novamente Presidente do Estado e Borges Senador. Entretanto, o importante é perceber que Borges se tornou integrante do grupo oligárquico, o que faz Teófilo colocar a culpa de diversos incidentes do governo Estadual entre 1900 a 1904 em Accioly.

De tais incidentes, dois são bastante destacados no livro. O primeiro foi a supressão de 90 escolas primárias para a criação da Faculdade de Livre Direito em 1903, na qual o curso deveria ser visto como um progresso, visto que Fortaleza não possuía curso de Direito, contudo Teófilo não interpretava desta forma, assim como destacamos em nosso trabalho monográfico:

> Com os ideais civilizadores, a criação da universidade teria sido um avanço para o Ceará, porém Teófilo pensava diferente. Para ele era um absurdo acabar com 90 escolas primárias e assim afetar a educação do Ceará, principalmente, na opinião do autor, quando era para criar uma faculdade com o objetivo de que os filhos de Accioly pudessem se formar bacharéis (CORREIA, 2013: 62).

Além da acusação feita para Accioly, de buscar criar uma universidade tendo como um dos objetivos favorecer seus parentes e correligionários, o estudioso acreditava que para essa atitude iria desfavorecer a população, impedindo-a de ter acesso a educação, e consequentemente, o progresso.

Mais uma vez, frisamos o fato de Teófilo não ser apenas um benemérito que se preocupava com os menos favorecidos. Na realidade, ele idealizava um Ceará civilizado e desenvolvido, e para isso, deveria existir um governo que gerenciasse a vida da população guiando-a para esse desenvolvimento. O que apresentamos aqui, novamente, é que Teófilo quer não só mostrar a corrupção do governo, mas a falta de interesse de cumprir o seu papel que era, na visão do farmacêutico, instaurar um governo, que nós buscamos evidenciar como biopolítico.

O segundo fato que, recebe destaque na administração de Borges, mas que Teófilo liga à imagem de Accioly foi a carnificina de 03 de julho de 1904[20], quando os catraieiros entraram de greve na capital, entrando num confronto sangrento com a polícia. Consultando o trabalho de Nágila Morais, podemos compreender a repercussão deste conflito:

> No Jornal *O Unitário* do dia 04 de janeiro, Hermenegildo Firmeza afirmou, no artigo intitulado *3 de janeiro*, que Pedro Borges já não era moralmente o Presidente do Estado, pois não contava com o apoio do povo. Relatava que o comércio ficou fechado durante três dias, a força policial estava nas ruas e a dor do povo que enterrava as vítimas no cemitério, reunindo até 2000 pessoas, que clamavam por justiça (MORAIS, 2009: 84).

Antônio Sales em seu libelo de 1911, também relata o confronto entre os policiais e os catraireios como uma verdadeira carnificina, reafirmando o comportamento agressivo da polícia que representava o controle estadual.

> Quando o fogo cessou, estavam cerca de oitenta pessoas cahidas no campo dessa bestial carnificina, seis mortos e os resto ferido. Deste ainda morreram alguns na Santa Casa, muitos tiveram braços e pernas amputadas. O povo, apanhado como trophêu sangrento, o cadáver do jovem Adelino Marques empregado do commercio, formou um imenso cortejo que se dirigiu ao palacio do governo para pedir justiça contra os assassinos (SOARES, 1911: 79).

Assim, como os outros opositores, Teófilo em seu livro, segue o mesmo discurso de que o conflito de julho de 1904 foi extremamente sangrento, e a polícia abusou de seu poder

[20]Mais informações em: (MORAIS, 2009).

contra a população, entretanto ele busca focar mais no comportamento dos policiais do que, propriamente, na situação população após o confronto.

> [Os policiais] Eram surdos á voz do commando. A custo aquietaram as feras, ficando mortas sete pessoas, e feridas mais de quarenta. (...) Para avaliar a pervesidade dos soldados, basta dizer que os que escapavam mortalmente feridos pelas crudelíssimas balas de Comblain, os scelerados acabavam de matar a arma branca. Este requinte de maldade ficou provado nos exames médicos-legaes feitos nos cadáveres das pessôas assassinadas (TEÓFILO, 2001: 14).

É fundamental lembrar que a polícia é um dos símbolos do controle da maquina estatal no período, logo, para criticar Accioly, Teófilo mostra o tratamento a polícia para com a população nesse episódio, como uma forma de exibir a falta de civilidade do Estado perante o povo, trazendo assim um antagonismo entre a ideia de progresso e o comportamento de uma das instituições do Estado.

Com isso, Teófilo faz alguns destaques à segunda administração de Acioly que começou em 1904, se estendendo apenas até 1912, pois em 1908 ele conseguiu legalizar a reeleição.

Como já apresentado, o foco do livro a partir do capítulo V passa ser a queda da oligarquia. Teófilo, explana que a queda do oligarca se deu por um conjunto de fatores, principalmente, a exaustão do povo pela repressão do oligarca e os escândalos de diversos crimes tais como: nepotismo, peculato e estelionato (PESSOA, 1910).

Devemos destacar que pouco se fala dos fatores que levaram a queda do oligarca como, a forte incitação da população contra o governo feito pelos os jornais de oposição *Unitário* e o *Jornal do Ceará* (ALENCAR,2008), o rompimento entre a aliança do governo Estadual com o a gestão federal, por meio da política das salvações do Presidente do Brasil Hermes da Fonseca (ANDRADE, 1994).

No livro, *Libertação do Ceará*, Teófilo revela para o leitor o inicio do processo de queda da oligarquia, discorrendo o começo de uma série de reuniões na Praça do Ferreira, no centro da cidade, onde se debatia a preocupação com as eleições de 1912, já que havia o temor do Presidente do Estado buscar aprovar uma nova lei que permitisse ele se reeleger novamente ou quem seria seu sucessor.

> Em uma dessas noites de reunião na Praça do Ferreira, passou o Coronel Raymundo Borges, comandante do Batalhão de Segurança e genro do Sr. Nogueira Accioly. Ia em automóvel e o povo deu-lhe uns assobios. Na seguinte noite passou pela mesma praça o Sr. José Accioly [Filho de

> Acioly], Secretário do Interior e o povo vaiou-o. (...) A revolução estava iniciada uma vez que o poder publico era vaiado publicamente (TEÓFILO, 2001: 88).

O autor narra o começo de uma série de reuniões na qual o nome de Franco Rabelo, candidato a oposição na eleição de 1912, ganha destaque e o governo responde a essas reuniões com um pequeno confronto que ocorreu com a polícia, ferindo alguns populares. Logo começou uma série de protestos e passeatas contra a oligarquia e o movimento foi se fortalecendo cada vez mais. Contudo, no início do ano de 1912 aconteceu outro episódio sangrento relacionado a polícia cearense. Tal fato causou uma revolta popular que, não só depôs o Presidente do Estado, como também o baniu do Ceará para o Rio de Janeiro.

Figura 13 – Marcos Franco Rabelo

FONTE: (TEÓFILO, 2001)

Para entender a revolta é importante destacar que a partir no início do ano de 1912, um grupo denominado de Liga Feminina Libertadora Pró-Rabelo passou a organizar uma série de passeatas que objetivava apoiar o candidato de oposição Franco Rabelo, todavia no dia 21 de janeiro de 1912, a Liga organizaram uma passeata de crianças, porém diferente das outras, esta foi reprimida pela polícia (ANDRADE, 1994).

Figura 14 – Retrato de Odele de Paula Pessoa militante da Liga Feminina Pró-Rabelo

FONTE: (SOMBRA,1999)

Esse fato foi o estopim da revolta popular, pois ao ver crianças sendo reprimidas pela cavalaria houve uma comoção e revolta para os opositores do governo. No relato de Teófilo, mais uma vez, ele demonstra a brutalidade da polícia atacando as crianças:

> Um destes matadores [a polícia] perseguia um menino de nove a dez annos. A creança vendo que seria alcançada e morta parou, e de joelhos pede que não a mate. O assassino calma e friamente aponta-lhe o revolver, dispara-o e o pequenino cae varado no peito por uma bala. O scelerado vendo o pequenino cahido gritou-lhe: levanta-te para cahir de novo. (TEÓFILO, 2001: 113)

Ressaltamos que Teófilo nesta obra expõe o oligarca como um retrocesso com relação à maneira de tratar a população, principalmente, quando se trata do comportamento da polícia, se referindo a eles como “selvagens” que simplesmente matavam a mando da oligarquia. Então, Teófilo, assim como diversos trabalhos acadêmicos, (ANDRADE,1994) (ALENCAR, 2008) (PORTO, 1993), revela que essa repressão da polícia fez iniciar esse movimento de deposição:

> O pranto das mães que áquela hora choravam em desespero a morte dos filhos. (...) Cá fóra a multidão rugia desesperada. Era a soberania popular que despertava de seu marasmo, que acordava depois de vinte anos de lethargia. Era chegado o tempo. O frudto tinha amadurecido e fatalmente cahira da arvore. A revolução estava na rua (TEÓFILO, 2001: 115).

Nesta citação, podemos ver novamente o sentimento do calor do momento refletido em sua escrita, como já caracterizamos anteriormente. O autor busca demonstrar detalhadamente os dias de confronto com a oligarquia até o momento que a casa do Presidente do Estado foi cercada e ele se rendeu.

É relevante ressalvar que, apesar do foco principal ser a crítica à administração do Accioly, principalmente no âmbito do tratamento com a população, o estudioso não deixa de criticar outros setores da administração, como educação e saúde. Podemos usar como exemplo uma passagem do livro onde ele busca afirmar que Teófilo foi um retrocesso para Fortaleza:

> Fortaleza antes do ultimo governo Sr. Accioly, era considerado uma cidade limpa e formosa. O seus foros de saluberrima corriam mundo, e isto attestam o grande numero de doentes de outros Estados, que procuravam a saude em seu abençoado clima. Foi isto em outros tempos quando os governos tinham uma noção clara e precisa de seus deveres e responsabilidades. Esta epocha desgraçadamente passou e Fortaleza tornou-se uma cidade immunda e insalubre. O lixo enchia as cochias e de algumas casas corriam aguas servidas, carregadas de detritos orgânicos, pelas sargetas, emprestando a atmosphera (TEÓFILO, 2001: 66)

A passagem acima, escolhida também para ser o título deste capítulo, retrata bem a problemática central com relação à oligarquia Acciolyna, na qual Teófilo demonstra que Nogueira Accioly, não foi só um corrupto que roubou o Ceará, mas um retrocesso que prejudicou setores que haviam crescido com outros governantes. Concluímos, que em seu ponto de vista, Acioly é uma das bases para compreender sua idealização de governo, justamente por ser o contrário do seu desejo para o Ceará. Essa noção de oposição ao progresso será melhor aprofundada no tópico um do capítulo três, quando será abordada a obra *Memórias de um Engrossador(1912),* que apesar de ser ficcional, traz uma reflexão à cerca da gestão Cearense em relação aos prejuízos que poderia causar ao progresso, e também foi escrita no contexto da oligarquia Acciolyna.

Apesar de *Libertação do Ceará*(1914) ser a obra principal sobre a oligarquia, ela não encerra o ciclo de obras críticas, posteriormente em 1915, Teófilo irá publicar outra obra envolvendo a oligarquia, o livro *A Sedição de Juazeiro*.

A sedição de Juazeiro foi um episódio da Primeira República brasileira, o qual, após a deposição de Nogueira Accioly, o Presidente da República, Hermes da Fonseca indicou como interventor do Ceará, Franco Rabelo com o intuito de enfraquecer o poder oligárquico local. Entretanto, em reação a isso, formou-se um movimento de oposição formada principalmente por Padre Cícero Romão Batista, vice-presidente eleito do Ceará e que buscava restaurar a influencia da família Acioly. Além disso, o movimento contou com o apoio de Floro Bartolomeu, deputado federal e o Senador Pinheiro Machado, que possuía forte influência na política nacional.

Essa oposição gerou uma revolta na cidade de Juazeiro do Norte, onde Padre Cícero possuía também o cargo acumulado de intendente da cidade. Em resposta a esse evento, o governo estadual enviou tropas que foram derrotadas, fazendo com que o movimento se dirigisse para a capital onde o Presidente do Estado Franco Rabelo foi deposto.

Figura 15 – Livro A Sedição do Juazeiro

FONTE: (TEÓFILO,1960)

Diante desses acontecimentos, Teófilo escreveu e publicou uma obra relatando os detalhes desse movimento, contudo fica claro o seu posicionamento em defesa do governo de Franco Rabelo e a crítica ao movimento de oposição. Apesar de não abordar diretamente aspectos da gestão governamental, e sim do movimento, o escritor acaba levantando novamente críticas à família Acioly.

Mesmo não presenciando mais o sentimento de crítica feroz a oligarquia, ainda há algumas, como:

> Esta justificação manda a verdade seja confirmada. Os Acciolys haviam assumido o Governo paupérrimos, os bens hipotecados à Casa Boris Fréres. Anos depois, todos estavam tão ricos que edificaram os palacetes que o povo saqueou e incendiou durante a revolução (TEÓFILO,1969: 23).

De fato, esse livro não nos traz muita contribuição para querer perceber o objeto central da pesquisa, que é a crítica e a idealização de um governo com parâmetros na biopolítica européia. Podemos destacar poucos trechos como:

> O reestabelecimento da paz, da ordem no Ceará, seria possível se os que dirigem o Estado cumprissem os seus deveres, tivessem educação doméstica e cívica. São homens, em sua maioria, vindo das baixas camadas sociais, sem merecimento e com todos os defeitos de sua origem. Que esperar de tais indivíduos sem civismo, cujos pais e avós eram analfabetos, senão que, uma vez no Poder, opunham o direito da fôrça à fôrça do Direito? O atavismo tem de cumprir-se. (TEÓFILO,1969: 164)

O trecho acima chama atenção, já que em outros escritos de Rodolfo Teófilo, nunca havia exposto sua opinião sobre qual o perfil de governante o Ceará deveria ter com relação a sua origem financeira e familiar. Apesar de falar de forma bem genérica, sem citar nomes, é apontado que um dos problemas nas gestões cearenses é o fato dos políticos terem vindo de camadas sociais mais baixas e não de famílias tradicionais, ricas e cultas. É relevante frisar não só o perfil de político que ele acha ideal para o Ceará, mas a contradição em seu discurso, pois apesar de ser um grande crítico da política cearense, havia passado por muitos problemas financeiros, chegando a trabalhar de caixeiro, até conseguir se formar em farmácia.

Como Teófilo podia pensar idealizar e criticar a política estadual se o mesmo havia "vindo das baixas camadas sociais sem merecimento e com todos os defeitos de sua origem".

Realmente, sua origem merece destaque. Filho de um dos três únicos médicos do Ceará em 1850, contribuiu no combate de doenças como a cólera, mas por ter se tornado caixeiro havia tido origem nas baixas camadas sociais.

Além disso, voltamos a ressaltar que apesar de Rodolfo Teófilo ter ficado conhecido na história do Ceará como um benemérito defensor dos pobres, ele sequer tinha apreço a essa camada social, apenas pensava no desenvolvimento do Estado como um todo.

Partindo da análise do decorrer deste capítulo foi possível compreender o início e amadurecimento da escrita com relação a crítica ao Estado, formulando assim um ideal de governo que o farmacêutico em questão almejava para o Ceará.

Notamos que durante a oligarquia acciolina, mesmo antes do litígio, o autor já vinha publicando a respeito dos problemas que as administrações cearenses, de 1877 até Accioly, causavam a população cearense dada má administração, e principalmente por não aplicar medidas preventivas para combater as secas e a varíola.

Demonstramos também o aprofundamento de sua crítica durante o conflito com Nogueira Accioly, apesar do relato não ser deixado de lado, a crítica ao Estado era mais visível.

Não podemos negar que grande parte da crítica de Teófilo foi incentivada por sua oposição ao governo, bem como a perseguição sofrida, todavia no próximo capítulo, com o fim da oligarquia Acciolyna, será possível apresentar a continuidade de sua critica, apesar de certa proximidade com o governo de Liberato Barroso. Ademais, ele estendeu sua crítica sobre as secas até o governo de João Thomé.

Nesse capítulo, observamos a exposição de novos argumentos a cerca do combate às secas e a apresentação dos erros cometidos por essas administrações, e o intelectual continuou a amadurecer o seu modelo de governo ideal para o Ceará. O resultado disso foi a publicação da obra *O Reino de Kiato* (1922) - que será analisada no terceiro capítulo -.

3 "SOBRE O CEARÁ PESA MALDIÇÃO MAIOR DO QUE AS SECAS É A INÉPCIA E MÁ VONTADE DOS HOMENS QUE DIRIGEM A NAÇÃO E A FALTA DE PATRIOTISMO DE NÓS CEARENSES": ASPECTOS DA BIOPOLÍTICA NAS OBRAS *A SECA DE 1915* E *A SECA DE 1919*

Nesse capítulo, abordaremos as obras *A Seca de 1915* e *A Seca de 1919*, livros esses que possuem a intencionalidade também de criticar o governo e suas ações contra as secas, contudo diferente do capítulo anterior, essas não tem o caráter de libelo, como já foi explanado na introdução. Apontaremos o que chamamos de aspectos biopolíticos da escrita de Rodolfo Teófilo, suas sugestões e críticas no combate às secas pelo governo cearense.

Inicialmente, serão utilizadas as fontes oficiais para melhor compreensão da visão do governo sobre esse período e sobre o combate as secas[21]. Em seguida, desenvolveremos a escrita de Rodolfo Teófilo, dedicando um tópico para cada uma das duas obras citadas, discorrendo sobre a problemática central deste trabalho. Empregaremos alguns trabalhos acadêmicos (dissertações, teses e livros) já desenvolvidos sobre as secas de 1915 e 1919 para melhor indagar o discurso de Rodolfo Teófilo.

3.1 PREVENIR OU REMEDIAR: AÇÕES E INTERPRETAÇÕES DO GOVERNO ESTADUAL NO COMBATE AS SECAS E SUAS DOENÇAS (1915-1919).

No capítulo anterior ficou claro que até 1914, no que se refere a um dispositivo de higiene do Estado, capaz de combater os flagelos sociais através da precaução, não aconteceu grandes progressos, principalmente no Ceará, já que, como apresentado, não houve grandes investimentos do governo com relação à cautela de epidemias e secas.

Fábio dos Santos nos mostra um pouco do contexto nacional, nos auxiliando assim a entender a situação do Ceará. Segundo ele, no contexto da Primeira Guerra Mundial (1914), a maior cidade do Brasil, São Paulo, passou por um aprimoramento na higiene.

> Foi sob sua administração [Washington Luís] que foi regulamentada a lei que dividiu a cidade em sistemas de perímetros. O objetivo era criar mecanismos que permitissem legitimar as intervenções – fossem elas

[21] A intenção dessa parte seria, não só contextualizar o governo que tanto é criticado por Teófilo, mas mostrar sua própria visão, nos permitindo assim contrapor com o discurso do autor e perceber que sua escrita está diretamente relacionada com esse contexto. Ou seja, o objetivo não é fazer um apanhado do que foram as secas de 1915 e 1919 para o governo, mas buscar compreender o contexto que essas obras se inserem. Assim apesar da biopolítica ser pouco presente no primeiro tópico, ele é fundamental para compreender a biopolítica nos tópicos posteriores.

> públicas ou privadas – através das funções específicas que cada perímetro da cidade poderia acolher. Esta ideia remontava à consolidação da visão de cidade enquanto espaço destinado à produção imobiliária que se consolidava sob uma visão do engenheiro, do médico e do político que nela interviam assentados sob diferentes visões sobre como implantar "condições higiênicas e morais" requeridas pelo momento, as quais incluíam investimentos imobiliários lucrativos (SANTOS, 2011:155).

Essa divisão, de acordo com Fábio, permitiu que o Estado pudesse intervir de forma diferenciada em cada região, enxergando as necessidades diferentes, tornando mais promissor as intervenções higiênicas do espaço.

> As diversas frações de capital interessadas em conquistar novas atividades para valorização com a produção da própria cidade entraram em conflito. Estes conflitos foram acompanhados ao final do período por um ajustamento no enquadramento institucional responsável pelo saneamento no Rio de Janeiro. Este ajustamento tomou a forma da prestação de serviços públicos de forma direta pelo Estado. (...) Ao Estado coube administrar diretamente os serviços de infraestrutura, não apenas respeitando, mas garantindo aos capitais nacionais ali presentes condições de lucratividade privilegiada. (MARQUES,1995:65)

Na passagem acima, Eduardo Marques nos esclarece que ao final da década de 10 do século XX, o Rio de Janeiro também passava por uma remodelação no seu setor higiênico, com o intuito de trazer uma maior participação do Estado na saúde, já que o monopólio da empresa *City* foi interrompido pelo governo, passando a oferecer os serviços de saneamento.

O que ilustramos acima é como se encontrava o contexto nacional, principalmente das duas cidades mais importantes do país e tinham influência sobre o Ceará. Reparamos que no Brasil, durante esse período, existia um debate sobre a importância governamental na administração da higiene. Além do mais, segundo Fábio dos Santos (2011), devido a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), as influências da "Belle Époque" européia foram abaladas no Brasil, por esse continente se encontrar em guerra, dando início um processo de busca da nacionalização nas grandes cidades. É fundamental pensarmos como essa conjuntura influenciou também o Ceará, na medida em que se demandava não só um padrão europeu, como também um urbano higienizado.

Como demonstrado no capítulo anterior, o Ceará passou por uma disputa política que resultou na deposição do Presidente do Estado Franco Rabelo[22], deixando a cargo da governança ao Interventor Setembrino de Carvalho, por poucos meses (BARROSO, 1984). O

[22] A sedição de Juazeiro foi um episódio da história do Ceará, na qual um grupo político, ligado a oligarquia Acciolyna, derrotou as tropas federais e depós o Presidente do Estado Franco Rabelo.

administrador seguinte, Benjamin Liberato Barroso, que segundo Parsifal Barroso, apesar de ter um caráter “transitório” de um governo deposto, foi um governante que enfrentou grandes problemas com a seca de 1915.

Figura 16 – Benjamin Liberato Barroso

FONTE: (SOMBRA, 1998)

Ao comparar a realidade vivida nas principais cidades brasileiras com o trecho inicial da Mensagem do Presidente do Estado de 1915, observa-se uma “quebra” dessa aspiração de aumento da intervenção estatal no saneamento e na saúde pública:

> Está no domínio de todos a desgraça que nos tocou este anno. Embora avisado das seccas e acostumado às suas agruras, o nosso povo não tem e não poderá ter tão cedo a previsão necessária para prevenir-se e precatar-se contra os seus effeitos, porque nem todas as medidas de defesa estão em suas mãos. As observações registradas de seccas, em annos anteriores, através de pouco mais de um século, ainda não são sufficientes para trazer ao nosso espírito a segurança da fixação do tempo de sua realização (Mensagem do Presidente do Estado do Ceará de 1915: 05).

A partir do trecho acima é perceptível que o próprio Presidente do Estado admite a falta de investimentos de precaução contra as secas, ocasionando um novo flagelo social em 1915. Apesar disso, Frederico Neves (2014) mostra que a atuação no combate a esse problema se intensificou, surgindo fortes ações de caridade, principalmente pela Igreja

Católica e por setores interessados no processo de remodelação urbana, gerando um forte controle social por parte do Estado através dos campos de concentração[23].

Mesmo com a falta de investimentos cautelosos, a cidade começa a se mobilizar, não somente no combate à seca, como também para solucionar a "invasão" de retirantes na cidade, tendo em vista o interesse na remodelação urbana.

> A seca de 1915, portanto, ficou marcada por esta experiência, no relacionamento entre retirantes e habitantes, de isolamento e reclusão daqueles para o alívio destes. Um corte pode ser feito, então, marcando este momento em que a cidade procura proteger-se do contato com os miseráveis e fazer retornar a seca ao seu cenário anterior, o campo. (NEVES,2000).

Todavia, é fundamental ressaltar que apesar de toda a calamidade pública instaurada pela seca de 1915, o relatório do Inspetor de Higiene nos aponta que não houve, em números oficiais, nenhuma morte registrada por varíola, tal fato naquele período parecia ser uma novidade, já que as mortes durante as secas eram ampliadas em virtude da doença. Devemos salientar também que este documento dá crédito à vacinação de Rodolfo Teófilo, que promoveu efeito e diminuiu a quantidade de casos, impedindo infecções mortais. O inspetor chega a falar que tinha a intenção de contribuir no combate a varíola, contudo essa tarefa já havia sido vencida por esse farmacêutico. Logo, podemos inferir que, segundo o próprio relatório, o principal ganho com relação à prevenção contra o flagelo social, foi promovido pelo intelectual e não pelo Estado. Além disso, a mensagem do Presidente do Estado, no período, destaca a diferença de investimentos contra as secas durante a calamidade e durante a normalidade.

> Neste ponto a nossa imprevidência tem sido até criminosa porque, desde o Império, se gastam sommas enormes nos momentos de secca para socorrer as populações flageladas, certo de que, já a esse tempo, a sua pecuária tem desapparecido, Ao passo que com o serviço sytemático de obras contra as seccas em dez ou vinte annos, dependendo apenas um ou dois mil contos anuaes(...). Tem sido assim a história das seccas: Manifesta-se a crise, o Estado pede socorro, como agora succede, o governo federal providencia mandando fazer serviços ou dando esmolas como no império; vem o inverno, no anno seguinte, suspendem-se todos os trabalhos por aviso official, o povo corre para seus lares e todas as obras iniciadas e por concluir ahi ficam ao abandono, deteriorando-se, até que surge outra crise e

[23] Campo de concentração, também conhecido por abarracamentos, é uma expressão bastante utilizada nesse período, tanto nos relatórios da Inspetoria de Higiene, quanto na escrita de Rodolfo Teófilo, para definir as instalações do governo onde se abrigou os flagelados da seca. Lá, teoricamente, era fornecido trabalho, tratamento e fiscalização higiênica, o que não significa que funcionou na prática. O objetivo era separar esses retirantes do restante da cidade.

> restabelece o mesmo systema de nossa incapacidade technica e pratica (Mensagem do Presidente do Estado do Ceará de 1915, p 07-08).

Observa-se pela administração de 1915 o começo do surgimento de uma crítica ao modelo de combate às secas, como já havíamos visto no capítulo anterior, desde o império, a política estadual e federal é apenas remediar a situação, sem buscar qualquer tipo de prevenção, mostrando a falta de preocupação com a vida da população. Entretanto, nesta mensagem, diferente de muitos governadores que trazem a ideia de que foi feito o possível contra as secas, Benjamin Liberato Barroso aponta soluções para os problemas.

> É de conhecimento de todos que estudam esta região a solução do problema das seccas. Consiste na construção de grandes, médios e pequenos açudes, segundo a classificação da Inspetoria de Obras contra as Seccas, e respectivos systemas de irrigação, barragem dos rios, altos e de sub-solo, os poços profundos à margem dos caminhos, as estradas de rodagem e ferro-viarias. As barragens de sub-solo, nos rios e riachos, têm uma importância capital em todos os verões mais o menos prolongados e nas seccas, principalmente, porque represam água no leito dos rios, podendo ser utilizada para irrigação ou plantio de vasante; são pouco dispendiosas, fáceis de construir, pois basta atravessar o rio no trecho que passa dentro de suas terras, de barranco a barranco, nos pontos mais estreitos, com uma vala de largura de um metro mais ou menos, conforme a profundidade, cavada até encontrar pedra, piçarra compactada e depois emchel-a de barro massapé ou barro visguento, socado, até respaldar com o nível de leito arenoso do rio. (...) (IDEM:12).

Percebe-se então, que no campo do discurso o governante tem a intenção de combater as secas e tentar mudar a realidade, apresentando assim propostas que possam armazenar água até o fim das estiagens, não quer dizer que isso foi colocado em prática, como veremos posteriormente.

Com relação às doenças ao longo do ano de 1915, o Relatório do Inspetor de Higiene desse referente ano, nos mostra que nesse ano ainda houve vários casos de varíola, principalmente em Iguatú e Juazeiro do Norte. Vale ressaltar que essa é a epidemia mais temida em anos de seca, porque anteriormente ao processo de vacinação de Rodolfo Teófilo, era a doença que mais fazia vítimas fatais, visto que as outras enfermidades surgiam em menor proporção, devido às aglomerações em péssimas condições de higiene na capital, carentes de saneamento e durante as secas, aglomerava várias pessoas nos abarracamentos sem salubridade.

Esse relatório nos exibe que também houve outras doenças em 1915 como: “varicelle”, “sarampo”, “gastro-enterite infantil”, “cholera infantil”, “dyzenteria baccilar”,

“trachoma”, “lepra”, “tuberculose”, “febre amarela” entre outras. Essas doenças faziam várias vítimas, algumas fatais e sofriam pouco combate do governo.

Mesmo com o controle da varíola, houve muitas mortes na capital[24], em agosto foram 189, chegando 902 em dezembro, passando a decrescer em janeiro com o retorno das chuvas. Dos males que se alastraram, graças ao favorecimento das aglomerações dos campos de concentração, um se destaca no relatório de higiene, sendo fresponsável por 1424 mortos dos 1694 falecidos entre dezembro e janeiro na capital.

> Acausa de taes óbitos foram em sua imensa maioria as moléstias do apprelho intestinal que respondem por 1424 dos 1694 obitos de Dezembro e Janeiro sobre a natureza de taes moléstias, tão discutida entre profissionaes, estão se fazendo actualmente, por ordem desta Inspectoria, pesquizas bacteriológicas que dentro em breve dias aclararão definitivamente a etiologia, aliaz com muitos fundamentos já entrevista, para não dizer sabida (Relatório do Inspetor de Higiene de Maio de 1915 a Abril de 1916: 10.).

Apesar da diminuição de casos em 1916 e o fim da seca, o motivo dos retirantes voltarem para suas cidades - durante a seca transitou-se em torno de 70 mil retirantes pela capital (IDEM) – foi o fato da inspetoria demonstrar preocupação com esse surto e pedir ao Presidente do Estado medidas cautelosas com relação às aglomerações de retirantes.

Ainda com relação a 1915, é essencial não omitir a existência de outras figuras importantes, além de Rodolfo Teófilo, no combate as doenças em Fortaleza, um deles, também mencionado no relatório de Inspetoria de Higiene, é o médico Barão de Studart[25], promotor do combate à lepra.

> Em dias de Outubro procurou-me o notável homem de lettras e grande philantropo Dr. Barão de Studart e me comunicou que dispunha de uma pequena quantia destinada a construcção de um hospital para morpheticos. Bati enthuziasmaticas palmas a iniciativa e me puz ao seu inteiro dispor para tudo que de mim dependesse. Fizemos juntos enfadonhas excurções a Cavallo à escolha de um local apropriado ao tentamen. Achamol-o e o Ilustre Sr. Barão chegou a dar todos os primeiros passos, vencendo com sua admirável perseverança variadas dificuldades (..) Não se tratava de um isolamento perfeito,(...) mas uma enfermaria com os indispensáveis cuidados

[24] O relatório da Inspetoria de Higiene de 1915-1916 chega a estimar que morreram cerca de 26490 pessoas no Ceará ao longo dos nove meses de seca.

[25] Guilherme Studart, o Barão de Studart, foi um médico, intelectual, filantropo, historiador e letrado, que participou de diversas agremiações dentro e fora do Ceará, se destacando principalmente: na Academia Cearense de Letras; no Instituto do Ceará; e no Centro Médico Cearense. Engajado na área letrada, o mesmo escreveu diversas obras no período, dentre elas: *Datas e Fatos Para a História do Ceará*, escrito durante os anos de1896 a 1924, que registra vários acontecimentos que ocorreram no estado; e *Dicionário Bio-bibliográfico Cearense*, escritos durante os anos de 1910 a 1915, que faz pequenas biografias de grandes vultos da história do Ceará do período. Mais informações em: (AMARAL 2002).

> hygienicos aos menos para os leprozos indigentes que se vissem impossibilitados de trabalhar, coagidos pelas authoridades a abondonar a sua profissão ou officio.(IDEM:13)

O relatório mostra o papel exercido por Studart, indicando a participação de outro intelectual da área da saúde na atuação no combate as doenças. É fundamental salientar que esse tipo de iniciativa feita pelo Barão de Studart foi essencial para o período, visto que o tratamento para a lepra era bastante oneroso para um estado que possuía uma população tão "analfabeta", de acordo com o próprio documento.

Em relação aos serviços prestados pela Inspetoria de Higiene durante a seca, o relatório destaca: as inspeções em casas que estavam disponíveis para o aluguel; a garantia de água potável para a população através da fiscalização da coleta da água; o levantamento de estatísticas demográficas sanitárias do período; desinfecções de locais onde doentes foram encontrados, principalmente os mortos; execução da primeira fiscalização domiciliar, que acabava com irregularidades anti-higiênicas; visitas a escolas públicas e particulares na busca de fiscalizar a higiene; dentre outras atividades.

Com a superação do flagelo social de 1915, a Mensagem do Presidente do Estado do Ceará de 1916, de Benjamin Liberato Barroso, traz em grande parte do relatório os estragos da seca, mostrando que de agosto de 1915 a abril de 1916, surgiram 300 mil retirantes e 9% morreram no período. O relatório também traz novamente que, apesar de vários focos de doenças, não houve uma epidemia no período, especialmente de varíola, o que diminuiu os obituários.

Mostra-se que devido à ausência de políticas preventivas, a seca provocou muitos prejuízos ao Estado, destacando que não só a população sofre. Devido essa crise, a economia é prejudicada, com mortes do gado e dificuldades de plantio, e, sobretudo, com o governo gastando com saneamento, estrutura para os flagelados, reforço no atendimento hospitalares e nas desinfecções pela cidade, aumento da fiscalização sanitária, cuidado e enterro dos mortos e etc.

> Nestas condições, alinhando todas essas parcellas, temos para prejuiso total 90.350 contos, approximadamente, com a secca do anno findo. Esta somma collossal, calculada pelo mínimo, arrancada por anniquilamento da riqueza do Estado e da União, só por si basta e basta muito para impor aos governantes o dever inilludivel de olharem, não só para este Estado como para o Nordeste do Brasil, com o cuidado devido, sem medirem sacrifícios que, por maiores que venham a ser feitos pela União, em repetidos creditos, para obras contra as seccas, serão certamente bem menores do que essas de

> uma secca apenas (Mensagem do Presidente do Estado do Ceará de 1916: 10).

Na citação acima, claramente o governante não só está comovido pelos estragos da seca, como também seu discurso vai corroborar com a crítica de Rodolfo Teófilo em suas obras publicadas anteriores a 1915, como vimos no primeiro capítulo. Para esse farmacêutico, não bastava lutar contra a crise, era preciso prevenir, sobretudo por meio de obras que armazenassem água. Outro fator importante é perceber o prejuízo de mais de 90 mil contos utilizados em medidas paliativas numa tentativa de tentar remediar os problemas causados pela seca.

Apesar de ser produzida pelo governante do período, a Mensagem do Presidente do Ceará de 1916, denuncia a negligência dos governos anteriores perante o povo que sofria pelas secas, acusando, especialmente, a falta de investimentos e de comprometimento com prevenções de armazenamento de água.

Infelizmente, não foi possível localizar o Relatório de Inspetoria de Higiene de 1916, logo não podemos comparar o discurso de Benjamin Liberato Barroso desse ano a sua prática governamental de ações preventivas das secas, já que a mesma havia se findado. A Mensagem de 1916 faz menção em um pequeno tópico chamado “higiene sobre o combate as doenças”, afirmando a inexistência de enfermidade de caráter epidêmico atuando no Ceará, naquele período, entretanto, tece muitas críticas acerca da falta de aplicações em saúde, pois não existiam hospitais com boas estruturas de isolamento, principalmente por causa da tuberculose, bastante perceptível no período e a falta de recursos na assistência pública, impedindo uma melhor atuação do governo.

Na mensagem de 1917, do Presidente do Estado do Ceará João Thomé Saboya e Silva nos apresenta um cenário e um discurso diferentes. A calamidade que mais afetou o Ceará neste período foi o forte inverno, fazendo alguns rios aumentarem o seu volume e provocarem inundações, como, por exemplo, no Rio Jaguaribe. Ele também traz outro tom com relação à União, demonstrando que sua administração tinha uma boa relação com o governo federal, e que ambos desenvolveram uma parceria na prevenção contra as secas, visto que o Estado forneceu 20 mil reis e a União 100 mil para serem distribuídos aos municípios que incentivassem o plantio e distribuíssem sementes.

Figura 17 – João Thomé de Sabóia e Silva

FONTE: (TEÓFILO, 2001)

A mensagem mostra também a existência pelo Ceará, de várias obras contra as secas de responsabilidade federal que foram concluídas, como “o grande reservatório de Quixadá”, os açudes “Velame” e “Gayuba”, localizadas no interior do estado.

> Dos outros acudes subordinados á mesma inspecção, está concluído e vai ser entregue ao Estado o de Parazinho, situado no município de Granja, achando-se em construcçao, os de Mulungú e Patos nos municípios de Itapipóca e São Fransico de Uburetamama., o Bahú no município de Pacatuba, Caio Prado, em Santa Quitéria, (...) (Mensagem do Presidente do Estado do Ceará de 1917, p 11).

Notamos nesse documento, que o governo estadual procura enfatizar a importância da União no combate preventivo às secas, pois, após 1915, ela passou a atuar mais ativamente nas obras de captação e armazenamento de água. Não que Liberato Barroso em 1916 quisesse criticar o governo federal, porém em seu relatório não são apontadas colaborações, nem execuções de obras.

É importante frisar que Liberato Barroso transparece não querer atacar nem os governos anteriores, nem a união, apenas se defender para explicar porque seu governo se encontrava em tamanha calamidade.

No relatório de Inspetoria de Higiene correspondente ao ano de 1917, é relatado que o estado higiênico, apesar de não ser dos melhores, preveniu muitas mortes, se comparado aos anos anteriores. Em Fortaleza no ano de 1915, houve 3136 mortos ao longo do ano, em 1916 foram 4145, em contrapartida, no ano de 1917 esse número caiu para 1842 obituários na capital, segundo o documento.

Ao se fazer uma análise do relatório de 1917 e comparar com o de 1915, nota-se uma mudança total no formato da documentação, nesse ano, que não ocorreu seca, possuía-se uma estrutura mais médica, na qual informa as principais doenças detectadas no período, seus sintomas, seu contexto nacional e a quantidade de casos. Algumas doenças recebem um destaque maior, como a lepra, as quais são dedicadas 21 páginas no documento, apesar da afirmação que se comparado a outros estados como o Pará, a situação ainda não era tão grave. O relatório chega a assegurar a existência no período um leproso a cada mil habitantes nas terras alencarianas.

Outro aspecto relevante a ser levantado é novamente a relação entre Rodolfo Teófilo e o governo. Já foi mostrado que no ano da seca de 1915, ele foi exaltado por seu trabalho contra a varíola, mas em 1917, ano de "normalidade" no Ceará, o farmacêutico continua a ser citado honrosamente na documentação oficial, contudo demonstrando outro aspecto[26].

> Nunca será demais lembrar o que, no tocante á variola, se deve a Rodolpho Theophilo. É preciso, porém, não dormir a hygiene official sobre os louros de uma vitoria que lhe não pertence. Rodolpho Theophilo não está mais em idade de percorrrer os arrebaldes da cidade, vaccinando por aport (abençoado aport!). E desde o anno em que sua atividade começou a declinar milhares de crianças teem nascido, millhares de pessoas teem immigrado para Fortaleza e quase todos os então vaccinados já estão em epocha de revaccinar. E o Governo que permittir reapparecer a variola no Ceará, será um governo criminoso (Relatório do Inspetor de Higiene de Maio de 1917 a Abril de 1918: 40).

Repara-se que mesmo o governo reconhecendo o trabalho de Rodolfo Teófilo, seu trabalho declinou por conta da idade do intelectual[27]e o Inspetor de Higiene denuncia a negligência do governo.

---

[26] Ressaltamos que após a queda da oligarquia Acciolyna em 1912, a relação do governo com Teófilo e sua vacinação mudou, pois como Accioly era seu inimigo político, o mesmo sempre dificultou e atacou o farmacêutico, assim como foi mostrado no primeiro capítulo, porém após não ter um rival no poder, o próprio governo passou a incentivar e a parabenizar o farmacêutico.

[27] Vale lembrar que Teófilo não deixou nenhum registro demonstrando qual seria o motivo para ele ter diminuído a vacinação, bem como ter se afastado da cidade em 1922, por isso, devido essa ausência histórica, a única argumentação de fato existente seria sua idade avançada. Não estamos concordando com o documento, porém afirmamos que não é possível levantar qualquer outra suposição, já que não existem outros indícios.

Podemos perceber não só o reconhecimento e falta de oposição ao trabalho de Teófilo, diferente da oligarquia Acciolyna, como também, o reconhecimento da importância deste trabalho para a população, mostrando que a cautela é fundamental. Todavia, constatamos que apesar de todo esse discurso de preocupação com a população presente na documentação da inspetoria, na prática a situação é diferente. O próprio inspetor mostra que a vacinação diminuiu em virtude do governo não ter assumido sua responsabilidade em promovê-la apenas no período do relatório foram realizadas 4121 vacinações em uma população de 80 mil habitantes.

O inspetor ao procurar fazer uma média, contando com os imigrantes que chegavam, as 2500 crianças que nasciam por ano em Fortaleza e as pessoas que precisam ser revacinadas, o Estado deveria, no mínimo, promover 10 mil vacinações por ano.

No campo do discurso, o Inspetor de Higiene defende a criação de um vacinogênico estadual, tendo em vista que o de Rodolfo Teófilo não conseguia mais dar conta da demanda da população. Entretanto, apesar desse declínio, o documento mostra que desde 1914, não se havia detectado nenhum caso de varíola na capital, somente no interior, mostrando os resultados positivos do trabalho de Teófilo. No discurso do relatório, a vacinação era fundamental para o período, e isso ia de encontro com os ideais defendidos por Teófilo a cerca da profilaxia da doença.

Outra prova de que não existia rivalidade entre a gestão de João Thomé e Teófilo é a narração da à promessa desse farmacêutico de doar os equipamentos de seu vacinogênico para o Estado, para que seja dada continuidade ao seu trabalho. Essa promessa foi cumprida, mas só no ano 1930 quando o governo funda o “Vacinogênico Rodolfo Teófilo”, utilizando equipamentos do antigo vacinogênico e contrata o sobrinho dele, o médico Antônio Justa, enquanto responsável da instituição.

No que concerne à prevenção, o relatório procura ser discreto com relação à água, afirmando que o governo está tomando as ações possíveis para esse problema. A crítica levantada é outra:

> Devemos, porém, não deixar de passar a occasião, sem insistir na necessidade da installação de hospitaes e de isolamento e de um desinfectorio central. É talvez o Estado do Ceará, o único na Confederação que não dispõe de um isolamento para moléstia contagiosa alguma; e Fortaleza a única cidade de sua população sem um desinfectorio central (IDEM:43).

Está claro, mais uma vez, no discurso do governo a preocupação com a prevenção, e como já alegado na introdução deste trabalho, a prevenção é uma dos aspectos mais importantes de uma administração que quer ser biopolítico, por isso buscamos resaltar que no discurso, o governo muitas vezes ia de encontro com as ideias de Teófilo, de querer que a gestão agisse de forma preventiva, contudo na própria documentação é perceptível que esse discurso não ocorre na prática, porque algumas obras chegam a iniciar, entretanto dificilmente são concluídas.

Na mensagem do Presidente do Ceará de 1918, João Thomé Saboya e Silva, continua a trazer a seca de 1915 como pauta, mostrando que a direção federal estava auxiliando o Ceará e vários açudes de grande e de médio porte estavam sendo construídos e concluídos desde 1915, por responsabilidade da União.

No tópico da saúde pública, apesar de ainda ser comprovado o combate às consequências da seca de 1915, a lepra volta ter foco central, tendo em vista que o documento exibe uma preocupação com um surto da doença no norte do Brasil e se preocupa com a sua possível vinda para o Estado.

> Como perfeitamente sabeis, só a hospitalização systematica, prevenindo as causas da lepra, pode assegurar um resultado apreciável de medidas postas em pratica para sua debellação. Foi atentando a essas considerações que o Governo acaba de commissionar o Dr. Joaquim Anselmo Nogueira para que, estudando a moléstia nos logares de seu desenvolvimento, levante uma estatística dos casos existentes e escolha um local apropriado á construcção do Lazareto que o Governo pretende instalar. A Prefeitura de Sobral, indo ao encontro desse objectivo, trata de organizar um projecto para construcção do edifício, e de sua collaboração, que o Governo acceitou de bom grado, espero resulte amplo beneficio (Mensagem do Presidente do Estado do Ceará de 1918: 51).

O fundamental aqui é ressaltar que quando se trata do discurso a gestão não se encontra na inércia, além de medidas pontuais e das obras de armazenamento de água em parceria com a União, a gestão estadual busca prevenir doenças que possam vir a se espalhar pelo Ceará.

Referimos-nos aqui a expressão “discurso”, quando analisamos a prática governamental, a primeira instituição cearense de isolamento de leprosos, Leprosário Antônio Diogo, só será inaugurada em 1928, graças, especialmente, a iniciativa da Igreja Católica em promover campanhas em seu periódico, *O Nordeste* (PINHEIRO, 2013), o que demonstra uma quebra ao se comparar a intenção do governo e sua prática, já que só assumiu esse

leprosário como uma instituição estadual em 1940. Só existiu uma instituição estadual de isolamento de leprosos 22 dois anos após esse documento.

Outro fator importante a ser frisado em 1918, é a criação da Diretoria Geral de Higiene, substituindo a Inspetoria de Higiene. Em novembro desse mesmo ano foi publicado seu regulamento, trazendo assim todos os artigos que definem o funcionamento da saúde publica no Ceará. No que se refere à esse regulamento, o mesmo contém uma série de artigos que regulamenta o papel dos profissionais de saúde, da Diretoria de Higiene e dos procedimentos de combate às doenças como a lepra, a varíola e a febre amarela. Um exemplo possível é a regulamentação do combate à varíola que vai dos artigos 228 a 237:

> DA VARIOLA:
> **Art. 229.-** O inspector sanitário procurará, por todos os meios possíveis, praticar a vaccinação e revacinação das pessoas residentes nos focos variólicos. **Art. 230.-** Sã eximidos das disposições constantes do artigo precedente: a) as pessoas que exibirem attestados de vaccinação fornecidos pela Directoria de Hygiene, por um dos institutos vaccinicos da República, ou de qualquer medico que tenha carta registrada na Directoria de Hygiene, provando terem sofrido, como proveito, a vaccinação, dentro dos ultimos sete annos; b) as que provarem ter tido variola nos ultimos dez annos; c) as que soffrerem de moléstia podendo ser influencidadas maleficamente pela vaccina, enquanto durar este impedimento. **Art. 231.-** Durante as visitas de policia sanitaria, os Inspectores sanitarios promoverão, por todos os meios suasorios, a vaccinação e revaccinação systematica. **Art. 232.-** Durante as visitas de vigilancia medica, bem como as de policia sanitaria, o Inspector organizará uma lista minuciosa de todas as pessoas que não conseguir vaccinar ou revaccinar, lista que será transcripta em livro especial, a fim de tornar possivel uma vigilância mais enérgica em caso de epidemia. **Art. 236.-** Si se verificar que a pessoa acommetida da de variola, possuía um attestado de vaccina reconhecido falso, será o medico que o forneceu passível das penalidades do codigo penal.(Regulamento da Diretoria Geral de Higiene de 1918: 54.)

Os artigos acima são apenas alguns, mas mostram claramente que o Estado procurava regulamentar melhor o combate as doenças. Essa atitude vai de encontro ao discurso de Teófilo, já apresentado no capítulo anterior e posteriormente no restante da dissertação, pois mostra à tentativa do Estado em melhor organizar as práticas profiláticas, ideia essa bastante defendida pelo intelectual.

Com relação ao relatório, da então nova Diretoria Geral de Higiene, do período de 1918-1919, poucas mudanças são perceptíveis, já que ele se limita a apresentar as principais doenças do período, suas estatísticas e ações combativas.

Nota-se que ao se falar da varíola, a diretoria afirma o reforço à vacinação depois da constatação da seca que se iniciava em 1919. No documento, mais uma vez, é lembrada a

importância de Rodolfo Teófilo, todavia dessa vez o diretor também afirma que a gestão teve papel fundamental na vacinação, assumindo o mérito que de 1914 até o inicio de 1919 não houve casos da doença registrados na capital. O relatório ainda aborda a mudança de endereço e das novas instalações a partir do surgimento da Diretoria Geral da Higiene e de ter entrado em vigor o regulamento de 1918.

Contudo, em 1919, o flagelo social da seca retorna e com isso os discursos otimistas das Mensagens de Presidente do Estado desapareceram. O Presidente João Thomé Saboya e Silva, passa a admitir que as obras contras as secas não tiveram o "desejado incremento", tendo em visto o atraso de muitas por causa da falta de mão de obra e demora na importação de materiais de construção.

O referido documento, escrito por João Thomé[28], analisa que a União chegou a enviar 100 mil contos e liberar mais 200 mil em crédito para o combate à seca. O dinheiro foi repassado para os municípios e aplicados em melhorias para a população e aos flagelados.

O discurso do Presidente João Thomé se diferencia daqueles dos anos anteriores. Ao invés de exaltar a necessidade de investimentos contra as secas, ele elabora uma teoria sobre magnetismo que ocasiona a seca no Ceará.

> Varias têm sido as causas apontadas como geradoras das seccas: a devastação das mattas, a direção dos ventos, a forte declividade dos leitos dos rios, a constituição do solo, e algumas outras, de caráter local. É claro que nenhuma dellas é verdadeira, pois todas são causas permanentes, ao passo que a secca é um phenomeno periódico, sem lei conhecida. As pacientes observações sobre a producção do phenomeno, me levam a acreditar que elle é devido a uma diminuição local da intensidade do campo magnético terrestre (Mensagem do Presidente do Estado do Ceará de 1919, p 15).

O governante desenvolve no documento sua teoria, a partir de uma linguagem científica, explicando como esse fenômeno ocorria. Utilizando-se ainda de artigos da revista *Eletrical Experiment*, na qual um dos artigos se chama *"Producing rain by electricity and X rays"*. O Presidente do Estado buscou legitimar a seca como um fator natural e inevitável, através de um discurso científica. Ele escreve que esse fenômeno só poderá ser combatido quando a raça humana aprender a controlá-lo, e ainda afirma: "todos os nossos esforços devem convergir para a adopção de medidas que attenuem os effeitos das seccas" (Mensagem do Presidente do Estado do Ceará de 1919, p 16).

[28] É importante ressaltar que o governo de João Thomé ficou marcado por tentar conciliar os diversos grupos políticos rivais após a queda da oligarquia Acciolyna.

O governo volta, mais uma vez, a defender a atitude de apenas combater os efeitos da calamidade, pelo fato de, por enquanto, nada poder ser feito para evitá-la ou preveni-la. Apesar disso, ele ainda defende a necessidade de obras hídricas que permitam amenizar esse problema.

O fundamental a ser ressaltado aqui não é o fato do governo "achar ou não" que as secas têm solução, e sim, demonstrar que no período de calamidade, não assumiram a responsabilidade de lutar contra esse fenômeno como algo não natural, ou seja, uma gestão preventiva, como Rodolfo Teófilo mostra em suas obras.

Nesse tópico, queremos explicar a situação que se configurava a saúde pública através da atuação do governo e da Inspetoria/Diretoria de Higiene durante as calamidades, pós-período Accioly, situação que Teófilo discorreu nas obras a serem aprofundadas nos próximos tópicos deste capítulo. Foi possível constatar, que após a seca de 1915, o discurso governamental passou a ser próximo aquele defendido por Teófilo, já que ele visava combate às secas e às doenças por meio da prevenção, entretanto com a chegada de uma nova seca em 1919, admite-se a não execução de forma rápida e adequada das obras necessárias, e além do mais, muda-se de postura e entram em contradição ao voltar a tratar a seca como algo natural, que só pode ser amenizado.

Infelizmente, não foi possível localizar os Relatórios da Diretoria Geral de Higiene de 1919 a 1920, para que pudéssemos aprofundar como foi tratada a saúde pública na seca de 1919, contudo propomos através da Mensagem de 1920 do então Presidente do Estado João Thomé Saboya e Silva, compreender esse período.

O Presidente do Ceará, ao discorrer acerca da seca, já inicia declarando a ausência de subsídios da União, em relatórios anteriores ele exaltava a parceria que existia entre o estado e a federação. Reafirma a importância da vacinação realizada por Rodolfo Teófilo. Entretanto, em 1920, foram detectados novos caso da varíola na capital, o que nos faz constatar a diminuição do trabalho do farmacêutico que se encontrava com 67 anos e não atuava mais tão intensamente no processo de vacinação. Outra doença identificada em 1919 foi a peste bubônica, que fez 135 vitimas e 33 óbitos, sendo necessária a intervenção da Comissão Sanitária Federal para um combatida efetivamente rápido da doença.

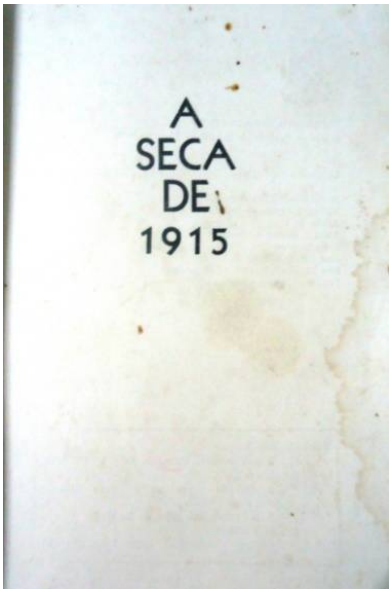
Após demonstrarmos aqui a situação e atuação de autoridades que possuíam um discurso contraditório a cerca da seca, pretendemos agora aprofundar a escrita de Teófilo, trazendo a tona o confronto do discurso governamental com o discurso do autor, e assim perceber não só as diferenças no relato, mas caracterizar os aspectos biopolíticos expressado por sua escrita e as críticas desse intelectual.

3.2. “A POLITICAGEM NOS FEZ MUITO MAL”: A CRÍTICA AO GOVERNO E A BIOPOLÍTICA NA OBRA *A SECA DE 1915*.

A partir do debate do tópico anterior, faremos uma análise da escrita de Rodolfo Teófilo percebendo e apresentando que sua escrita possuía aspectos biopolíticos que almejava um governo que gerisse a população de forma preventiva no combate as calamidades.

Inicialmente, é importante frisar em qual contexto se insere a obra. Diferente de muitos dos livros trabalhados no capítulo anterior, “*A Seca de 1915*” foi escrita depois do acontecimento, pois esse intelectual a publicou em 1922

Figura 18 – Livro A Seca de 1915



FONTE: (TEÓFILO,1980)

Com isso, a edição da obra aqui analisada possui 133 páginas e 37 capítulos que buscam retratar não só o flagelo social de 1915, mas apontar críticas à gestão do governo com relação à população.

Vale relembrar, que apesar dele ser o nome principal por trás das narrativas e de utilizar as letras para expor sua opinião sobre as secas, Teófilo não foi o único. Existem relatos dessa calamidade de 1915 por outros intelectuais. Podemos citar como exemplo, Thomaz Pompeu Sobrinho:

> Naquele enorme recanto, coberto de grandes cajueiros e mangueiras, os retirantes se abrigavam como podiam, uns sem mais anteparos que as copas frondosas, outros em toscas barracas de ramos ou simples guarda-ventos ou lotadas que apenas os protegiam contra o sol canicular do verão (SOBRINHO, 1982. APUD: NEVES,1995. p.96).

Numa tentativa de expor uma realidade sobre aquele flagelo, Thomaz Pompeu Sobrinho não argumenta profundamente a cerca os erros da gestão. Esse aspecto diferenciado pode ser sublimado na escrita de Rodolfo Teófilo, como veremos neste tópico. Claro que é importante salientar que Thomaz Pompeu, no período da calamidade, se encontrava no cargo de engenheiro chefe da Inspetoria de Obras Contra as Secas (Almanaque do Ceará de 1916:102.), e ocupando esse cargo, fica nítida a sua aproximação como o governo no período e por isso a crítica ao governo não é exaltada em sua prática letrada.

Outra intelectual que viveu o período e que escreveu um romance posteriormente retratando a realidade desse contexto é Rachel de Queiroz, apesar da ficção presente no livro *O Quinze* (1930), é apresentado uma representação do real, por exemplo, a forma que os retirantes chegavam à capital, apontando que os mesmos vinham principalmente de trem. Rachel retrata esse momento ao falar de como a família de Chico Bento chegou à capital e se instalou no campo de concentração.

> No mesmo atordoamento chegaram à Estação do Matadouro. E, sem saber como, acharam-se empolgados pela onda que descia, e se viram levados através da praça de areia, e andaram por um calçamento pedregoso, e foram jogados a um curral de arame onde uma infinidade de gente se mexia, falando, gritando, acendendo fogo. Só aos poucos se repuseram e foram orientandos. Cordulina acomdou-se como pôde, ao lado do cajueiro onde tinham parado. Da banda de lá, um velho deitado no chão roncava, e uma mulher de saia e camisa remexia as brasas debaixo de uma panela de barro. Cordulina foi à sua trouxa, e tirou de dentro um resto de farinha e um quarto de rapadura, última lembrança da comadre Doninha. Deitado na areia, calçado com um pano, já o Duquinha dormia. Os outros dois metiam a mão na farinha engolindo punhados. Chico Bento olhava a multidão que formigava ao seu redor (QUEIROZ, 1993:86).

Na passagem acima, notamos que a autora trás uma riqueza de detalhes retratando a precariedade do campo de concentração, a falta de alimentos, de moradia e até mesmo de locais para dormir. O objetivo da autora é narrar uma história que tem como pano de fundo a seca de 1915, todavia, mesmo falando sobre a pobreza e os problemas, ela não possui nenhuma intenção de trazer uma denúncia social, característica predominante na escrita de Teófilo.

O que estamos colocando aqui enquanto relevante é a demonstração de como alguns intelectuais que viveram o período praticaram suas letras para escrever sobre essa seca, contido destacamos que Rodolfo Teófilo possui em sua escrita com um caráter diferenciado, na medida em que, além de denunciar os problemas sociais, o autor faz pesadas críticas ao

governo, sobre a péssima administração da gestão. Dentro das práticas letradas sobre a seca de 1915, é perceptível que esse autor trouxe uma abordagem diferenciada.

Essas obras, por serem escritas em contexto diferentes, trouxeram subjetividades diferenciadas, isso significa que a intenção de cada autor foi diferente e, dessa forma, elas não podem ser comparadas. O que queremos aqui é mostrar como outros letrados escreveram sobre essa calamidade, destacando outras formas de abordagem por outros intelectuais.

No livro *A seca de 1915* o autor, logo na primeira página apresenta a crítica à gestão cearense do período: "O Ceará é uma terra condenada mais pela tirania dos governos do que pela inclemência da natureza. (...) O Ceará está condenado, não por lhe faltarem elementos de defesa contra as secas, mas pela indiferença dos poderes públicos" (TEÓFILO,1980:31). E, assim como Liberato Barroso, citado no tópico anterior, Teófilo afirma que, o flagelo social das secas não é um fenômeno natural, e que as consequências já poderiam ter sido amenizadas se não fosse a má vontade do governo.

> [A natureza] Deixou em todo o Estado, de leste a oeste, de norte a sul, excelentes locais para grandes reservatórios, alguns como o do Orós, no qual uma vez feita a barragem, teríamos um lago de muitos milhões de metros cúbicos e com capacidade de irrigar uma área de dezenas de léguas, toda ela ubérrima, com uma camada de humos de grande espessura. Imitemos a Holanda, que disputou ao mar uma parte de seu território. Ela lutou com as águas; lutemos nós para cativar a água que cai do céu (IDEM:32).

Para esse farmacêutico a principal medida de combate às secas é a prevenção. Todo o discurso da obra está calcado na falta, ou das mínimas, ações preventivas do governo, seja na falta de armazenamento de água, seja na profilaxia das epidemias que sempre são recorrentes nas secas.

> Sobre o Ceará pesa maldição maior do que as secas: é a inépcia e má vontade dos homens que dirigem a Nação e a falta de patriotismo de nós cearenses. Não amamos nossa terra como a devíamos amar. Sacrificamos o bem público aos interesses da politicagem. Isso vem de longe. Em 1877 Fortaleza estava cheia de retirantes (...)(IDEM:32).

Observamos que um dos pontos-chave nessa obra para compreender a biopolítica em Rodolfo Teófilo é a prevenção, uma característica marcante, já abordada no primeiro capítulo. Assim como em Foucault (1999), não tratar as doenças e a mortalidade como algo natural, e sim, algo que pode ser combatido e prevenido. Esse discurso que Teófilo levanta vem sendo discutido até hoje, assim como nos mostra Maria Filgueira:

> Segundo Andrade (1985: 7), a questão da seca não se resume tão somente à falta de água. A rigor, não falta água no Nordeste. Faltam soluções para resolver a sua má distribuição e as dificuldades de aproveitamento. É "necessário desmistificar a seca como elemento desestabilizador da economia e da vida social nordestina e como fonte de elevadas despesas para a União [...]", ou seja, desmistificar a idéia de que a seca, sendo um fenômeno natural, é responsável pela fome e pela miséria que dominam na região (FILGUEIRA, 2011:204.).

Lembrando que no tópico anterior, esse discurso tem semelhanças com a mensagem do Presidente do Estado Liberato Barros, que acusa as gestões anteriores de serem criminosas com o combate as secas.

Teófilo relata que a falta de investimentos prejudicou o Ceará. Porém, um detalhe importante se destaca no discurso desse farmacêutico:

> Naquele tempo [1877] tínhamos como chefe da Nação um homem culto, honesto e bom. Com este grande brasileiro dirigindo o os nossos destinos (...). Dom Pedro II (...) procedia assim naquele tempo, porém os presidentes da República não têm a energia precisa para fazer os seus ministros cumprir o seu dever (TEÓFILO, 1980:32).

Reparamos que Rodolfo Teófilo demonstra ter forte admiração por D. Pedro II em detrimento do regime republicano, nos fazemos questionar, em que medida o ideal de governo biopolítico era um governo republicano, já que como veremos no terceiro capítulo, na obra *O Reino de Kiato*, a gestão que tornou possível o surgimento de um reino "totalmente civilizado" e biopolítico foi uma monarquia. Pretendemos aprofundar esse ideal no terceiro capítulo, mas ressaltamos aqui que, na obra estudada neste tópico, existe o apreço pelo imperador e a crítica aos presidentes, que em várias passagens do livro ataca as gestões republicanas e compara com a "competência" de D. Pedro II na administração do Brasil.

Como em grande parte de sua produção, Teófilo inicia o livro tratando da seca de 1877 e da oligarquia Acciolyna, contextos já bastante abordados no capítulo anterior.

> Na Câmera os nossos representantes que estavam em oposição ao governo do Estado pediram socorros para os famintos. O que se conservavam firmes ao lado do Sr. Accioly diziam, com grande cinismo, que o Estado estava aparelhado para socorrer os flagelados; que não precisava do auxilio da União. Esta afirmação, que não era verdade, nos fez muito mal. Alguns mil retirantes mendigavam em Fortaleza e o governo do Estado não lhes prestava assistência.(IDEM:38)

Para definir melhor a atuação dos governos anteriores sobre as secas, Teófilo se utiliza do termo “politicagem”, alegando que, para as autoridades cearenses e federais, importava mais os acordos e benefícios políticos do que o povo. Para exemplificar isso, o autor vai se remeter ao seu maior desafeto, Antônio Pinto Nogueira Accioli, já aprofundado no capítulo anterior. Notamos, a partir da citação acima, que segundo o intelectual, importava mais para o governante a sua boa gestão perante o governo nacional, do que pedir ajuda para combater as consequências das secas.

Salientamos novamente que Accioli, para Teófilo, foi não só o maior desafeto dele, como também um símbolo de toda essa “politicagem” do Ceará, chegando assim a ser um “atraso” para o progresso do estado.

Ao aprofundar sobre a seca de 1915, Teófilo indica que, após a falta de chuva no equinócio, ficou declarado no estado cearense mais um ano de estiagem. O autor discorre que a intensidade desta seca não se compara as anteriores. O deslocamento de retirantes foi bem menor, além do mais, nas serras choveram 700 mm, proporcionando o plantio de milho. “Os sertanejos que emigraram foram justamente os mais fracos. Os fortes ficaram em seus domicílios, alimentando-se de raízes silvestres, esperando pelo futuro inverno” (IDEM:52.).

Por meio de outras fontes é possível saber que também existem outras causas para o menor número de flagelados presentes na capital. É o que nos aponta Lara de Castro:

> O jornal A Lucta de 20 de outubro de 1915, relata que a construção do Açude de Patos “apenas comportava 200 trabalhadores; ao terceiro dia do seu início, o número de pessoas que solicitavam trabalho já atingia perto de 1 mil”. Uma informação relevante é dada pelo jornal: em entrevista feita com dois homens dispensados, ficou registrado que “o engenheiro chefe dispensou 200 homens de uma vez, distribuindo a cada um 1$000 para as despesas do regresso”.(CASTRO,2010,p.66.)

O Açude de Patos construído em 1915 na cidade de Sobral, no interior do Ceará, segundo a autora, devido à necessidade de mão de obra para sua construção, atraiu vários retirantes, contribuindo para que grande parte deles ficassem no interior, apesar de muitos terem sidos dispensados por excesso de mão de obra na construção.

De fato, os efeitos da seca de 1915 foram amenizados, não pelas políticas públicas de armazenamento de água ou de prevenção das doenças, mas por uma pequena quantidade de chuvas ocorridas no início do ano e a oportunidade de emprego no interior.

Tyrone Cândido também vai de encontro a essa ideia, comprovando em seu trabalho que as obras pelo interior dispersaram grande parte dos retirantes.

> As obras dispersas por vários pontos do sertão distante, empregando em geral contingentes de operários restritos a algumas centenas, reduziram consideravelmente as imensas concentrações de retirantes que se via nas secas anteriores. Mesmo no Campo de Concentração do Alagadiço, em Fortaleza, onde o deputado Ildefonso Albano chegou a encontrar abrigados simultaneamente 35 mil imigrantes, o alojamento ali parece ter sido passageiro para as maiorias, havendo registro de uma grande renovação de pessoas que dali saíam constantemente para outros estados, "sendo logo substituídos por outros [grupos] de igual número que chegavam do interior"(CÂNDIDO, 2014:288).

Na capital, ainda tiveram muitos migrantes, obrigando o presidente do estado, Liberato Barroso, a fundar o "Campo de Concentração do Alagadiço", pois segundo Lidiany Travosso: "O objetivo do campo de concentração era evitar que os retirantes alcançassem Fortaleza, trazendo 'o caos, a miséria, a moléstia e a sujeira', como informavam os boletins do poder público no período" (TRAVOSSO, 2011: 720).

A autora nos mostra um pouco o cotidiano desse local, que segundo, o discurso do período, era um local de disciplina que fazia os retirantes ter trabalho, emprego e livre de doenças.

> Estes [os retirantes] passaram a ser vigiados por soldados e tinham suas vidas controladas pelos inspetores do campo. Estes amparados pelautoridade dos guardas, ditavam as regras de convivência, a alimentação, ou seja, a chamada ração; assim como a distribuição aos remédios dos doentes (IDEM:721).

Lara Ferreira vai de encontro a essa ideia, informando em seu texto que, o campo era um local totalmente disciplinado, no qual através da força policial o governo controlava os costumes dos retirantes rigorosamente.

> Era uma nova postura nas relações de trabalho, a proibição de aguardentes, promiscuidade, a fiscalização rigorosa para evitar conflitos dos trabalhadores era um reflexo de que, quando se dava trabalho, a preocupação não se limitava a saciar a fome dos retirantes, mas também de ensinar novos valores da moral e dos bons costumes. Então, mediante as fontes problematizadas, vê-se o quanto podia ser rigoroso o sistema de trabalho vivenciado pelos retirantes operários nas construções das Obras Novas Contra as Secas. O dia-a-dia era pautado pela hierarquia, divisão do trabalho, horário rigoroso, uma nova lógica temporal (quando comparamos a agenda diária com o tempo de trabalho no sertão) e, ainda mais, valores de uma sociedade que se pretendia moderna como moral, bons costumes, ordem e disciplina (FERREIRA,2009:07).

Todavia, Rodolfo Teófilo discorda dessa visão, pois o lugar apresentava condições insalubres do local, onde, os pobres ficavam aglomerados.

> Uma coisa que muito deveria interessar à saúde daquela população era o local onde se depositavam as matérias fecais. Fui vê-lo. Ficavam à sotavento do abarracamento, no fundo do cercado. Ao poente, a pequena área coberta de pequenos arbustos, onde os famintos, numa promiscuidade de bestas, defecavam, ficando as feses expostas às moscas. Aquele atentado à sã higiene não podia deixar de ter consequências desastradas (TEÓFILO,1980:60).

Observamos que Rodolfo Teófilo, mais uma vez, desconstrói o forte discurso do período, que tenta mostrar o controle social total do campo de concentração, nos remetendo assim ao conceito de tática e estratégia de Michel de Certeau (CERTEAU, 1994). O governo se utiliza de estratégias para dominar os retirantes, evitando assim que eles e as doenças cheguem à capital e os retirantes realizam táticas que acabam fugindo do domínio do poder público, provocando assim grande insalubridade.

Além das condições higiênicas do local, o autor denuncia em outra passagem as atitudes "transgressoras", desconstruindo também, a ideia de que o governo tinha um controle total dos comportamentos, fazendo os retirantes seguirem a moral e os bons costumes.

> O Dr. Beijamin Barroso não logrou ver seu ideal realizado: uma seca sem prostituição e sem furto. Nas repetidas visitas que fiz ao abarracamento vi certos derriços que só poderiam ter acabado em pouca vergonha. A fome com o seu cortejo de padecimento dilui todos os bons sentimentos no coração. Uma mulher aviltada pela miséria mais facilmente cede à tentação da carne do que outra a coberto de necessidades. (...) Vi uma bonita menina que era o guia e a única companheira de seu pai valetudinário e cego. Este desgraçado havia chegado no abarracamento com mulher e nove filhos. Era são. No fim de alguns meses perdeu a mulher e oito filhos, ficando a filha mais velha para seu amparo e consolo. Cegou. A filha seduzida pelo comissário do abarracamento, abandonou-o. (TEÓFILO,1980:104)

Outro fator importante destacado por Teófilo é que, ele além de ser contra a aglomeração dos migrantes nos campos de concentração, chegou a dar essa opinião ao Liberato Barroso, avisando que essa atitude, em secas anteriores provocou um surto de doenças, entretanto o Presidente do Estado não voltou atrás de sua decisão.

Nesse ponto, é fundamental, ressaltar, a biopolítica na escrita de Teófilo, onde o Estado estava mais preocupado em evitar que os retirantes chegassem a Fortaleza, do que em gerir a população para evitar a proliferação de doenças, através das condições de higiene da população pobre, agravada pela falta de água e da fome no estado.

> Se em março, quando o Presidente do Estado declarou a seca oficialmente, o Governo da República tivesse mandado prolongar as estradas de ferro, construir açudes, estradas de rodagem, conservando assim a população domiciliada, os sertanejos não se teriam deslocado, ter-se-iam poupado inúmeras vidas e muito dinheiro à Nação. Se nas obras iniciadas fossem empregados todos os famintos que se apresentavam pedindo socorro, ter-se-ia evitado o êxodo e a morte pela fome.(IDEM:68)

A partir da passagem acima, Teófilo opina, quais teriam sido as medidas corretas para se amenizar o flagelo social. Primeiramente, era preciso evitar o êxodo rural, muitas pessoas morriam durante a viagem, era preciso dar trabalho para que os retirantes tivessem possibilidade de remuneração e não morressem de fome, e deixá-los em suas residências ou próximos as construções, evitando assim aglomerações, que de acordo com o autor, foram as responsáveis por um surto epidêmico de “micróbios” no campo de concentração do Alagadiço.

O farmacêutico ainda exemplifica que, no caso das obras, poder-se-ia construir residências para os retirantes ao longo da estrada de ferro, para que assim eles fossem trabalhando na ampliação da estrada e ao mesmo tempo dispersando para evitar aglomerações.

Teófilo não só critica o governo pela má gestão, ele também aponta o que seria necessário para ter evitado o grande número de mortes, indicando que através de uma boa gestão da população, mesmo sem medidas preventivas dos governos anteriores, era possível ter evitado o flagelo social. Vale lembrar que isso não quer dizer que o governo ficou inerte, o intelectual em sua obra reconhece que o governo tentou remediar a situação, porém, mesmo assim, agiu da forma errada ao gerir a população.

Reparemos que na citação anterior, e ao longo da análise da obra, Teófilo também compactua com o discurso do governo apresentado no tópico anterior, o qual a União não colaborava intensamente com os socorros públicos. A verba de ajuda demorava para ser liberada, chegando inclusive, a ser questionado se o Ceará realmente estava passando por uma calamidade.

Lara Ferreira também esboça essa ideia, manifesta que somente no final do ano é que a União passou a ajudar o Ceará.

> Na seca de 1915 os socorros demoraram. Somente em julho foi criada uma comissão especial, as Obras Novas Contra as Secas, para combater a seca daquele ano, tendo como inspetor o engenheiro Aarão Reis. Apenas em outubro do mesmo ano os trabalhos foram iniciados. A Política era de

> realização de obras – açudes, estradas, perfuração de poços – priorizando a ocupação do maior número possível de retirantes nas construções (FERREIRA, 2009:01).

As articulações políticas, ou como autor chama, à "politicagem", fez o governo federal, demorar a ajudar o Ceará, por duvidarem do estado de miséria. Contudo, ao mesmo tempo, no livro, o farmacêutico rebate a imprensa do Rio de Janeiro que, segundo ele, exagerava a situação no Ceará:

> Em Fortaleza, penso, não morreu pessoa alguma de fome aguda, porém de fome crônica, um sem número. Na capital não existe a miséria exagerada que noticiam os jornais do Rio. Dizer que em Fortaleza raras são as pessoas que não estão a morrer de fome é uma inverdade. O flagelo não tem proporção que lhe querem dar. É um ripiquete de seca no qual as chuvas foram tão bem distribuídas no litoral durante a estação invernosa, que 509 mm, deram para criar legumes, cereais e mandioca. A classe que mais sofre em Fortaleza é a que não se vê, é a pobreza envergonhada. Estes vencidos da vida, alguns que foram abastados, morrem de fome e não saem à rua pedindo esmolas. Toda a coletividade tem um certo número de parasitos, que vivem das sobras de suas mesas. O numero desses desclassificados aumenta extraordinariamente durante as secas. O flagelo de 77 deixou-nos milhares de inválidos que se reuniram à massa de mendigos da nossa capital. Nos tempos normais, é mais abundante o sobejo de nossas mesas, o qual nas secas é minguado; daí a maior miséria do que vivem dele (TEÓFILO,1980:71).

Ao mesmo tempo em que o intelectual procura acusar o governo central de ser negligente por duvidar da situação do Ceará, ele quer provar que, de fato, durante as secas o flagelo aumenta bastante, já que em anos normais, Fortaleza é uma cidade com uma "razoável" quantidade de mendigos, mas durante as secas aumenta e no inverno se "normaliza". Ou seja, a capital cearense não sofre de uma fome aguda, cercada de uma extrema pobreza, e sim de uma fome crônica, que em períodos de seca a pobreza se agrava.

O estudioso faz uma ferrenha crítica novamente aos governos. No seu ponto de vista, durante o período de secas, a caridade pública, salva muitas vidas, entretanto se houvesse uma melhor gestão da população, não seria necessário, em períodos de seca, depender da caridade pública. Vale lembrar que, a pessoa responsável por mobilizar essa caridade é o bispo D. Manuel da Silva Gomes. O autor relata que as próprias elites não se sensibilizavam com os flagelados, apenas após campanhas feitas por esse católico é que muitos passaram a ajudar.

Com relação às doenças no campo do Alagadiço, o intelectual, aborda que até o fim do ano transcorreu tudo bem, contudo, devido às condições insalubres, a má alimentação, as

comidas contaminadas (pois se o gado era doente, logo a carne e o leite eram vendidos impropriamente para consumo) houve um surto de “micróbios maléficos”.

> Os micróbios maléficos proliferaram naquela esterqueira humana e atacaram aquela pobre gente, cujo organismo havia perdido a resistência devido toda sorte de depauperamento por que passou. A mortalidade das crianças começou. Aqueles pequenos, que haviam chegado do sertão, tão fortes, tão sadios, e representavam dois terços da população retirante, agora escaveirados, sem cor, eram atacados pela paratífica, pela enterite, pelo sarampo, pela disenteria, e morriam aos centos (IDEM:92).

O intelectual aponta que houve surto de doenças, mas não foi registrado nenhum caso de varíola, fato que o anima, no entanto ele não deixa de criticar mais uma vez a falta de ações preventivas do Estado:

> Felizmente, acabou-se a seca e não foi registrado um só caso de varíola, fato assombroso e a primeira vez observado durante tais calamidades. Já é tempo de o governo do Estado fundar um vacinogênico e me aliviar desse trabalho. Estou velho e não desejava morrer sem que visse funcionar o Instituto do Estado, continuando assim a minha obra. Se é uma vaidade minha, perdoem-me, mas é uma vaidade redunda o bem(IDEM:95).

Teófilo não só deseja que sua “vacinação” seja levada para a posteridade, mas reconhece que está velho e não poderá mais dá conta da prevenção da doença – além, do fato que, essa deveria ser o papel do governo.

Frisamos que apesar de existir todo um legado historiográfico, Rodolfo Teófilo não é o único intelectual envolvido no desenvolvimento cientifico contra a varíola. Ao se analisar o *Almanaque do Ceará* de 1914, encontramos a notícia de um cientista chamado “Snr. Newel” que estava desenvolvendo uma tintura de iodo para tratar com mais rapidez as “pústulas” (feridas) da doença.

> Lembra-se de que a tintura de iodo constitue excellent desinfectante da pelle, por penetração na espessura de suas camadas superficiaies o Snr. Newel teve a idéa de empregal-a como meio de desinfecção das pustulas variólicas, diminuindo por essa forma, a contagiosidade das escamas epiteliaes que se destacam dos doentes no período de descamação (...) Eis as vantagens observadas no tratamento empregado, desde logo: 1) ausência de cicatriz idelevel; 2) melhoras consideráveis na marcha geral da moléstia; 3) diminuição da dôr e da febre; 4) diminuição dos perigos de contagio pela desinfecção das escamas epiteliaes sobre as partes descobertas; 5) perigo menor para as pessoas que coabitam com o doente, principalmente se houver o cuidado de completar a prophilaxia pela esterilização de todas as vestes do doente que estiverem em contacto com as partes de seu corpo não tratados

> pela tintura de iodo; 6) diminuindo-se o numero de pustulas diminue-se egualmente a gravidade e a mortalidade da affecção (Almanaque do Ceará de 1914: 22.).

Com isso, percebemos que além de Teófilo existe outro cientista que difundia seu conhecimento cientifico sobre a varíola através do *Almantaque do Ceará* e isso era disseminado nesse estado.

Ainda no livro sobre a seca de 1915, Rodolfo Teófilo também reforça a relação das doenças com as secas, pois ao mesmo tempo em que as epidemias agravam o número de mortos nas secas, o fenômeno natural também proporciona um ambiente insalubre, principalmente por causa da aglomeração de retirantes, que também agravam as moléstias.

> A moléstia que mais aterrou a população de Fortaleza foi a paratífica. É a mesma febre que grassa no Ceará há muitos anos, com diversos nomes, e que conheço há cinquenta anos. Aparece uma vez por outra em casos esporádicos, porém benignos. Ela não vem com a seca, como se supõe. Mora em Fortaleza. O que a seca faz é aumentar-lhe a virulência e a proliferação do micróbio (TEÓFILO,1980:98).

Ao final da seca, Teófilo nos mostra que foi construído o açude Riacho do Sangue, porém considera tal ação insuficiente para combater as secas no Ceará. O intelectual faz um apelo em sua obra pela construção do açude Orós que, segundo ele, pode trazer grande alívio para o estado, pois o mesmo tem a pretensão de represar o Rio Jaguaribe que possui uma grande capacidade hídrica no período. Ele demonstra novamente que o governo, após o fim da seca, suspendeu os socorros públicos e as obras de combate ao flagelo. Com isso, ele faz um apelo pedindo que não esperem outras secas e que construam esse açude, porém o mesmo só será construído pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) e finalizado em 1961.

Se referindo ao contexto pós-secas, o autor passa a discorrer que o Estado deve dar prioridade a construção de açudes, pois os reservatórios de água são os “antídotos” da seca. Ele discorre que o governo deve parar de dá prioridade a economia e tentar findar a falta de água no Ceará.

> Prefiro os grandes açudes às estradas de ferro: estas virão depois. As maiores safras que o Ceará teve foram no tempo em que não havia estrada de ferro, e não ficou no interior gênero algum de exportação. O Ceará é uma terra muito fértil. A agricultura aqui é ainda dos tempos idos. O adubo que o cearense conhece é a cinza que resulta do incêndio das matas. (IDEM:111)

Outro erro apontado por Teófilo na gestão da população é com relação aos gêneros alimentícios, mas especificamente a carne bovina. O autor nos mostra que grande parte do gado cearense morreu com as seca, o que já era esperado, porém ele mostra que o governo falhou no acompanhamento do rebanho, pela Comissão Veterinária através de veterinários.

> O prejuízo em gados, em 1915, foi enorme. Calcula-se em mais de um milhão e meio de rezes, prejuízo, em parte devido aos criadores. O Ceará já não comportava tanto gado. Não tinha campos nem forragens para tão crescido número de rezes em um ano crítico. (...) Tínhamos uma comissão de veterinária em Fortaleza, porém servia somente para curar os burros de carroça ou um ou outro cavalo de sela. A permanência dessa comissão na capital, quando no sertão os gados se acabavam de doenças, era tão absurda que ao final o Governo espalhou os seus membros pelo interior do Estado, ficando em Fortaleza somente o diretor(IDEM:90)

Por outro lado, na obra, o farmacêutico sai em defesa do Ceará, afirmando que também foi um exagero a morte do gado, pois no outro ano o estado já se encontrava repleto de animais, o que comprovava que a pecuária já se encontrava recuperada. Além disso, como podemos ver, ele também responsabiliza a grande quantidade de mortes ao excesso da população animal quando o estado não podia mais comportar. Porém, novamente ele demonstra que até mesmo para remediar a situação, o governo foi falho, pois o mesmo manteve a comissão de veterinária na capital, quando grande parte do gado se encontrava no interior, demorando assim para enviar a ajuda, o que na visão do autor, agravou bastante a proliferação de doenças que dizimaram o bovino cearense.

É interessante perceber, que mesmo o autor tentando demonstrar que Nogueira Accioly foi o maior atraso para a história do Ceará, ele não deixa de discorrer sobre as falhas do governo federal. Chegando inclusive a mudar sua opinião sobre a migração para fora do estado:

> Eu havia sido inimigo da emigração e tão inimigo que escrevi um livro – O Paroara – no qual combatia a emigração como uma grande desgraça. Naquele tempo eu era ainda um crente e tinha a infantilidade de pensar que poderíamos ter governos que tomassem a sério o problema das secas. Mudei de pensar em vistas dos fatos. As medidas tomadas pelo Presidente da República, até agora, têm sido tardias e Incompletas.(IDEM:68)

O livro *O Paroara* é uma obra ficcional escrita por esse intelectual e busca mostrar o sofrimento a partir da migração de cearenses para a Amazônia em busca de trabalho na coleta da borracha. Ou seja, percebe-se que o autor, nesse momento de sua escrita, se encontra

totalmente descrente com os governos republicanos, o que será bem característico ao analisamos a obra *O Reino de Kiato* no próximo capítulo.

Ao final do livro, diferente de Nogueira Accioly, Teófilo vai em defesa do caráter do Presidente do Estado Benjamin Liberato Barroso, pois, apesar de uma má administração, ele era "íntegro".

> Os erros cometidos pelo Dr. Benjamin Barroso como administrador foram devidos aos politiqueiros que o cercava. Ele não teve a precisa energia de lhes bater o pé. Além disso, ele era de uma boa fé fora do comum, confiava demais nos homens, péssima qualidade para governo. Espediçou-se muito dinheiro, mas a pessoa dele se conservou imune de qualquer suspeita, a sua probidade saiu imaculada. Posso afirmar que o Dr. Benjamin Barroso saiu mais pobre do que quando entrou para o governo(IDEM:120).

Com isso, o autor aprofunda sua crítica, pois o mesmo demonstra que um homem "honesto" não foi capaz de conter a politicagem que ocorre no Ceará. Ou seja, voltamos aqui mais uma vez a ideia central deste capítulo, pois Teófilo faz questão de sempre debater em seu livro que as secas do Ceará tinham mais proporção, não pela inclemência da natureza, mas por governantes politiqueiros que não se preocupavam com a população.

Podemos concluir que, ainda em 1922, ano da publicação da obra, o autor visa manter sua crítica à falta de gestão da população, processo esse que Foucault mostra que ocorreu na Europa.

Apesar da Primeira Guerra Mundial, os valores europeus ainda estavam em alta no Ceará, mostrando assim, que esse intelectual teve contato com essas influências. É característico na escrita de Rodolfo Teófilo que o mesmo possuía "anseios de civilização" na busca em se espelhar nos ideais europeus e desejando que os mesmos fossem aplicados no Ceará.

Por último é sempre válido lembrar que, acima de tudo, a obra *A Seca de 1915*, na verdade é uma prática letrada (CARDOSO, 2014), na qual o autor se utiliza de seu impresso para difundir seus ideais. Sergio Miceli nos mostra a importância de se trabalhar a intelectualidade na República Velha para compreender um contexto.

> O estudo da vida intelectual brasileira em seu período de formação constitui uma ocasião privilegiada de compreender as modalidades com que a produção literária contribui para o trabalho de dominação, contribuição que assume formas mais complexas e dissimuladas num campo intelectual dotado de maior autonomia relativa (MICELI, 2001:17).

Ou seja, estudar a produção literária de Rodolfo Teófilo é compreender como esse intelectual se encaixa nas relações de dominação e transcende as mesmas na medida em que em obras como “A Seca de 1915”, o autor busca desconstruir discursos governamentais acerca do flagelo social, exemplo disso é crítica às condições insalubres do abarracamento e falta de controle social que refletia em comportamentos, como a prostituição.

Assim, a obra aqui analisada trás um olhar inovador sobre o período, mostrando que a prática letrada desse intelectual é justamente a expressão de suas ideias, não só para a circulação da obra, mas para posteridade. Essas ideias buscavam difundir seus anseios civilizacionais e as críticas aos fatores que impediam o progresso, na visão do farmacêutico.

3.3. “O CEARÁ SÓ SE PODERÁ LEVANTAR QUANDO FOREM MINORADOS OS EFFEITOS DAS SECCAS”: ANÁLISE DO DISCURSO BIOPOLÍTICO NA OBRA *A SECA DE 1919*.

No primeiro tópico deste capítulo discorremos sobre a transição entre as secas de 1915 e 1919 através das fontes oficiais e foi possível perceber que o próprio governo falhou em criar medidas preventivas que diminuísse o flagelo social.

Procuraremos agora aprofundar a discussão biopolítica de Rodolfo Teófilo na obra *A Seca de 1919*, buscando perceber como, através das críticas do autor, podemos apresentar ideais biopolíticos.

Figura 19 – Livro A Seca de 1919

FONTE: (TEÓFILO, 1922A)

Assim como as obras anteriormente analisadas, Teófilo começa seu livro apresentando o contexto a qual sua crítica se insere, relembrando que antes do flagelo de 1919, já havia ocorrido uma seca em 1915.

> O Ceará ainda não se tinha refazido dos grandes prejuízos da secca de 1915 quando chegou a secca de 1919. Naquela calamidade a industria pastoril quasi se extinguiu não tanto pela fome como pelas epizootias que grassavam. Os campos estavam vasios quando novo flagello nos bate a porta. É a eterna maldição que pesa sobre o nordeste do Brazil: **está sempre entre uma seca que foi a outra que vem em caminho** (TEÓFILO, 1922A:07).

A primeira característica apontada pelo autor é que mesmo com o período de chuvas regulares entre as duas secas, não foi possível refazer todo o pr

ejuízo, o que tornava o Ceará mais frágil à atuação de um flagelo. Dois setores bastante prejudicados com a seca de 1915 foram a pecuária e a cotonicultura, pois os mesmos não haviam recuperado todo o investimento perdido na seca anterior.

Porém, devido ao rigoroso inverno ocorrido durante os anos de 1916 a 1918, o Ceará passou a ter uma boa recuperação nesses setores, mas Teófilo volta a exercer sua escrita, na

qual buscamos caracterizar como biopolítica, pois o mesmo aponta falhas na gestão posterior a seca, o que agravou a seca de 1919.

> O Presidente do Estado facinado por tão grandes receitas esqueceu-se de que governava a terra das seccas e começou a dotar o Ceará de melhoramentos que só podiam possuir os Estados ricos. Eu disse diversas vezes, as intimidade, ao Dr. João Thomé Saboya e Silva, que não iludisse com a prosperidade do Estado, pois ella era toda transitória. Que seria prudente arrecadar as rendas de um exercício, guarda-las até que novas rendas estivessem garantidas pelas safras futuras, e então serem gastas as que estavam nos cofres em melhoramentos no Estado. Lembrava-lhe que o Ceará estava sempre entre uma secca que foi, e outra que vem, que bem podia ser que dentro do seu governo chegasse o flagelo. Eu assim dizia, mas nunca suppuz que a secca de 1919 estivesse tão perto, que o interregno fosse tão curto. Chegou o flagelo e o crario público que devia pelo menos guardar intactas as rendas de um exercício, estava pobre (IDEM:09).

A partir do trecho acima percebemos que Teófilo passa novamente a apresentar medidas que o governo poderia ter tomado para evitar a seca, porém o mesmo, segundo o autor, não executou. Relembramos aqui que a principal característica da escrita crítica desse farmacêutico é a prevenção, pois como já enfatizado anteriormente, o flagelo social só tomava essa proporção por falta de medidas contra a falta de água nos anos em que não houve a escassez de chuvas no Ceará.

Além disso, é importante cruzarmos o depoimento de Teófilo com as fontes oficiais, as quais foram abordadas no primeiro tópico deste capítulo. Nelas, demonstramos que o Presidente do Ceará João Thomé, no início de sua administração, passou a mostrar que o Estado tinha capacidade para combater às secas, porém quando a mesma é instaurada em 1919, ele muda o seu discurso para se defender, demonstrando que é um problema natural e sem solução.

Com isso, a partir das próprias fontes oficiais, percebemos que as críticas de Teófilo são válidas, já que o Estado poderia ter criado mecanismos de prevenção mais eficientes, pois dispunha de dinheiro.

Ainda com relação às fontes oficiais, Teófilo novamente concorda com o discurso do Presidente do Estado, pois ele também responsabiliza a União pelo agravamento da seca, já que a mesma protelava a assistência federal.

Outro fator a qual ele também responsabiliza pelo problema social são os agricultores, pois em sua visão, os mesmos tinham tanta preocupação em exportar que esqueciam de armazenar para possíveis secas, podendo eles, abastecerem o estado nesse período.

Para demonstrar e responsabilizar os agricultores, o autor afirma que em 1918 desenvolveu um artigo[29] apontando a gravidade de se exportar mandioca do tipo "aparas" (a que se conservava mais tempo), por causa do período de seca. Para embasar seu artigo, o intelectual se utilizou de dados da seca de 1897/1898. Após perceber que mesmo com a produção do artigo os agricultores não lhe deram atenção, o mesmo resolveu leva-lo para o presidente do Estado:

> As minhas apprehensões foram taes, que me dirigi ao Presidente do Estado, depois de ter publicado o meu artigo sobre aparas, isso em 1918, e pedi-lhe que prohibisse a exportação de aparas a bem do futuro do Ceará. O Dr. João Thome de Saboya e Silva um dos homens mais reflectidos e ordeiros que tenho conhecido, ouviu-me com attenção e negou-se a satisfazer o meu pedido por estar fora de sua alçada. Repliquei dizendo-lhe que era caso da salvação pública. Disse-me que não receiasse a falta da farinha, que só a serra do Araripe tinha mandioca para milhões de saccas. Repliquei-lhe que se viesse uma secca? Respondeu-me que não era provável. A hypothese de uma secca logo em cima da outra, não era muito acceitavel, mas não impossível. Duas secas tendo de permeio um anno de copioso inverno, havíamos tido havia pouco tempo, o grande inverno de 1899 imprensado entre as seccas de 1898 e 1900 (IDEM:17).

A partir do trecho acima, vemos mais uma vez a característica biopolítica em Teófilo, pois o mesmo denuncia que tentou fazer o governo proibir a retirada de mandioca como uma forma de prevenir a fome causada pelas secas. É interessante notar que ele não faz uma simples critica, ele tenta embasar com dados principalmente se equiparando as secas anteriores, demonstrando que já havia ocorrido secas em anos próximos. Ou seja, era correto pensar que haveria outra seca em 1919.

Percebemos então que o autor busca dar um caráter científico a sua argumentação, demonstrando possibilidades preventivas para combater uma das principais consequências do flagelo social, a fome. Logo, destacamos que para o autor a biopolítica não está só na prevenção das doenças, mas na solução de problemas que acometem a sociedade na seca, como a falta de água e a fome.

É importante considerar que para a formação de um cenário propício as doenças, não bastava apenas a falta de profilaxia, pois as doenças só se fortaleciam na medida em que os flagelados migravam para capital em busca de água e comida e por isso se acomodavam em abarracamentos, considerados pelo autor o ambiente responsável pela proliferação das enfermidades, devido a insalubridade.

[29] O artigo não foi localizado para a pesquisa.

Assim, notamos que essa argumentação de Teófilo é de tamanha profundidade que, quando se diminui a fome, consequentemente diminui a migração de retirantes, logo, não é necessário à formação de abarracamentos, acabando assim com os principais focos de proliferação de doenças.

Para entender sua intervenção na cidade, é importe lembrar que essa obra circulava no meio urbano, sendo distribuída inclusive de forma gratuita e fazendo com que o autor tivesse a intenção de sensibilizar não só o governo, mas a população que tem acesso ao livro.

Ou seja, sua escrita biopolítica está associada a uma prática letrada, no sentido que o livro, no qual o autor demonstra seus argumentos, eram transmitidos, demonstrando assim que essa escrita com aspectos biopolíticos está também na intenção de intervir na sociedade. Além disso, vale lembrar que a obra foi publicada em 1922, porém os problemas da seca ainda não haviam sido solucionados.

Por isso, em sua obra o ator busca apontar que um fenômeno natural desse nível poderia facilmente ser controlado se o Estado estivesse bem aparelhado, ou seja, tivesse investido preventivamente. Segundo Lara de Castro (2010), o governo cearense, durante a seca, até tentou executar obras no interior que evitasse a migração de retirantes como a construção do açude de Forquilha, porém mesmo assim, ainda houve a migração, já que esta obra ficou saturada de retirantes. Ou seja, de fato, a crítica de Teófilo é construtiva na medida em que as tentativas do governo de remediar as secas falharam.

É importante ressaltar que ao falar dos retirantes, apesar de criticar o governo de João Thomé, o autor também faz uma crítica aos retirantes, que mesmo em boas condições de saúde migravam para Fortaleza.

> Os vagoes enchem-se de retirantes gordos, fortes, vestidos de roupa ainda sãs mas sujas, nogentos, exalando um cheiro de porcaria que embebeda. Este fartum especial da sujidade é tal que empesta o trem inteiro, vindo da cauda deste. A gente que migra em Março retira-se para o litoral é vagabunda. O sertanejo lavrador, que tem o seu roçado não emigra nos primeiros mezes de secca. A prova é clara. Havendo inverno elle só em Abril colhe as primeiras vagens de feijão, que é o allimento que primeiro chega, se o inverno começou em Janeiro, e em Junho se começou em Março. Assim o que se retira antes do tempo da colheta não tem razão de fazel-o, prova que não semeou (TEÓFILO, 1922A:21).

A partir desse trecho é possível levantar alguns parâmetros da escrita de Teófilo. Primeiramente, percebemos que apesar de responsabilizar a gestão do período, o autor também demonstra que “a primeira leva” de retirantes que migravam para a capital não era culpa do governo, já que os mesmos não esperavam o período de colheita chegar. É

importante ressaltar isso, pois o intelectual nem sempre responsabiliza o governo por tudo, demonstrando assim que esse livro não é um libelo, até porque o escritor descreve o Presidente do Estado como um intelectual de bastante lucidez.

Com isso, percebemos uma quebra do padrão da escrita de Teófilo com relação à oligarquia acciolina, assim como demonstrada no capítulo anterior, pois o mesmo escreve os seus livros, principalmente o *Libertação do Ceará* (1915), como um ataque e uma difamação a imagem de Nogueira Accioli. Assim, podemos inferir que *A Seca de 1919* não possui um caráter de ataque pessoal ao governo, mas sim uma crítica e uma intervenção de uma prática letrada em difusão junto aos dilemas sociais enfrentados naquele momento.

Outro aspecto importante desta citação é a desmistificação de Teófilo como um "Varão Benemérito da Pátria", pois em muitos trabalhos acadêmicos ele é colocado como um personagem da história do Ceará que defende os pobres, porém esse intelectual sempre levanta várias críticas a essa camada social, assim como visto na citação. Esse farmacêutico teve uma importante atuação e atenção com a camada menos favorecida de Fortaleza, principalmente através de sua vacinação voluntária, porém isso não quer dizer que ele tinha um "apreço" a eles, pois sua preocupação não era defender esses desprovidos de bens, mas lutar por um governo que gerisse a população para que o Estado se tornasse civilizado, ou seja, um governo com aspectos biopolítico.

Sabemos que esse intelectual está mergulhado em um contexto, no qual essa camada é vista como "perigosa" "bárbara" e isso se reflete em seu discurso. Ou seja, achamos importante e válida à atuação de Teófilo, mas é preciso aqui desmistificar essa luta em defesa dos pobres.

A descrição dessa classe feita por esse escritor também nos remete ao seu estilo de escrita naturalista, que busca dar uma riqueza de detalhes, por isso é característico desse autor abordar não só dos pobres em si, mas o seu cheiro e a sua aparência.

Ainda discorrendo sobre governo de João Thomé, Teófilo demonstra que, em sua opinião, apesar de não conseguir prevenir o flagelo, o mesmo não cometeu erros como o de Liberato Barros, em 1915, já que impediu a construção de abarracamentos que aglomerassem os retirantes. Além disso, incentivou os mesmos a se abrigarem ao longo da obra da estrada de ferro de Baturité, evitando assim que esses permanecessem na cidade de Fortaleza.

O intelectual lembra que muitos pensam que abandonar os retirantes a própria sorte é assassinato e, para ele, pior é aglomerá-los em um ambiente insalubre e propício ao surgimento de doenças que dizimariam mais ainda a população. Ou seja, o presidente pode não ter acertado, mas para Teófilo ele pelo menos não piorou a situação. Assim, em sua

escrita biopolítica, aparece a preocupação no geral, pois pior do que morrer alguns retirantes é deixar os mesmos proliferarem doenças que afetem toda a população. Esse argumento reforça também a ideia de que Teófilo se preocupava com a população e não só com os menos favorecidos.

Ao analisar outros trabalhos acadêmicos produzidos no período, podemos trazer outros aspectos que não são tão aprofundados na obra de Teófilo. Tyrone Cândido nos mostra que com a eleição para presidente do Brasil, de Epitácio Pessoa, o mesmo decide investir no combate as secas e cria o Caixa Especial de Obras de Irrigação, além de investir fortemente no combate ao flagelo social durante seu governo de 1919 a 1922. Cândido nos aponta que:

> Os investimentos federais converteram-se num sensível surto de industrialização nos rotineiros territórios atingidos pelas secas. Obras de vulto, como as construções dos grandes açudes Orós, Pedras Brancas, Patu e Quixeramobim, iniciadas nessa época, trouxeram a reboque todo um aparato de reparos em portos, extensão e modernização de rede ferroviária, instalação de fábricas de beneficiamento de cimento, implantação de usinas elétricas, construção de rodovias e de redes telefônicas, criação de povoados que em breve se converteram em cidades (CÂNDIDO, 2014:191).

Ou seja, apesar de todo o esforço de Teófilo no "comprometimento com a verdade e narrativa dos fatos", o autor não aprofunda em sua obra esse contexto de intervenção federal que mudou o combate às secas, porém ele demonstra que houve sim uma intervenção maior com Epitácio Pessoa. Ou seja, lembramos que o autor possui lacunas e que é fruto de uma intencionalidade, demonstrando assim, que, a escrita do autor é fruto não só de um período, mas da ideia que ele quer transmitir.

Analisando essa escrita do farmacêutico, percebe-se que ele discorre sobre a atuação federal em um tom crítico, pois o mesmo chega a afirmar que durante as secas ocorreram várias obras federais, porém os flagelados que trabalhavam eram explorados, na medida em que ganhavam pouco; possuíam famílias grandes; trabalhavam longas jornadas de trabalho; e ainda tinham que pagar por alimentos com preços altos. Tyrone Cândido vai de encontro com o autor ao mostrar a situação de trabalho dos flagelados em 1919:

> Tratados "como se fossem escravos", os operários das secas nutriam, por seu turno, uma forte hostilidade aos que exerciam papéis de autoridade nas obras. Estigmatizados em sua condição de miseráveis, devolviam os maltratos sofridos através de gestos ameaçadores, velados ou não, que os faziam ser vistos como elementos perigosos, os quais não mereciam confiança (IDEM:237).

Ainda em relação ao governo federal, Teófilo afirma que, em sua opinião, o Estado cearense era o mais prejudicado pelas secas e levanta uma crítica a Epitácio Pessoa, que por meio da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), tentou atuar por todo o norte do país, entretanto, o Ceará se encontrava em maior gravidade, visto que no Piauí, segundo o escritor, havia chovido normalmente.

Caracterizamos aqui mais uma crítica com aspectos biopolíticos. Como Foucault (1999) nos mostra, para uma administração atender as demandas de uma sociedade, é necessário um estudo compreendendo que cada região, setor e classe social detêm necessidades diferentes, exigindo que a direção as atenda através de políticas públicas diferenciadas, e não uma política na qual compreende a sociedade como sendo uma unidade e não como uma pluralidade.

Destacamos que o IOCS passou a atuar mais incisivamente contra as secas, pois segundo Aline Lima, devido esse fenômeno ter trazido prejuízos para a região, prejudicou também a classe mais abastada, fazendo a União se interessar pelo fim do flagelo, uma vez que, as influências políticas utilizavam-se desse fenômeno para fazer acordos políticos.

> A Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS) atuou na região semi-árida seguindo um plano que vinculava a ação da ciência e da técnica na construção do bem-estar para os indivíduos. Seu projeto de ação se constituiu dentro de uma lógica advinda a partir de meados do século XIX, quando a seca na região, então conhecida como "Norte Seco", atingiu todos os estratos da sociedade e ganhou destaque como calamidade. A seca tornou-se a palavra-chave dos discursos dos políticos do Norte em busca de recursos, pois, a cada período de estiagem, a região se tornava o espaço do atraso e da necessidade. Os grupos de influência política ganhavam cada vez mais recursos sob o argumento da resolução do problema da estiagem (LIMA, 2010:13).

Mesmo com a gestão atuando em favor do fim da catástrofe, Teófilo crítica que não agiram de forma correta. Caso tivessem realizado um estudo, saberia que o Ceará era o estado mais carecido. Caracterizamos, mais uma vez, esse aspecto de sua escrita, no qual, na visão do autor, mesmo a gerência tentando, jamais conseguiria agir de uma forma característica da biopolítica.

Com relação à república, percebe-se que o farmacêutico faz muitas críticas a esse modelo porque, para ele, D. Pedro II sabia administrar melhor no combate as secas:

> Foi D. Pedro II, nosso grande amigo, quem encurtou com léguas a estrada da fome, encampando a Estrada de Ferro a Baturité em 1877; a elle é que se deve os retirantes não chegarem em via de morrer. É bom relembrar sempre

> esse favor do monarcha, que a nossa ingratidão desthronou e baniu. A nossa ingratidão é modo de dizer, pois a indisciplina das classes armadas foi que desthronou o imperador (TEÓFILO, 1922A:28).

Chamamos atenção para o descontentamento do intelectual perante aos governos republicanos, demonstrando que o mesmo acreditava que o monarca tinha mais capacidade de gerir a população. Além disso, enfatizamos que sua crítica à União possui também interesse, ele idealizava uma forma de governo diferente, como veremos no capítulo três deste trabalho.

Essa característica é fundamental entender esse estudioso. Sua crítica ao governo federal ia de encontro com a crítica dos governos estaduais, como vimos no primeiro tópico deste capítulo, apontava-se a falta de apoio que recebiam. Isto não quer dizer que ele concordava que a culpa era apenas do governo federal, mas que ele fazia uma crítica influenciada pelos seus ideais monarquistas e pela falta de gestão governamental para ajudar o Ceará.

Outro ponto a ser abordado na obra, assim como no livro *A Seca de 1915,* o autor demanda apresentar novamente a possível solução para o fim da calamidade social:

> A única medida de salvação eram captar a água que cae do céo, retel-a em grandes reservatórios e depois distribuil-a methodicamente inrrigando os terrenos que lhe ficam a jusante.(...) Orós, por exemplo, com uma capacidade muitas vezes maior, alimentado por um rio caudaloso no inverno, irrigando cincoenta léguas de um solo uberrino como o das várgeas do Jaguaribe, em que a cada camada de humus é tão espessa como nos deltas do Nilo? Nesse tempo o Ceará será um dos estados mais prósperos do Brazil (IDEM:56).

Para o farmacêutico, captar e armazenar a água que vem do céu e represar os rios locais era a solução mais viável para o fim da desgraça social, através de seu "saber científico", explica que tal fenômeno natural sempre existirá, a causa das secas é a própria natureza da região e não teorias desse contexto como falta de água para se evaporar na região ou manchas solares que incidem no local. Assim, para o autor, a principal resolução das secas é a arrecadação de água, enquanto medida preventiva de um fenômeno natural e evitando que ele se torne social.

Ele complementa sua teoria de combate às secas, já apresentada no livro analisado no tópico anterior, ilustrando que através da irrigação feita pela água dos açudes é possível produzir bastante agricultura e alimentar o gado, levando o Ceará a ser um dos maiores produtores do Brasil, principalmente na cotonicultura.

Evidenciamos o conceito de práticas letradas (CARDOSO, 2014) para assim compreender Teófilo. O público receptor dessa obra tinha acesso aos ideais do farmacêutico, que se disseminava pela sociedade fortalezense logo sua escrita que possui aspectos biopolíticos, se soma a característica *militante* (NETO, 2006) do autor, que objetivando disseminar ideais na sociedade.

Tendo em as obras públicas feitas no Ceará em 1919, o intelectual faz sua crítica apontando que após a seca, muitas das construções já haviam sido paralisadas, atestava a concepção do Estado de apenas remediar a situação sem manter políticas contínuas.

> Infelizmente tenho duvidas sobre o risonho futuro desta mal fadada terra. Ainda não faz um ano que começaram as obras e já algumas foram suspensas por falta de numerário. A estrada de ferro, por exemplo, de Fortaleza a Itapipoca, na qual o pessoal de operários elevava-se a algumas mil pessoas, com as suas famílias, foi interrompida a construcção com grande prejuízo para os cofres públicos e ainda mais para os desgraçados que viviam a custa daquelle salário. Foi uma calamidade a suspensão dessa obra. E em que tempo? No começo do verão quando os homens que ficaram desempregados não podiam abrir seus roçados para tirar da terra a subsistência (TEÓFILO, 1922A:58).

Teófilo faz uma reflexão de que quando um "nortista" estava no governo e tinha interesse pelo combate às secas, muitas obras eram interrompidas, imagina quando, no futuro, assumisse outro administrado que não fosse dessa região. O autor faz um balanço a cerca do futuro do Ceará, temendo que esse problema pudesse perdurar.

Com relação às doenças, o estudioso afirma que a seca de 1919 foi menos prejudicial se comparada a de 1915, pois não houve surtos epidêmicos graves, a higiene da cidade era melhor e não houve nenhum caso de varíola no Ceará.

Ao dissertar a cerca das finanças do Estado, o intelectual evidencia que ao longo da república muitos Presidentes do Estado adquiriram empréstimos e esvaziaram os cofres públicos, contudo ele constata que seria possível fazer o Ceará superar essa crise, desde que houvesse boas administrações e o combate à seca fosse levado a sério.

> O Ceará só se poderá levantar quando forem minorados os effeitos das seccas. Acredito mesmo em um futuro prospero, mas remoto, para esta terra, cuja salubridade do clima é grande e a resistência de seus homens é phenomenal. Não será ainda agora no governo de Epitácio Pessôa, com os duzentos mil contos votados, que o Ceará terá os grandes reservatórios (IDEM:72).

O escritor nos apresenta que não basta apenas investir fortemente no combate às secas durante uma gestão se esses investimentos não se perdurarem, para, efetivamente, acabar com a falta de água, ainda era necessário muitos investimentos. Não basta executar medidas paliativas, o Estado e a União precisam pensar em prevenção.

Na obra analisada, outro aspecto importante apontado por Teófilo é que, no período, as obras de açudagem eram realizadas pelo Estado e não por particulares e ele crítica isso, na medida em que o governo se utiliza de mais funcionários e demora a executar, ou seja, se fossem feito pelo setor "privado" as obras demorariam e custariam menos.

> Esse credito se fosse applicado somente em nas obras contra as seccas daria para fazer grandes melhoramentos, porém, penso não é. Accresce que os serviços que se estão fazendo por administração, o que é um erro. Deviam ser feitos por empreitada, custariam menos talvez cicoenta por cento. O que o empreiteiro faz com um, dois ou três engenheiros e alguns ajudantes, o governo faz com o triplo do pessoal techinico. O que é curioso é a commissão trazer do Rio desde engenheiro chefe até o apontador, o feitor, como se aqui não houvesse gente para chefiar turmas de trabalhadores (IDEM).

É interessante realçar que, atualmente as gestões cearenses utilizam da mão de obra privada para a construção de obras, como por exemplo, as de combate às secas. Todavia, mesmo assim, o problema ainda não foi solucionado e, muitas vezes, há o desperdício de verba pública devido às paralisações, novas licitações ou, até mesmo, superfaturamento de obras. Refletimos aqui, que apesar de, ser um intelectual, que tinha conhecimento sobre o fenômeno, nem sempre tinha razão em seus argumentos. É perceptível que esse tipo de modelo não solucionou o barateamento de obras. Claro que, Teófilo não chegou a viver para ver esse tipo de obra ser feito, contudo problematizamos aqui a escrita do autor, assinalamos que apesar dele querer apontar as soluções que o Estado não cumpria, nem sempre sua crítica estava correta.

De fato, o intelectual, aponta outras problemáticas que poderiam tornar mais viável, economicamente falando, as obras, como a utilização de mão de obra local - as pessoas do Rio de Janeiro que vinham trabalhar eram mais caras – além de ser interessante para o Ceará aproveitar os trabalhadores locais. O farmacêutico indica para o leitor uma falha que poderia fazer a verba render ainda mais, deixando claro que para ele gerir a população é, também, pensar na melhor forma de aplicação das verbas públicas.

Desmitificando a inutilidade do solo cearense, o escritor se propõe também a mostrar que, nos anos de chuva, o Ceará produz e exporta muito, defendendo a ideia que havia terra

fértil e mesmo se houvesse água nos períodos secos, o Estado continuaria a ser grande produtor.

> Era tal o deposito de feijão em Fortaleza, e tão grande foi a safra de feijão em 1920 que uma sacca de feijão importado em 1919 com 60 kilos que se vendia por trinta mil reis foi vendido até a dois mil reis! Pelos gêneros importados durante as seccas é que se pode avaliar o que produz o Ceará. E é essa terra fértil que durante os annos de invernos regulares vive na abastança e tem gêneros alimentícios até para exportar que o sulista, na ignorância do que ella produz pede ao Governo da União para desapovoar!... (IDEM:78)

Para o farmacêutico, valia a pena sim investir no Ceará, tendo em vista um lugar bastante produtivo, mas por falta de gestão sofria com o fenômeno natural da estiagem. É-nos apontado que, o sofrimento da população era causado pelo governo, não pela seca.

Alguns dos fatos assinalados por Teófilo no livro são de conhecimento público para o período, entretanto ele procura enfatizar, principalmente, através de dados do próprio governo. Acreditamos que, mesmo afirmando que muitos dos dados fornecidos pelo estado são “amenizadores”, ele constrói seu argumento por meio das fontes oficiais na intenção de demonstrar as falhas da gestão que não podem ser contestadas.

A partir do que foi apresentado, foi possível observar que o autor se utiliza de uma escrita crítica para apresentar sua opinião a cerca das transformações sociais que se passavam no período.

Ele nos evidencia que, se o governo tomasse medidas preventivas para gerir a população, a estiagem e epidemias poderiam ser amenizadas. De fato, a seca e as epidemias no Ceará estão interligadas e, dessa forma, uma amplia os efeitos da outra, por isso que o escritor trata as epidemias como algo preventivo, já que era comum o surto de doenças, nos períodos de seca, como, tuberculose, verminoses, varíola e entre outras.

Reforçamos a ideia, já trabalhada por Isac Neto (2006); O autor tinha uma escrita militante e possuía a intenção de difundir ideais. Através de sua crítica reparamos, não só o que Teófilo apontava como falha do governo, mas como também um anseio biopolítico. Sua crítica está ligada à gestão da população, especialmente, por meio da prevenção e da intervenção do Estado quando necessário.

Tendo em vista o que já foi analisado até o momento, percebemos que a idealização de um modelo de gestão. O estudioso aponta os erros do governo, salientando que essa não era a forma correta de governar. Todavia, será na obra *O Reino de Kiato* (1922) que tal modelo será apresentado e através do interligamento de sua crítica com seus ideais, mostraremos que esse

governo tinha aspectos biopolíticos - estava centrado na prevenção, na saúde, ou em qualquer mal que afetasse o bem-estar da população e por isso era papel do governo intervir nessa sociedade para guia-la a civilização e eliminando esses males.

Aprofundaremos agora as representações ficcionais nas obras de Teófilo. Outra obra a se destacar será a *Memórias de um Engrossador*, na qual ele também traz uma reflexão e uma crítica em torno da sociedade política cearense, explicando que o convívio social corrompia o homem e o impedia de chegar ao progresso. Confrontando essas duas obras ficcionais e as obras já analisadas nesse trabalho, concluímos qual o modelo de governo de Teófilo e em que ele diverge do modelo cearense político.

4 ENTRE A DESCRENÇA E A IDEALIZAÇÃO DE UMA CIVILIZAÇÃO: ANALISE DAS OBRAS *MEMÓRIAS DE UM ENGROSSADOR* E *O REINO DE KIATO*.

Nos capítulos anteriores, foi visto toda produção de Teófilo em perspectiva de livros de memória denunciativa, onde o escritor visava descrever para sociedade os erros da gestão. Tais obras carregam a prática de Teófilo e sua atuação contra o governo.

Esse capítulo visa analisar outra parte da produção de Teófilo. As obras ficcionais, que trazem não a experiência do autor, mas a representação de sua realidade vivida.

A partir delas perceberemos dois aspectos que nos refletiram a aplicabilidade do conceito de biopolítica no autor. A primeira em *Memórias de um Engrossador*, na qual trará, de forma ficcional, a representação de como o escritor enxergavam a política cearense e sua descrença na civilização, já que ele não acreditava que com aquele modelo iria se atingir o progresso pleno.

Em um segundo momento, analisaremos a obra *O Reino de Kiato*, na qual é uma de suas últimas obras em seu período de grande produção. Nesta, o autor narra a história de um reino totalmente civilizado, que atingiu todos os parâmetros do progresso e da felicidade plena. Descreveremos ao leitor, a forma como esse reino funcionava e o que aconteceu para ele se tornar a maior civilização da humanidade. Isso, nos fez perceber que por trás desse reino existe um governo forte, que impôs um controle social à população, conseguindo mudar os costumes e superar todos os atrasos que a humanidade tinha e que os impedia de se desenvolver.

A partir dessas duas obras iremos fazer um contra ponto entre a realidade e a idealização representada nessas duas obras de Teófilo, entendendo porque ele não acreditava que o Ceará se tornaria totalmente civilizado, e qual o modelo de civilização ele acreditava ser o correto.

Entretanto, antes de iniciarmos esse debate, acreditamos na necessidade de levantar parâmetros de discussão a cerca da Nova História Cultural, compreendendo como esta contribuiu para os estudos de fontes literárias e como o conceito de representação nos ajuda neste capítulo.

Frisamos, novamente, que optamos por fazer esse debate aqui, devido a aplicabilidade do conceito de representação é necessária para trabalhar essas obras ficcionais que, diferente das já trabalhadas, não se tratam de literatura ficcional, e sim livros de memória.

Temos consciência que a memória é uma representação da realidade, porém em seus livros Teófilo busca fazer um relato "verossímil" denunciativo, nos permitindo trabalhá-lo enquanto fonte histórica, assim como qualquer outro documento.

Já na literatura ficcional, não existe nenhum comprometimento do autor com essa realidade e só se torna fonte histórica na medida em que o historiador traz essa ficção para a realidade a qual ela foi escrita, ou seja, o lugar social do autor, entendendo-a como uma representação de uma realidade, como veremos a seguir.

4.1. HISTÓRIA CUTULTURAL, LITERATURA E REPRESENTAÇÃO EM DEBATE.

Como bem discorreu PESAVENTO (2012), CHARTIER (1990), HUNT (1992) e BURKE (2005), a Nova História Cultural (NHC) surgiu na década de 1970, no entanto, ela é fruto das mudanças de paradigmas que a história vinha passando anterior há essa década:

> Na história, o avanço para o social foi estimulado pela influência de dois paradigmas de explicação dominantes: o marxismo, por um lado, e a escola dos "Annales", por outro. [...] No final da década de 1950 e nos primeiros anos da de 1960, um grupo de jovens historiadores marxistas começou a publicar livros e artigos sobre "a história vinda de baixo" [...]. Com essa inspiração, os historiadores das décadas de 1960 e 1970 abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e instituições políticas e direcionaram seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários , criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres. (HUNT,1992:02).

Tendo como ponto de partida essa "história vinda de baixo" e da escola dos Annales, as temáticas na história passaram a focar o social e o econômico, trazendo novas possibilidades e novas fontes para além das "fontes oficiais". Na década de 1970 os historiadores passaram a se interessar por objetos relacionados à Cultura.

Vale lembrar, assim como discorre Peter Burke, que essa não é a História Cultural, mas, uma "Nova História Cultural", pois, a abordagem cultural já era praticada muito anterior a isso.

> A história cultural não é uma descoberta ou invenção nova. Já era praticada na Alemanha com esse nome *(kulturgeschichte*) a mais de 200 anos. Antes disso havia histórias separadas da filosofia, pintura, literatura, química, linguagem e assim por diante. A partir de 1780, encontramos histórias da cultura humana ou de determinadas regiões ou nações (BURKE, 2005:15.).

Essa nova tendência historiográfica é denominada de Nova História Cultural, não só por ser uma retomada do foco na cultura, que passou por um período de decadência ao final do século XIX, em virtude do interesse pela política e pelos "fatos concretos" (BURKE, 2000), como também, por trazer "novos objetos, novas abordagens, e novos problemas" [30]. É relevante salientar que essa Nova História Cultural procurava também realizar uma interdisciplinaridade, utilizando as contribuições de filósofos como Michel Foucault, antropólogos como Clifford Geertz, e sociólogos como Pierre Bourdieu, entre outros.

Na medida em que os historiadores passaram a buscar novas abordagens - utilizar novas fontes para perceber outras visões sobre o fato – depararam-se com a necessidade de incorporar novos conceitos. Dentre esses conceitos, um dos mais pertinentes à História Cultural é o de representação.

A representação é um conceito que visa abarcar não os fatos, mas, como eles foram "representados" (portanto, lidos, compreendidos, sentidos, vividos) pelas sociedades ao longo da História. Neste sentido, a Literatura, enquanto campo de produção do conhecimento, carrega em seus produtos (os textos escritos) aquilo que os autores viveram, sentiram, imaginaram e interpretaram como aspectos da sua realidade social, do seu tempo histórico. A ficção, portanto, não está desprovida do real, das intensidades socialmente representadas, mas, em contrapartida, está intrinsecamente mergulhada junto às forças históricas de cada época.

Para o estudo da representação, deve também ser levada em conta a experiência de vida, a trajetória do autor, as representações de mundo, as condições da produção escrita, as estratégias de circulação e recepção do texto, bem como, a natureza do texto literário e a sua conexão com as tensões sociais vividas em cada época. Aos estudiosos do conceito, essas considerações ajudam a entender as intenções que motivaram os escritores de cada período a produzirem seus textos, como estes escritos foram recebidos e que objetos de circulação (livro, jornal, folhetim, panfleto etc) eles fizeram uso. Em relação ao romance, objeto de análise deste artigo, na medida em que essa obra comporta representações sociais, muitas vezes, com base na experiência de vida do autor, esta não é, um reflexo exato do real, mas uma construção a partir dele. Logo,

> As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como, como fazem com que os homens percebam a realidade e

[30] Esses novos aspectos não só da parte cultural, mas da nova história em si, são abordados na coletânea *História* dos autores Jacques Le Goff e Pierre Nora, na qual possui três volumes (parte um: novos problemas; parte dois: novas abordagens, parte três: novos objetos) e abordam temáticas como: o clima, a literatura, a arte, história conceitual, o retorno no fato, a religião, as ciências, a economia, o mito, as mentalidades, o filme, a festa, a opinião pública, o corpo, os jovens e etc.

> pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. [...] A representação não é uma copia real, sua imagem perfeita, espécie e reflexo, mas uma construção feita a partir dele. (PESAVENTO, 2012:39-40)

Destarte, pode-se concluir que, a partir desta abordagem, utilizando a representação, podemos elencar um novo leque de fontes e possibilidades para o historiador, como a música, a pintura, a dança e qualquer manifestação humana que transmita uma representação de uma cultura no tempo. Isso ocorreu devido este conceito nos trazer elementos que pairam em qualquer momento da história, todavia, assim como nos apresenta Roger Chartier, devemos lembrar que, uma representação não é apenas o reflexo do real, como também uma relação de interesses na qual uma pessoa, ou um grupo, busca construir sua visão sobre o fato e representá-lo da forma que o convém. Os estudos de fontes através da representação, não estão isentos de subjetividade, assim como qualquer outra fonte. Em um trecho de sua obra, Chartier nos demonstra isso:

> As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos os interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utilizam. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformulador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990:17).

Dizemos que a representação não é um reflexo da realidade, mas, construída a partir dela. É fundamental salientar que entre essa realidade e a representação existem as relações de interesses. Os discursos formados a partir do individuo ou grupo que quer demonstrar a sua visão sobre aquela realidade.

O conceito de representação, para Chartier, é algo bem mais complexo. Não é apenas uma disputa de interesses, visando legitimar uma visão de mundo, mas, a forma como esse mundo é representado; as representações não são simples imagens do mundo real, elas visam conquistar os indivíduos para que eles tenham essa percepção de mundo. Repara-se que, ao longo dos tempos, existiram diversos agentes sociais que procuraram difundir diferentes representações. Podemos citar como exemplo a imprensa, a educação e a própria literatura.

> As representações não são simples imagens verídicas ou enganosas, do mundo social. Elas têm uma energia própria que persuade seus leitores ou seus espectadores que o real corresponde efetivamente ao que elas dizem ou mostram. É a partir da hipótese da "realidade de representação", ou, dito de outra forma, da força social das percepções do mundo social,[...]. (CHARTIER:27, IN: ROCHA,2013A).

Concluímos que "o mundo como representação" não é apenas "entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo peloutro porque lhe é homóloga" (CHARTIER,1991:184), e sim uma disputa de discursos e poder que visam criar representações da realidade e firmá-las como a visão da realidade. Não uma representação da realidade, mas uma realidade representada.

Após ser debatida a noção de representação a qual se refere esse artigo, é fundamental evidenciar a utilização do livro para exemplificar essa discussão.

> O próximo exemplo que gostaríamos de trazer é o do "livro", pois talvez nenhum outro objeto de cultura seja constituído tão claramente em uma confluência de feixes de "práticas" e "representações". O livro é esse objeto da cultura que já passou por inúmeras formas, mas, que nas suas linhas gerais, é um objeto cultural bem conhecido no nosso tipo de sociedade. Para a sua produção, são movimentadas determinadas práticas culturais e também representações, sem contar que o próprio livro, depois de produzido, irá difundir novas representações e contribuir para a produção de novas práticas. (BARROS,2011:51)

Ao levantar parâmetros de discussão entre os conceitos específicos da Nova História Cultural, José D'Assunção Barros nos aponta dois elementos cruciais, concernente à representação. Primeiramente, as representações não devem ser dissociadas das práticas, visto que, é a partir desses dois conceitos que se formula a sociedade, pois as representações e as práticas se influenciam reciprocamente. Em seu texto, o autor nos demonstra que dentro do campo da Nova História Cultural, não existe objeto que fique mais claro a noção de representação ao ser trabalhado do que o livro, tendo em vista que ele não só é feito a partir de representações de seu autor, mas, também é um difusor dessa representação, na medida em que será lido por um grupo de leitores de uma sociedade.

Uma das principais referências em História Cultural sobre a abordagem do livro é também Roger Chartier, que desenvolveu diversos textos tanto em relação às representações em livros em si (os objetos de pesquisa analisados por ele), quanto sobre o processo histórico do livro (CHARTIER, IN: LE GOFF,1995), bem como os conceitos de "cultura escrita e a prática da leitura" (CHARTIER, 2010). Chartier nos aponta que a utilização de livros como

fonte foram fundamentais para mudança nas formas de se analisar a história e descobrir novas perspectivas sobre objetos de pesquisas já estudados.

> O trabalho sobre os múltiplos usos dos textos impressos, começando pela leitura, abriu como privilegiado para elaboração das noções em ruptura com as mais clássicas, história das mentalidades ou da história das ideias. [...] (CHARTIER ,p.26, IN: ROCHA,2013A).

No Brasil, uma das principais referências entre a relação e a abordagem do livro através do conceito de representação em História Cultural é Sandra Pesavento. Além de seu livro *História e História Cultural* (PESAVENTO,2012), ela trabalhou a noção de Literatura e representação para compreender o urbano em o seu livro, *O Imaginário da Cidade*:

> Nossa intenção é trabalhar a cidade a partir de suas representações, mais especialmente as representações literárias construídas sobre a cidade. Tal procedimento implica pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidade que nesse espaço têm lugar. (PESAVENTO,2002:10)

Entendendo a literatura como um objeto da História Cultural é rico ressaltar que, como toda fonte histórica, esta possui também, um trato metodológico especifico, como nos mostra Chartier:

> O sentido de um texto, seja ele canônico ou sem qualidades, depende das formas através das quais é realizada a leitura, dos dispositivos específicos à materialidade da escrita, por exemplo, os objetos impressos, o formato do livro, a construção da página , a repartição de um texto, a presença ou não de imagens, as convenções tipográficas e a pontuação. (CHARTIER ,p.250, IN: ROCHA,2013B).

Uma obra literária, não é só uma relação de interesse entre o autor e seu público leitor, existem outros fatores que afetam a forma que o texto final é divulgado. Starobinski nos traz um exemplo disso: “Quantas vezes a morte, a intervenção de um editor póstumo (que trabalha sobre muitos rascunhos) impõem uma forma arbitrária a uma expansão inacabada” (STAROBINSKI, 134, IN: LE GOFF, 1995). Em uma obra é necessário levar em conta os diversos fatores de sua produção, desde quem é o autor, suas influências e interesses, até os fatores externos como o publico alvo e o processo de edição do livro.

Outro fator relevante a ser evidenciado é a contribuição de Antonio Candido, que nos exibe que uma obra literária não pode ser estudada dissociada da sociedade na qual ela foi

produzida, não só pelo livro difundir um discurso ou exprimir valores da realidade que ele pertence, *"mas [também] como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura"*(CANDIDO, 2011:14), auxiliando assim para formação do texto, a relação entre literatura e sociedade não se encontra só na difusão da obra, mas também na contribuição interna do texto. Podemos citar diversos fatores como a censura, o mercado, ou até mesmo o publico alvo, que faz o autor escrever ou suprimir ideias de seu texto.

Apesar de, não ser o objetivo desse texto, aprofundar a noção metodológica de como se trabalhar com o documento literário, queremos aqui, apontar algumas diretrizes, no intuito de exemplificar como podemos trabalhar este documento e suas peculiaridades para compreender melhor essa abordagem da História Cultural.

Assim, entendendo a relação entre a Nova História Cultural, o uso do conceito de representação e o manuseio de fontes literárias, faremos uma análise mais aprofundada da obra *O Reino de Kiato*. Como já explanado anteriormente, por se tratar de uma ficção e não de um livro de memória, acreditamos que a teoria e a metodologia abordada sejam diferentes dos capítulos anteriores.

4.2 "O QUE O HOMEM FAZ HOJE, É MATAR COM MAIS ARTE, ROUBAR COM MAIS ASTUCIA E CORROMPER COM MAIS ELEGÂNCIA": A DESILUSÃO COM A CIVILIZAÇÃO NA OBRA *MEMÓRIAS DE UM ENGROSSADOR*.

Memórias de um engrossador é uma obra não muito conhecida de Teófilo, contudo uma das principais para entender como esse autor enxergava o processo civilizador vivido em Fortaleza, especialmente o aspecto político.

Figura 20 – Livro Memórias de um Engrossador

FONTE: (TEÓFILO, 1912)

Caracterizando a obra: possui 153 páginas dividas em quatorze capítulos, é uma obra ficcional, trazendo como enredo central a história de um advogado que aos poucos foi corrompido pela política e se tornou um "engrossador", charlatão.

Foi produzida em 1912, contexto da queda da oligarquia Acciolyna[31], o que explica a grande carga de crítica a política cearense, já que Teófilo foi um dos maiores opositores, como vimos no primeiro capítulo.

Essa obra foi trabalhada separadamente, visto que não é apenas uma crítica ao oligarca e sua gestão, sua profundidade está relacionada a todo o sistema político a qual o Ceará estava emerso.

Basicamente, a obra é um livro das memórias desse advogado que busca confessar todo o seu passado. O livro começa relatando isso: "*Nestas memórias prometto ser leal e sincero, não me afastar da verdade, fazer uma confissão publica do que fui e do que foram os homens do meu tempo"*(TEÓFILO, 1912:06).

O autor cria um narrador ficcional para poder compartilhar sua experiência com a corrupção na política, bem como demonstrar as falcatruas e as injustiças por trás desse sistema.

[31] Esse contexto já foi aprofundando no capítulo 01.

Para iniciar, ele mostra que o engrossador não era corrupto, apenas se adaptou ao sistema. Ao se formar em direito, considerava-se um homem íntegro e correto, entretanto ao perceber que as oportunidades giravam em torno da corrupção, adaptou-se.

> Ao entrar na vida pública eu trazia um bom cabedal de conhecimentos: era diplomado por uma de nossas academias de direito [...] Pondo de parte a minha modéstia, eu tinha talento e tão grande presença de espírito, sabia dominar-me a ponto de jamais um traço de minha physionomia denunciar o que se passava em meu foro intimo. Sabendo aproveitar-me de tão raros predicados, pondo em acção esses dotes de meu espírito, estava reservado para mim occupar as primeiras posições em meu paiz.(idem)

Quando se formou, almejava crescer na carreira por seu mérito e ocupar uma das principais posições políticas do país. Contudo, em seu primeiro emprego como juiz de uma repartição pública, já foi logo sofrendo as consequências de sua honestidade.

É interessante perceber a forma como Teófilo descrevia o governo. Não só os colocava enquanto não civilizados, como também, como um empecilho a civilização, já que através da corrupção atrapalhavam o desenvolvimento.

> Enganava-me e a desilusão custoume horas de verdadeira amargura. Não conhecia os homens pelo lado prático da vida; tinha-os visto somente nos theatros, bailes e cafés. Eram um verdadeiro tolo acreditando que os outros tinham o meu civismo. Não tardou muito a minha primeira decepção (TEÓFILO, 1912:07).

Para explicar porque os governantes não tinham civismo, ele passa a narrar a história de um processo na qual foi responsável por julgar. Tal processo envolvia grande quantidade de dinheiro, todavia ele acreditava que a gestão estava errada na causa e o julgou contra, como podemos ver abaixo:

> Pela minha repartição correu uma demanda, que eu tinha que julgar, demanda pela qual se empenhavam os maiores vultos políticos da terra. Examinei a questão com aquelle escrúpulo de consciência que então possuía no mais alto grão, e descidi-me em favor do adversário do governo (TEÓFILO, 1912:08).

Antes de julgar o processo, ele que o governante o chamou em seu gabinete, passou a lhe fazer elogios e dizer-lhe que tinha um futuro na política, entretanto era necessário fazer a vontade dele, a direção, para isso. Sentiu-se bastante ofendido e ainda julgou contra, porém as consequências de seu ato rapidamente apareceram:

> Na mesma occasião foi nomeado o substituto. O seu primeiro acto foi annullar, por contrária á lei, a minha decisão. A imprensa official espalhou aos quatro ventos a minha incompetência, enalteceu os dotes moraes e intellectuaes de meu sucessor e a equidade do governo, demitindo um funccionário nas mãos de quem a justiça se tornara um balcão, onde quem mais dava é que tinha mais razão(TEÓFILO, 1912:10).

Com isso, ele quer dizer qu ao fazer a atitude correta, não só foi punido com sua exoneração, como também seu substituto rapidamente desfez sua decisão, favorecendo assim a diretoria. Para, além disso, o governo ainda contava com a imprensa oficial que passou a noticiar que ele era um incompetente e que o seu substituto é que tinha feito a atitude correta. Além de perder o cargo, ser difamado pela imprensa, sua atitude não teve efeito algum, sendo anulada no outro dia.

É essencial o leitor notar que esta obra não traz nenhum aspecto biopolítico, pelo contrário, o autor relata o quão corrupta era a política cearense, tornando impossível o Ceará atingir todos os parâmetros de civilização, sendo considerado um atraso para Teófilo.

Essa obra serve, principalmente, para ser comparada com sua outra obra ficcional, *O Reino de Kiato*, observando na segunda, uma expectativa sobre como deveria ser a administração, esse com aspectos biopolíticos e na primeira uma realidade completamente diferente, na qual o Ceará estava completamente distante dessa realidade.

Ambas são importantes para compreender como esse farmacêutico representou um governo civilizado com aspectos biopolíticos, tendo como ponto de partida uma realidade e de sua experiência social.

Após a sua decepção com a vida política, o engrossador passa a se adaptar ao sistema político, deixando de lado seus escrúpulos e passou a ver a vida pelo lado “prático”, tornando-se assim uma ferramenta da politicagem cearense.

> Tres annos levei a apparelhar-me para entrar como homem pratico, na luta pela vida. Custou-me muito a enterrar uns restos de escrúpulo que de quando em quando me incommodavam a consicencia. [...] Passava horas inteiras em frente de um espelho escolhendo um traço que devia apresentar no rosto em certo e determinado momento [...](TEÓFILO, 1912:13).

Teófilo então tenta colocar para o leitor como se o político cearense fosse algo sem coração que simplesmente não se importa com a população, deixando perceptível o antagonismo entre sua idealização e a realidade, que ele acreditava ser o governo, tendo em

vista o modelo de gestão que ele almejava - com aspectos biopolíticos -, em contrapartida, o Ceará se encontrava oposto a isso.

É interessante notar sua descrença na civilização. Como mostraremos em Kiato, ele traz uma visão na qual sua idealização é superior, inclusive, as maiores potências mundiais do período, como a Inglaterra. Para retratar a maldade humana e sua descrença a civilização, o mesmo recorrer a uma vasta literatura que sempre colocou o homem como corrupto e sem escrúpulos:

> Os livros que mais serviço me prestaram, em que melhor aprendi a olhar para a sociedade e tirar da política o maximo proveito foram D. Quixote, e o Principe, de Machiavel. Outros também li que muito me ensinaram, foram: - As Satyras de Juvenal, Gil Braz, de Lesage, os Caracteres, de Labruière e as Comédias de Molière. Encontrei em todos esses livros secnas tão frescas da vida humana, como se tivesse sido escriptos hoje. O homem é o mesmo em todas as latitudes e em todos os tempos. A besta de hoje está sujeita ás mesmas paixões e é capaz dos mesmos crimes, que a besta de hontem. (TEÓFILO, 1912:15).

Notamos que Teófilo nessa obra, ao tentar representar sua visão sobre a realidade, é completamente descrente com o homem, não só com suas atitudes em si, mas com todo o processo civilizador, no qual ele acreditava influenciar o homem a praticar o mal:

> Está porque aquelles livros serão sempre novos. A civilização não destroe no homem a inclinação para o mal, pelo contrario, as necessidades della estimulam-na. Comparem-se os crimes das edades bárbaras com os de hoje e se verá que são mesmos, em numero muito maior é verdade, pois que a população da terra é muito superior. **O que o homem faz hoje, é matar com mais arte, roubar com mais astucia e corromper com mais elegância (**grifo nosso**)**. (TEÓFILO, 1912:15).

Não podemos deixar de lado o contexto dessa obra. De fato em 1912, Teófilo se encontrava bastante amargurado com o governo da Oligarquia Acciolyna. Além de ser um dos principais opositores, sofreu grande perseguição, perdendo seu cargo de professor vitalício no Liceu e foi acusado injustamente de contaminar as pessoas com meningite, através de sua vacina antivariólica. Entretanto, em seu discurso, ele não busca descrever uma oligarquia familiar que tomou conta do Ceará durante um período, muito menos, se refere apenas ao Ceará. Sua frustração é com a humanidade.

Ao utilizar palavras como o grifo acima, o escritor faz uma dura crítica à civilização, colocando esse processo apenas como “embelezador”, na qual não retirou a barbaridade do

homem. Ele não deixou de ser um animal que comete crimes e injustiça por egoísmo e por falta de escrúpulos. Ficando claro que, o autor encontra-se em um momento totalmente descrente com esse processo, na qual, apesar, de trazer mudanças que, visavam colocar o homem em um patamar mais desenvolvido e civilizado, continuava com sua natureza.

Para começar sua trajetória de engrossador, apresenta sua atuação na imprensa, um dos setores mais "podres", segundo o autor, da política cearense. Já era utilizada enquanto ferramenta para persuadir a população, transformando mentiras em verdades, quando na verdade sua única preocupação era defender os interesses do partido a qual servia.

> Comecei na imprensa. Eu não conhecia de perto essa messalina. Achava-me apparelhado, como disse, para residir á accção dissolvemte de todos os meios, mas confesso que eu tive arrepios quando me vi na sala da redação. Tudo ali era baixeza e pérfida. [...] A imprensa em que eu estreava, era mercenaria e podre; sua única preoccupação, era defender os interesses do partido político. A pátria e a humanidade valiam menos para ella do que o mais humilde de seus leitores. (TEÓFILO, 1912:22).

É relevante frisar que, o autor não generaliza essa opinião a toda imprensa do período, seu objeto de crítica é a imprensa oficial que o governo utiliza seu periódico para disseminar suas ideias.

Provavelmente, o estudioso esteja fazendo uma crítica ao Jornal A República, que durante a oligarquia Acciolyna serviu de ferramenta para perseguir opositores como Rodolfo Teófilo. É fundamental lembrar que esse jornal, também, foi protagonista de disseminar para população o fato de que a vacina de Teófilo era contaminada por meningite, como foi dito no primeiro capítulo.

Mais uma vez, ele põe em cheque o antagonismo do governo com relação aos aspectos biopolíticos, na qual sua imprensa não tinha nenhum interesse na população de fato, era apenas uma ferramenta que se importava apenas com os interesses partidários, disseminando assim seus ideais através desse veículo informativo, não se importando com seus "humildes leitores".

> Eram mesmo uns valdevinos. Nem uma só das figuras que se sentava á mesa da redação tinha valor intrínseco. Uns pobres diabos assalariados, como eu, pelo chefe do partido dominante para escreverem o que se lhes mandava. Em outros tempos eu teria achado isto simplesmente ignóbil; não teria sequer parado á porta dessa espelunca moral. Agora isso me parecia muito humano, muito compatível com a nossa educação. Demais os meus escrúpulos estavam bem enterrados pelas conveniências pessoaes. (TEÓFILO, 1912:22).

Nessa passagem, o autor relata como, aos poucos, a "civilização" foi corrompendo o engrossador. O mesmo havia deixado de lado todo o seu senso moral e passou a servir o periódico, como vários outros membros do partido, colocando o jornal como uma ferrmenta que não possuía uma única pessoa com senso moral, todas apenas serviam o partido.

O intelectual retrata para o leitor que, mesmo uma pessoa de boas intenções, é capaz de deixar de lado tudo isso, para poder crescer na política, logo, esse setor não é apenas "podre", segundo o engrossador, mas é corruptível, descartando as pessoas nobres e favorecendo os corruptos.

> Tornei-me o predilecto do nosso paternal chefe, porém eu estava pobre. A sorte é varia, pensei certo dia em que os vagares de meu pesado cargo de engrossador-mór, me deixaram pensar na realidade da vida. Tudo era ficcção ni meio em que vivíamos, a começar por nós, pobres diabos carregados de vícios, e com rótulos de honrados, de prestimososo!... Eu estava pobre, não porque em minha gaveta deixassem de entrar mensalmente grandes somas, maganhas com estellionatos, porém porque era um refinado perdulário. (TEÓFILO, 1912:43).

Após 10 anos, praticando a arte de engrossar, tornou-se o homem "predileto" de seu chefe, todavia Teófilo alega que isso veio à custa de um preço muito alto. O engrossador tornou-se altamente corrupto, e ele próprio considerava-se um homem impuro, já que desviava grande quantidade de verba através de crimes como estelionatos, e gastava todo o dinheiro no que ele considerava as maiores degenerações humanas - a roleta e o álcool.

Na construção de uma narrativa moralizadora, Teófilo mostra que, para atingir um dos principais patamares de prestígio, o engrossador, teve que abrir mão não só de seus escrúpulos, mas de sua moral, participando ativamente de uma sociedade desmoralizada.

Se comparados a Kiato, que fez uma revolução na sociedade iniciada pela proibição do álcool, como a sociedade cearense poderia fazer o mesmo submerso em um mundo onde a roleta era legalizada e a maior parte do dinheiro desviado era gasto com bebidas e jogos.

> Legalizando o jogo do bicho[32], lavrou como uma lepra e tudo perverteu. Foram poucos os refractarios, os que se não contaminaram. Que importava a nós que meia dúzia de atrazados se esbofassem, pregando umas velharias, moral caturra, condennnadas pelos princípios republicanos? (TEÓFILO, 1912:45).

[32] O jogo do bicho foi legalizado durante o período da Oligarquia Acciolina.

Constatamos que memórias de um engrossador não só denuncia a corrupção existente no governo cearense, também traz um discurso moralizador sobre esse grupo, que estava a frente da política, na qual eram "pervertidos" e contaminavam a sociedade Cearense. Teófilo novamente deixa sua crítica à república, que para ele, é um regime que só piorou a corrupção no Brasil.

Ao longo do livro, o engrossador passa a fazer uma série de denuncias dos crimes cometidos por ele e por seus correligionários. Citando a fraudação de licitações, o desvio de verbas em obras, a sua indicação para professor de biologia no Liceu, quando nem formação para isso ele possuía etc.

Essa obra também contem discursos de eugenia: *"A mestiçagem é a lepra que infelicita o Brasil. O mestiço pode ter talento; saber, virtudes, mas não tem civismo"*. (TEÓFILO, 1912:59). Frisamos que a discussão da biopolítica também envolvia esse aspecto, apontando assim que esse autor não tocava apensas na saúde e na gestão da população.

Após citar vários crimes cometidos, o livro acaba relatando a queda de seu governante, com isso todos os esquemas foram descobertos e o engrossador ficou pobre e infeliz, porém sua queda foi sua redenção. O mesmo passou a refletir em toda sua vida e se arrependeu. Com isso escreveu o livro de memórias, trazendo tudo à tona.

> Foi preciso cahir para bem comprehender a grandeza da justiça de Deus. Se me tenho conservado puro, como seria grande a minha paz! Levei uma vida desregrada commettendo toda a sorte infâmias. Quando soou a hora da expiação que julguei nunca chegar, eu não era mais do que um cadáver, mas um cadáver com nervos vivos para sentir a gula dos vermes no repasto das carnes apodrecidas. Vou caminho do exílio. Prazar a Deus que me possa purificar pelo sofrimento (TEÓFILO, 1912:103).

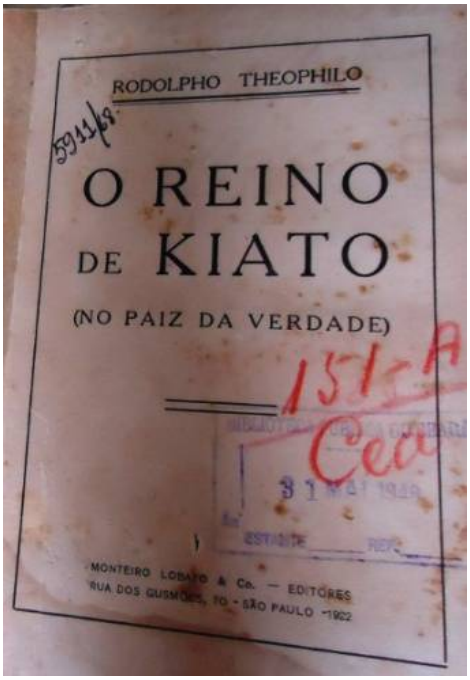
Assim, termina *Memórias de um Engrossador*. Essa obra é essencial para compreender a visão de Teófilo a cerca da política cearense, caso analisarmos suas obras de denúncias e essa obra, entenderemos porque ele idealizou um governo totalmente civilizado, a partir de uma monarquia, na qual o rei, por meio de uma imposição acabou com a corrupção e com os males da humanidade em seu reino.

Aprofundaremos-nos em outra obra ficcional de Teófio, talvez, a mais importante para este trabalho, é nesta que o autor idealiza esse modelo de sociedade civilizada. Estamos falando de *O Reino de Kiato*.

4.3 “TUDO ALI ERA DIFFERENTE E SUPERIOR ÁS OUTRAS AGREMIAÇÕES HUMANAS QUE CONHECIA”: O REINO IDEALIZADO DE KIATO E SEUS ASPECTOS BIOPOLÍTICOS.

Como citado ao longo da dissertação, *O Reino de Kiato* é uma das obras mais importante de Teófilo sobre seu debate sobre a civilização, já que, é nela que o autor se utiliza de toda sua experiência de crítica aos governos cearenses para poder idealizar uma sociedade totalmente civilizada a partir de um governo forte que mantinha um controle social da população.

Figura 21 – Livro O Reino de Kiato



FONTE: (TEÓFILO, 1922B)

Para compreender melhor essa obra, podemos nos remeter a Waldy Sombra que propõe resumir o que é o livro do letrado:

> Trata-se O Reino de Kiato (No País da verdade) da narrativa mais moralizante de toda obra de Rodolfo Teófilo. Concebe o autor um reino em que os seus habitantes, livres do álcool, das doenças sexuais transmissíveis e do fumo, atingem a felicidade plena e absoluta. (SOMBRA, 1999:217)

Segundo Sombra, Kiato é uma narrativa moralizante. O farmacêutico concebe Kiato como uma sociedade que atingiu uma felicidade plena, a partir do momento que se livrou dos males da humanidade, o álcool, o tabaco e sífilis, contudo, essa felicidade está para, além disso, como veremos, o autor deixa muito claro que, por trás dessa felicidade e do sucesso dessa civilização, existiu um governo que fez uma revolução através de uma imposição de costumes a sua civilização.

Antes de aprofundar a obra é fundamental ressaltar o sub título da obra: "No país da verdade"! O autor não deixa claro qual a intenção de colocar esse subtítulo, entretanto é bastante chamativo, já que se trata de uma obra moralizadora, retratando um reino que, para ele, seria totalmente civilizado. Para o autor, a verdadeira sociedade civilizada era aquela narrada em seu livro, ao comparar o livro com a sociedade cearense, estava longe de ser essa sociedade idealizada por ele.

De uma maneira geral, *O Reino de Kiato* é um livro composto por 145 páginas, publicado em 1922, mas escrito no ano de 1920, assim como informa o livro o próprio livro (TEÓFILO 1922B). Se analisarmos, o Ceará havia acabado de sofre uma seca 1919, na qual deu origem ao relato de Teófilo trabalhado no tópico 2.3 dessa dissertação, logo o contexto vivido por ele era de frustração com a administração governamental cearense.

É fácil afirmar que uma das maiores inspirações da obra O reino de Kiato, foi sim sua insatisfação com a má administração pública, na qual, desde o inicio do século XX ele já vinha criticando com mais intensidade, passando assim por governos como a Oligarquia Acciolyna; Liberato Barroso, João Thomé e etc.

Na primeira pagina do livro, já percebemos essa intenção do autor de demonstrar o que seria o seu ideal de civilização. Ele escreve um pequeno texto começando com a frase *"mens sana in corpore sano"* [33] (TÉOFILO, 1922B:01) e traz o seguinte texto:

> A fraternidade humana reinará na terra quando o homem cumprir os seus deveres e respeitar os direitos de seus semelhantes. Para que o homem cumpra os seus deveres e respeite os direitos dos outros homens é preciso que o seu corpo seja são. Para que o homem recupere a saúde perdida no transcorrer dos séculos é preciso acabar com os três factores da degeneração do gênero humano – o álcool, a syphilis e o tabaco (Idem).

No trecho acima, podemos fazer uma reflexão importante sobre a intencionalidade da obra. Primeiramente, o escritor deixa claro que para a fraternidade humana reinar, é preciso que os corpos sejam saudáveis, superando assim os fatores da degeneração humana, o álcool,

[33] Frase do latim que significa: "uma mente sã num corpo são".

o tabaco e a sífilis. Ele refere-se diretamente a uma questão de saúde. Corpos saudáveis não são, apenas, aqueles bem cuidados, também uma questão moral, visto que, existe por trás desses três fatores um discurso moralizador, explicando o fato dele não utilizar o termo doença, mas "degeneração".

Fica claro que, para o Teófilo, o meio para se atingir o progresso era o investimento na saúde da população. Se analisarmos sua trajetória, assim como feita nos capítulos anteriores, notaremos uma crítica direta ao modelo de governo cearense, já que o farmacêutico passou sua vida se dedicando não só a filantropia, como também à críticas à atuação pública, especialmente durante o período de seca, frequentes no Ceará.

Observamos, novamente, a presença de um aspecto biopolítico, a saúde. Entretanto, veremos que esse não é o único aspecto. É fundamental, reafirmar para o leitor que reduzir a obra em uma idealização de uma civilização que atingiu todos os parâmetros do progresso é um erro. Por trás dela, existe como foco central da obra, um governo que impôs um modelo de gestão, na qual obrigou a população a atingir esse progresso, contudo, antes de aprofundar isso, é necessário entender o enredo do livro.

O autor começa apresentando o personagem principal o Dr. John King Paterson, cidadão dos Estados Unidos e residia em Nova York, formado em Medicina na cidade de Cambridge, na Inglaterra. Perceba que o escritor utiliza como protagonista um americano formado na Inglaterra, elucidando que, ele possui uma formação dentro de uma sociedade na qual o Ceará se espelhava, mesmo assim, na obra, Kiato é colocada como superior a esses países, como veremos.

Ao voltar da Inglaterra, Paterson, passou a ler sobre alquimia, se encantando pela ideia da "pedra filosofal"[34] e começou a fazer pesquisas nessa área, não por ter interesse na vida eterna, mas, por almeijar a cura para a "nevrose" - a doença que mais assolava as sociedades civilizadas, de acordo com ele.

Com vários anos de pesquisa, conseguiu desenvolver uma substância chamada "nevrozicida" para a cura da doença. Todavia, antes de relevar o segredo de sua substância à humanidade, resolveu lucrar em cima disso, nos EUA, e em questão de alguns meses e o sucesso ao curar diversos pacientes, tornou-se milionário.

[34] Segundo conta o próprio livro, a pedra filosofal é uma lendária pedra que além de transformar vários metais em ouro, poderia fornecer um elixir que curaria as doenças e as células envelhecidas, podendo assim dar uma longa vida a quem tomasse. (TEÓFILO, 1922B)

É importante salientar o tom de crítica do autor, ressaltando que, ao invés de se preocupar com a humanidade, Paterson se mais preocupado em ficar rico, exibindo a ganância humana que existe em cima de uma causa tão importante.

Paterson resolve ir para Londres para lucrar mais na Europa, contudo, o navio que ele embarcava enfrentou uma tempestade, ficando sem comunicação. Pararam numa terra desconhecida. Essa era o Reino de Kiato, terra, na qual, os passageiros só desembarcariam mediante as seguintes condições:

> A todos que aportarem ao reino de Kiato faço saber que: - sendo prohibida a fabricação do alcool e de líquidos que o contenham, como o maior factor que é da degeneração physica, e perversão moral do genero humano, é condemnado á morte todo aquelle que infringir essa lei humana e sabia; os que desembarcarem em estado de embriaguez, offendendo a sã moral dos habitantes do Reino, dando um exemplo pessimo de sua corrupção, serão presos e enviados ao navio de que são passageiros e este intimado a deixar o porto dentro de duas horas; prohibido o plantio e, ipso-facto, a manipulação e uso de fumo, causa que é graves desordens organicas que encurtam a vida, serão presos e deportados os que clandestinamente procurarem restaurar o uso e o plantio do fumo em Kiato; é prohibido o desembarque em todos os portos do Reino aos doentes de molestias contagiosas. (TEÓFILO, 1922B:23)

A passagem acima é a mais importante do livro, é o momento que o autor apresenta Kiato para o leitor. Logo de início, coloca-se a cidade com um alto rigor com relação à entrada de estrangeiros.

Primeiramente, há um controle de que todos que, de qualquer forma, incentivassem a produção e o consumo de drogas (tabaco e álcool) seriam deportados, tendo em vista que o reino encontrava-se livre delas. Qualquer portador de doenças contagiosas é proibido de aportar.

Tal controle já deixa claro que a sociedade kiatense é livre desses males, entretanto, para, além disso, o autor relata um governo firme, que possui uma severa austeridade à estrangeiros, sendo iss, uma possível característica biopolítica - essas medidas tem como consequência a preocupação com o bem estar da população kiatense.

A característica predominante nesta obra, a qual se faz presente na escrita de Teófilo, o discurso moralizador, que não só crítica, mas traz a opinião do autor sobre o assunto, entendemos o quão grave é esse mal a humanidade. Comprovaremos isso no trecho: *"como o maior factor que é da degeneração physica, e perversão moral do genero humano"* no que se refere ao álcool.

É fundamental retomar outras obras de Teófilo, já analisadas ao longo da dissertação, para observarmos a intencionalidade por trás de idealizar Kiato, a partir de sua experiência como combatente as más atitudes do governo.

Ao analisar a trajetória de Teófilo, veremos que ele sempre cobrou dos governos cearenses intervenção nos costumes da população, para que exercesse uma forma de controle social, e pudesse guiá-los para a civilização. Um exemplo disso é a obra *Varíola e Vacinação* (1904). O escritor defende a necessidade da vacinação obrigatória[35] exemplificando países como a Alemanha, que valorizam os seus cidadãos por terem imposto a vacinação:

> Foi incontestavelmente a Allemanha que melhor se aproveitou até hoje da maravilhosa descoberta de Jenner[36]. O governo deste grande paiz teve uma noção nítida e precisa do valor da vacina, como factor do progresso, engrandecimento de um povo, uma vez que cada cidadão valido representa uma parte da riquesa do Estado, e decretou a vaccinação obrigatória (TEÓFILO, 1997: 81).

O que o autor almeja em *O Reino de Kiato* nada mais é, do que idealizar o que ele cobrou dos governos cearenses ao longo de sua trajetória, trazendo para os leitores uma possível realidade, caso surgisse uma gestão que exercesse, de fato, um controle social sobre a população. É essencial ressaltar que, ao elencar as doenças contagiosas e o álcool entre os males da humanidade, devemos lembrar a relação da trajetória de Teófilo com esse dois problemas. Além de ter sido o "benemérito" que tentou combater doenças contagiosas como a varíola, foi um dos maiores combatentes do Ceará ao alcoolismo, fundando um grupo contra essa calamidade.

No encontro do personagem principal com Kiato o conflito enfrentado por ele com relação a seguir essas normas. Paterson era um americano formado na Inglaterra, possuía grande influência de uma cultura "superior" a cearense, no sentido de ser mais "civilizada", todavia esse discurso é quebrado ao constatarmos que o protagonista era usuário de álcool, logo, na visão do autor, Kiato estava acima das outras civilizações.

Paterson viveu em sociedades desenvolvidas como os EUA e a Inglaterra, ao chegar em Kitato, depara-se com outra realidade. Uma nação muito mais desenvolvida e civilizada, acentuando que, para o autor, nem mesmo as grandes civilizações europeias e americanas, que influenciavam as transformações pelas quais o Ceará passava, eram tão civilizadas quanto a sua idealização, Kiato. Prova disso é que, logo ao desembarcar, Paterson teve que abrir mão

[35] É importante lembrar que esse livro foi escrito antes da revolta da vacina em 1904.
[36] Edw. Jenner foi quem desenvolveu a vacina contra varíola em 1796 no condado de Gloucestershire na Inglaterra.

do álcool, ou seja, evidenciando que, apesar de ser fruto dessas civilizações, não se igualava aos cidadãos de Kiato. Entre outros aspectos, o autor relata o impacto causado pelo personagem ao desembarcar no reino:

> Era original tudo quanto ia vendo. As ruas eram todas de construcções elegantes, isoladas por jardins. De mil em mil metros uma praça arborisada de plantas [...] Paterson parou, impressionado pelas cores vivas das corolas e pelo suavissimo perfume que dellas se evolava. Havia ali flores que não conhecia. O viço dos vegetaes estava de perfeito acordo com o vigor dos homens. [...] Andava e parava, estupefacto com as maravilhas que seus olhos iam vendo. Tudo ali era differente e superior ás outras agremiações humanas que conhecia. Os transeuntes que ia encontrando obrigava-os a parar para comtemplal-os exemplares perfeitos de virilidade, de força, de saude. O seu traje era modesto e de perfeito accordo com os preceitos da hygiene. (TEÓFILO, 1922B:25-26)

No trecho acima, claramente, o estudioso fortalece a teoria que o reino era superior as civilizações conhecidas por Parteson. A cidade não era desenvolvida apenas no aspecto de beleza, por trás disso, existia uma preocupação com a higiene, confirmando que as obras realizadas pelo governo, não eram apenas estética, mas pensando no bem estar da população, seguindo os preceitos da higiene.

Nota-se que uma das três bases da biopolítica, a saúde, está bastante presente em Kiato, assim como ao longo de toda a produção de Teófilo, entretanto ele aprofunda mais ainda essa relação de saúde com os cidadãos de Kiato, deixando clara a superioridade da mesma:

> A vestimenta das mulheres, que em todos os paizes pecca pelo exagero, pelo descaso da saude, pela infracção ás leis do pudor, da decência mesmo, ali era moldada nos mais sãos princípios da hygiene e da moral. Bellas mulheres, mais bellas do que as inglezas quando bellas e novas. Que elegância no porte, que modéstia no vestir!... Nellas não havia os artficios da moda: apresentavam-se como eram. As faces coradas não de arrebique, mas do carmim da saude. A vida via-se nellas esporcar por todos os poros da carnação sadia. O busto conservava-se erecto, em perfeita elegância, não obedecendo o porte á constricção do espartilho, cujo o uso havia sido codemnado como nocivo a saúde. Que o usasse pagaria pesada multa e, na reicidencia, a pena de prisão por cinco annos.[...] Grande foi sua admiriração quando as viu, senhoras solteiras e casadas, usando sapatos de tacão baixo como o dos homens. Este uso havia sido imposto por uma lei que punia com grande multa o sapateiro que fizesse o calçado de tacão alto. (TEÓFILO, 1922B:26.)

O estudioso evidencia que em Kiato, beleza não necessariamente é a moda, mas sim a higiene e a moral. Ou seja, mulheres não utilizavam maquiagem, eram coradas pela sua

excelente saúde. Costumes simples da população, como uso do espartilho e de saltos altos, foram proibido no reino e punindo quem descumprisse – reforçando a ideia que Kiato só conseguiu aquele patamar de civilização, devido à intervenção do Estado.

Constatamos que a representação que o autor deseja não é de um reino desenvolvido por ter dado a atenção aos aspectos, principalmente, da saúde, mas, de um reino que impôs normas à sua população, como uma forma de controle de conduta. As autoridades de Kiato atingiram todos os parâmetros do progresso, da saúde e da felicidade. Relacionando a trajetória do intelectual, com o contexto e com a escrita da obra, notaremos quais os interesses por trás de se representar um reino como o de Kiato.

Ao discorremos do contexto, reparamos que Fortaleza, cidade na qual o autor viveu, escreveu e possuía seu publico leitor alvo, passava por um processo de transformações e debates, na tentativa de torná-la civilizada. De igual modo, ao entender sua discordância, críticas e conflitos com as gestões estaduais, principalmente, por elas não darem atenção a seu povo, concluímos que o autor, na verdade, está tentado legitimar sua representação de governo que conduziria à civilização. Kitato combatia e prevenia, desde vícios e doenças, e regulamentava costumes como, a maneira de se vestir, dando a atenção não para a beleza e moda, mas, especialmente, à saúde. O intelectual disserta que por estarem em plena saúde, os cidadãos de Kiato possuíam um encanto maior e corpos mais em forma do que as outras civilizações, isso se explica pelo fato de terem corpos livres de doenças ou qualquer vício que assolava a humanidade.

O principal segredo de Kiato era a preocupação com a higiene e saúde e a normatização dos costumes da população. Em todos os locais, inclusive nos hotéis para estrangeiros, existiam expostos para serem lidos, regulamentos que traziam norma de conduta para que fosse contínua a higiene e saúde da cidade, remetendo a presença do Estado no cotidiano da população, até mesmo os estrangeiros deveriam se adequar aos costumes da sociedade kiatense, caso contrário seriam deportados, logo, mesmos os estrangeiros, não influenciavam os cidadãos de Kiato a descumprir os padrões de higiene conquistados.

Outro aspecto importante do reino era o papel da imprensa, na qual o autor discorre de modo a fortificar que o personagem principal ficou pasmo com tamanha erudição dos autores. O que mais lhe impressionou é que, os artigos eram voltados para assuntos que advertiam para os males que poderiam ser causados na população. Nesses jornais, autores descreviam os problemas e consequências do uso de bebidas alcoólicas e do tabaco, além de artigos alertando sobre a sífilis.

A imprensa era voltada a informar, trazendo contribuindo no processo de progresso, por meio dela, as pessoas tinham acesso as informações necessárias sobre a saúde.

Sublinhamos a influência da trajetória de Teófilo na idealização de Kiato. É fundamental realçar que o escritor teve papel crucial na erradicação da varíola na capital cearense. Não apenas pela vacina voluntária, como também pelo seu campanhismo promovido na imprensa na intenção de conscientizar a população dos benefícios da vacina.

Logo, percebesse que em Kiato tudo é voltado para a saúde da população, pois até mesmo com relação a sua cultura era pensado nesse aspecto. O autor cita diversos exemplos, como as estátuas e monumentos da cidade, que ao invés de heróis de guerra, retratavam cientistas.

Outro exemplo citado é a instrução pública, que desde criança, fazia com que os Kiatenses aprendessem os preceitos básicos do cuidado ao corpo, além das disciplinas darem destaque a história das descobertas e curas das doenças. Para a população de Kiato atingir todo esse parâmetro de saúde, - segundo o autor, eles não adoeciam - foi necessário uma reforma em diversos setores da sociedade, não apenas a saúde no geral, mas educação, normas de conduta e o tratamento com os estrangeiros.

Para indicar a intensidade do desenvolvimento de Kiato com relação a saúde, o autor frisa que, mesmo sem possuir doentes na cidade, a administração continuava a criar e investir em hospitais e asilos. Esse aspecto pode ser comparado a crítica de Teófilo com relação às secas, segundo ele, se houvesse investimento na saúde em épocas de chuva, quando chegasse as secas, haveriam mecanismos para combater as doenças; não é apenas em períodos de calamidades que se fazem investimentos, mas, especialmente, em períodos de estabilidade, visto que, a prevenção é a única formar de evitar uma possível epidemia.

Como consequência de todas essas ações, em Kiato, os cidadãos não contraíam doenças e, a morte era rara, os corpos eram saudáveis, e lhes davam uma longevidade, incomparavelmente, superior a de um ser humano comum.

A força do Estado era tão presente em Kiato, que não era necessário fiscalizar o cumprimento das normas, simplesmente eram cumpridas por todos, que desde pequenos, eram educados para seguir os padrões de higiene e moral. Não se fazia necessário uma fiscalização visto que a as pessoas se auto-fiscalizava.

Para maior aprofundamento do comportamento da população, o farmacêutico avalia que, ela cumpria seu papel social de uma forma incrível. Tinham bastante costume de se informar, frequentando a biblioteca, por exemplo. Um fato curioso é que, só iam pelo turno da noite, para evitar atrapalhar o trabalho, visto que se preocupavam muito nesse aspecto.

Ao final do livro, o estudioso aprofunda-se em um aspecto importante sobre Kiato. Visando exibir qual o processo histórico que levou aquele reino tornar-se totalmente civilizado. Teófilo deixa claro que por trás de toda essa civilidade e respeito aos padrões de higiene, há uma administração firme com seus compromissos, todavia esse governo passou por uma revolução após uma grande catástrofe causada pelo alcoolismo.

O livro narra que o Rei Pantaleão I era um alcoólatra e um dia, bastante embriagado disparou um tiro em um espírito que viu em sua casa. No outro dia, ele descobriu que teve uma alucinação causada por esse mal, o álcool, e na verdade ele havia matado sua filha, por engano.

Isso provocou uma enorme culpa no rei, que, primeiramente, decidiu largar o vício e, achou-se na obrigação de proibir o uso deste na sociedade Kiatense. Resolveu proibir, também, o uso de todas as drogas, como o tabaco, causando um conflito enorme no governo, principalmente com o parlamento.

A direção, mesmo contra a vontade popular, teve que ser firme e combater todos que fossem contra a sua reforma, até dissolver o parlamento. Houve uma forte guerra civil entre os que eram a favor da revolução do rei, e os que eram contra. Após muito conflito, o rei saiu vitorioso e e seus descendentes promoveram uma reforma, principalmente, no âmbito das leis e da saúde, isolando os doentes e punindo aqueles que colocassem em risco a saúde física e moral de Kiato.

É perceptível uma referência à Maquiavel, o Rei mesmo sendo tirano, agiu pensando no bem estar da população, ou seja, *"os fins justificam os meios"*. Teófilo era um leitor de Maquiavel, manifestando, mais uma vez que, o farmacêutico era a favor de uma gestão firme, que interviesse nos costumes da população, mesmo que isso não fosse aceito e entrasse em conflito.

É essencial, relacionar, o texto da obra a sua trajetória. Teófilo colocou como salvador de Kiato, um rei, e é fundamental, relembrar, que ele era monarquista e defendia a adminstração de D. Pedro II, mesmo após o inicio da república. O pensador era totalmente insatisfeito com o regime republicano, além da corrupção, ele acreditava que só o poder concentrado nas mãos de uma pessoa forte, poderia guiar a população para o progresso. Abaixo, veremos uma referência do autor a sua admiração pela administração real brasileira:

> Foi D. Pedro II, nosso grande amigo, quem encurtou com léguas a estrada da fome, encampando a Estrada de Ferro a Baturité em 1877; a elle é que se deve os retirantes não chegarem em via de morrer. É bom relembrar sempre esse favor do monarcha, que a nossa ingratidão desthronou e baniu. A nossa

> ingratidão é modo de dizer, pois a indisciplina das classes armadas foi que desthronou o imperador (TEÓFILO,1922A: 28).

Em *O reino de Kiato*, fica claro que para o autor, a idealização de uma sociedade totalmente civilizada, só é possível, por meio de, um governo forte, que tem como prioridade os padrões de higiene e o bem-estar da população.

Se olharmos para a crítica de Teófilo e sua idealização de civilização, observaremos que ele visava para o Ceará, um governo com aspectos biopolíticos, capaz de não só promover uma reforma na cidade e acabar com as calamidades, mas um que, conseguisse intervir nos costumes da população.

Para finalizar a obra, o escritor mostra que as diferenças entre os Kiatense e seus visitantes do navio de Paterson não conseguiram conviver em harmonia. Um dos passageiros foi flagrado bêbado, descumprindo o regulamento kiatense e obrigando o navio a ir embora.

Paterson fica tão encantado com Kiato, cogitando soluções para ficar. Tem a ideia de casar com uma, então, se tornaria cidadão de lá, entretanto, descobre que isso não é possível, por lei os cidadãos de Kiato não podem casar com estrangeiros.

Outro aspecto da biopolítica, o governo proibia que uma raça como os Kiatenses, superiores, não só nos costumes, mas também em seus corpos saudáveis, se misturasse com outros seres humanos. Tal modelo político-social não se baseia apenas na higiene, essa discussão na Europa também era pautada em aspectos com raça, principalmente a noção de eugenia.

Ao explanar e aprofundar essa obra, notamos que o farmacêutico encerra seu período de grande produção, não só com uma crítica a humanidade, mas também idealiza um modelo de gestão, regulamento, costumes e de população capaz de atingir o progresso.

Com uma escrita mais desenvolvida, em 1922, reparamos que o autor deixa claro o que ele realmente desejava para o Ceará, aparentando que nem mesmo os países ditos civilizados, como a “Inglaterra” eram capazes de atingir esse progresso tal qual ele descreve em Kiato.

A partir do detalhamento das obras estudadas nesse capítulo, compreendemos a diferenciação entre a realidade que Teófilo enxergava no Ceará e seu ideal de civilização.

Em *Memórias de um Engrossador*, o autor quis aparentar uma administração cearense que se aproxima bastante de suas denúncias em suas obras de memórias. Essa gestão corrupta, sem escrúpulos e distante de uma moral, não conseguia administrar sua população. Na

verdade, as ações do governo eram pensadas para uma minoria, prejudicando o povo, fazendo com, fossem um dos principais empecilhos para o desenvolvimento.

Enquanto o farmacêutico idealizava uma direção forte, que impôs leis e obrigou a população a se tornar civilizada, o outro não só não fazia isso, como tinha medidas que eram prejudiciais, principalmente, o desvio de verbas públicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi discorrido ao longo dessa dissertação, levantou-se novos parâmetros de discussão acerca da escrita já tão debatida de Rodolfo Teófilo, entretanto, trazendo um aspecto inovador, o caráter não só militante, mas que por trás da crítica a política cearense, exibia um desejo que, para o Ceará tornar-se civilizado, era preciso gerir a população, seus costumes e, principalmente, o investimento em corpos saudáveis através da saúde pública.

Seus escritos possuemm aspectos biopolíticos, porque trazem como temática central a saúde e o bem estar da população, não apenas no investimento e criação de locais de melhor atendimento, como também na prevenção das doenças, ou seja, transformando fenômenos naturais em sociais, possíveis de prevenir ao invés de remediar.

De fato, Fortaleza, lugar social vivido por esse autor, estava passando por uma série de transformações, que aparentavam o progresso da capital em relação ao desejo de tornar-se uma cidade aos moldes das civilizações europeias. A crítica de Teófilo gira em torno, especialmente, dos grupos políticos que assumiram o poder com a república e instauraram uma corrupção, que segundo ele, não era tão predominante no império.

O ápice dessa corrupção, em sua opinião, foi à oligarquia Acciolyna. Para expor isso, no primeiro capítulo, foi discorrido acerca de sua produção livreira a cerca do oligarca, na qual, conhecemos obras, que citam a oligarquia, como: *secas do Ceará e varíola* e *vacinação vol.1*. Também foram apresentadas as obras de cunho acusativo, como: *Violência*, *Varíola e Vacinação vol.2* e *Libertação do Ceará*.

A partir desse capítulo, foi exposto o início de sua escrita de cunho denunciativo, na qual, ele visava moralizar/conscientizar a população por meio das denúncias dos crimes cometidos pela oligarquia. Para, além disso, ele coloca em cheque a saúde, alegando que, se houvessem medidas preventivas, como a vacinação obrigatória, uma epidemia de varíola, como a de 1901, poderia ser evitada, ou seja, confirmando que a oligarquia não geria preventivamente a população, contudo, através de seus crimes ela fazia o oposto, “sugando” os cofres públicos e deixando a sociedade a mercê de uma calamidade.

No segundo capítulo, podemos ver dois fatores importantes para analisar a hipótese central do trabalho. Primeiramente, focamos que, após a oligarquia Acciolyna, ele continuou com sua crítica às gestões cearenses (*João Thomé e Liberato Barroso*). Em contrapartida, as gestões o apoiavam e parabenizavam por seu trabalho, mas mesmo assim, não satisfaziam o desejo de Teófilo, por um governo civilizado.

Expomos que, apesar de não ser um opositor, o mesmo, continuou a criticar e apontar qual seria a forma correta de administrar a população. O segundo fator é o aprofundamento de sua relação com as secas, como sabemos essa temática marca sua escrita desde o início da sua trajetória, através de obras como *História das Secas do Ceará A fome.*

No segundo capítulo, examinamos as obras *A Seca de 1915* e *A Seca de 1919*. Livros que, com uma escrita mais amadurecida, o autor traz, não só, críticas da má administração, que deveria ser preventiva, não só a descrição da realidade dos flagelados, que sofriam com a seca, como também, aponta soluções de curto e longo prazo para a estiagem, como por exemplo, a criação de açudes, leis que impedissem a exportação de mandioca, um alimento de longa durabilidade e acessível – para a questão da fome.

Nesses dois capítulos, foi possível avaliar como a crítica de Teófilo afigura aspectos biopolíticos, especialmente: a necessidade de intervenção do Estado nos costumes do povo, para solucionar problemas, como a criação de leis que obrigassem a vacinação contra a varíola e a regulamentação de alimentos em períodos de seca; o investimento do governo em obras preventivas contra as calamidades naturais, como epidemias e a seca, por meio de obras como hospitais e açudes; a politicagem cearense, que só prejudica a população, visto que as autoridades se interessavam mais no dinheiro e favorecimento público, do que resolver as necessidades sociais.

Para finalizar a dissertação, esclareceremos outro gênero da produção livreira de Teófilo. As obras ficcionais com temática "o governo", sendo elas *Memórias de um Engrossador* e *O Reino de Kiato*.

Na primeira, mostramos o enredo, que traz como assunto, a "politicagem" Cearense. É o retrato do modo que o autor enxergava o sistema político no Ceará, deixando claro, o quão distante esse modelo estava de uma administração que pudesse levar o Estado a uma civilização. Caracterizamos, então, um autor descrente, colocando o modelo civilizacional vigente como corruptor da humanidade.

Na segunda obra, o escritor discorre sobre o oposto, a sua idealização de civilização, a partir de um governo forte, que soube fazer uma revolução e com isso impor um controle social, trazendo progresso à civilização. Em Kiato, foram atingidos todos os parâmetros do progresso, seja na saúde, na qual, mesmo os cidadãos tendo corpos sadios, ainda haviam investimentos em hospitais, como por exemplo, a proibição de vícios, como o álcool e o tabaco.

Comparando as duas obras, compreendemos não só os aspectos de sua escrita biopolítica, mas o quão a realidade vivida por Teófilo, era distante do que ele visava como modelo.

Concluímos que, esse estudo trouxe uma contribuição relevante para entender esse farmacêutico, benemérito e estudioso, que marcou a história do Ceará, seja em sua escrita, seja em sua atuação.

Dessa forma, a dissertação aqui presente, problematiza a forma que os aspectos biopolíticos manifestam-se nos escritos de Teófilo, desde sua crítica até sua idealização. Contribuindo não só para a história cearense, como também caracterizando ainda mais a obra desse intelectual.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Manoel Fonseca de. **Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo**: a cidade e o campo na literatura naturalista cearense. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Dissertação de Mestrado em História Social, 2002.

ALENCAR, Maria Emilia da Silva. **À sombra das palavras:** a oligarquia e a imprensa (1896- 1912). Dissertação defendida no programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal do Ceará, 2008.

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. **A Fome, um romance do naturalismo**. 2007. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza-CE, 2007.

AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. **Barão de Studart**: memória da distinção. Fortaleza: Secretária de Cultura do Ceará, 2002.

ANDRADE, João Mendes de. A Oligarquia Acciolyna e a Política dos Presidentes de Províncias. In SOUZA, Simone (coord.) **História do Ceará.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. **A Trajetória da Indústria Têxtil no Ceará**: o setor de fiação e tecelagem 1880- 1950. Fortaleza: UFC/Stylus, 1989.

AZEVEDO, Rafael Sânzio de. **Breve História da Padaria Espiritual.** Fortaleza: Edições UFC, 2011.

BARBOSA, Francisco. **Caminhos da cura: as experiências dos moradores de Fortaleza com a saúde e a doença**. Tese (Doutorado em história social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

BARBOSA, José Policarpo de Araújo. **História da saúde pública do Ceará da Colônia a Vargas**. Fortaleza: UFC, 1994.

BARROS, José D'Assunção. Cidade, Espacialidade e Forma: considerações sobre a articulação de três noções fundamentais para a História Urbana. IN: **Lusíada História**, Série II, N.º 4. Lisboa: Universidade de Lusíada, 2007.

_____. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, v.12, n. 16. 2011.

_____. **Cidade e História.** Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

BARROSO, José Parsifal. **Uma História da Política do Ceará**: 1889- 1954. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1984.

BURKE, Peter. **Variedades da história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARDOSO, Ciro F. e MALERBA, Jurandir (Orgs.). **Representações**. Contribuição a um Debate Transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000.

CARDOSO, Gleudson Passos. Práticas Letradas e Urbanidades em Fortaleza. Capitalismo, Civilização e Tradução Cultural (1873 - 1919)" IN: **Anais do XIX Encontro Estadual de História do Ceará-ANPUH**, 2014.

_____**. "Bardos da Canalha, Quaresma de Desalentos"**: produção literária de trabalhadores em Fortaleza na Primeira República. Niterói: Departamento de história da UFF, 2009. (tese de Doutorado)

_____. **Padaria Espiritual**: biscoito fino e travoso. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e do Desporto, 2002.

_____; PONTE, Sebastião Rogério (orgs). **Padaria Espiritual**: vários olhares. Fortaleza: Armazém da Cultura. 2012.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 2011.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. **Proletários das secas**: arranjos e desarranjos nas fronteiras do trabalho (1877-1919). Fortaleza: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará. 2014

CASTRO, Lara. De Retirantes a Operários: trabalho, resistência e conflito nas obras contra as secas (1915-1919). IN**: Revista Perseu**, Nº 5, Ano 4, 2010

CERQUIGLINI, Bernard. Literatura (História) IN BURGIÈRE, André (org). **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1993.

CERTEAU, Michel de**. A Invenção do Cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. V.1

CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda e NEVES, Margarida de Souza (orgs). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora UNICAMP, 2005.

_____. **Cidade Febril**: cortiços epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

_____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São. Paulo, v.5, n.11, 1991.

_____; ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. IN: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novos Objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. Escutar os mortos com os olhos. **Revistas USP.** v. 24, n. 69 . 2010.

_____. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA, João (org). **Roger Chartier - A força das representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2013A.

_____. Aula inaugural do Collège de France. In: ROCHA, João (org). **Roger Chartier - A força das representações: história e ficção.** Chapecó: Argos, 2013B.

CORDEIRO, Celeste. **Antigos e Modernos:** progressismo e reação tradicionalista no Ceará Provincial. São Paulo: Annablume, 1997.

CORREIA, André Brayan Lima. **"As Crônicas de um Déspota"**: A análise das obras "O Oligarca do Ceará", "O Babaquara" e "Libertação do Ceará" sobre o governo Acciolyno na perspectiva da civilização e da governamentalidade. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará. (Monografia), 2013.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador:** uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v.1.

_____. **O Processo Civilizador**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v.2.

FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

FERREIRA, Antônio Celso. A fonte fecunda. IN: In: PINSKY, Carla Bassanezi;

LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009.

FERREIRA, Lara. Trabalhadores Retirantes na "Terra da Promessa". IN: **Anais do XXV Simpósio Nacional de História**, 2009.

FILGUEIRA, Maria Conceição Maciel. **Eloy de Souza**: uma interpretação sobre o Nordeste e os dilemas das secas. Natal: EDUFRN, 2011.

FILHO, Kleber Prado. **Michel Foucault**: uma história da governamentalidade. Rio deJaneiro: Insular e Achiamé, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organizaçao e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo, Loyola, 1996.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976); tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Segurança Território e População**. Curso dado no College de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes. Coleção tópicos, 2008 A.

_____. **Nascimento da Biopolítica**. Curso dado no College de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes. Coleção tópicos, 2008 B.

GADELHA, Georgina. **Sob o signo da distinção: formação e atuação da elite médica cearense** (1913-1948). Rio de Janeiro: Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa Oswaldo Cruz-Fiocruz, 2012.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. 2.ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1979.

HUNT, Lynn (org). **A Nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIMA, Aline Silva. **Um projeto de "combate às secas"**, os engenheiros civis e as obras públicas: Inspetoria de Obras contra as Secas – IOCS e a construção do Açude Tucunduba (1909-1919). Dissertação de mestrado. Fortaleza: UFC, 2010.

MARQUES. Eduardo Cesar. Da Higiene à Construção da Cidade: o estado e o saneamento no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: **Revista História, Ciências, Saúde- Manguinhos**; JUL-OCT, 1995.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

MONTEIRO, Charles. Entre História Urbana e História da Cidade: questões e debates. IN: Oficina do Historiador, Vol. 5, No 1. Porto Alegre: Revista Discente da Pós-graduação em História PUCRS, 2012.

MOREIRA, Harley. **Lourenço Filho, Rodolfo Teófilo e Gustavo Barroso**: a reinvenção do sertão cearense no início do século XX. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Dissertação de Mestrado em História, 2009.

MORAIS, Nágila Maia de. **Todo cais é uma saudade de pedra:** repressão e morte dos trabalhadores catraieiros (1903-1904). Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará, 2009.

NETO, Isac Ferreira do Vale. **Batalhas da memória:** a escrita militante de Rodolfo Teófilo. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Dissertação de Mestrado em História Social, 2006.

NETO, Lira. **O poder e a peste**: a vida de Rodolfo Teófilo. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

NEVES, Frederico de Castro. **A Multidão e a História:** saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. Caridade e Controle Social na Primeira República (Fortaleza, 1915). Rio de Janeiro: **Revista Estudos Históricos**, vol 27, nº 53, JAN-JUL, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy**. O imaginário da cidade.** Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____, *História **&** história cultural***.*** Belo. Horizonte: Autêntica, 2012.

PINHEIRO, Francisca Gabriela Bandeira. **"Não esperemos só pelação do governo, a calamidade é pública"**: a atuação do jornal O Nordeste no combate à lepra em Fortaleza (1922-1930). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, Monografia de graduação, 2013.

PINSKY, Carla. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque:** Reformas Urbanas e Controle Social (1860-1930). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993

RAMA, Angel. **A Cidade das Letras**. SP: Ed. Braziliense, 1985.

RODRIGUES, Antônio Edimilson Martins. **João do Rio**: a cidade e o poeta. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

PORTO, Eymard. **Babaquara, Chefetes e Cabroeira**. Fortaleza no Início do Século XX. Fortaleza: Coleção Teses Cearenses, 1993.

RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

ROZA, Monica Maria Raphael da. **A Linha do Lado de Fora**. Um Ensaio atual sobre a Noção de Saúde da Anatomopolítica à Biopolítica. Rio de Janeiro: Tese de doutorado da Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da FIOCRUZ, 2006.

SALES, Tibério Campos. **Medicina, associativismo e repressão:** O Centro Médico Cearense e a formação do campo profissional em Fortaleza (1928-1938). Fortaleza-CE; Dissertação de Mestrado em História pela UFC-CE, 2010.

SANTOS, Fábio Alexandre dos. **Domando águas**: salubridade e ocupação de espaços na cidade de São Paulo, 1875-1930. São Paulo: Alamenda, 2011.

SANTOS, Rone Eleandro dos. **Genealogia da Governamentalidade em Michel Foucault**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. Dissertação de Mestrado.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

_____. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

SILVA, José Borachiello da. **Quando os incomodados não se retiram**: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza, Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.

SOMBRA, Waldy. **A Guerra dos Panfletos:** Maloqueiros versus Cafinfins. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1998.

_____. **Rodolfo Teófilo**: o varão benemérito da pátria. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1999.

STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização**: São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TINHORÃO, José Ramos. **A Província e o Naturalismo**. Ed. Fac-similar. Fortaleza: NUDOC. UFC. 2006.

TRAVOSSO, Lidiany Soares Mota. Uma História Não Contada: o campo de concentração para flagelados de 1915 em Fortaleza - Ceará. IN: **Anais do V Colóquio de História da UNICAMP**, 2011.

VELHO, Otávio Guilherme (orgs). **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

FONTES

1. Obras de época de Rodolfo Teófilo.

TEÓFILO, Rodolfo. **Seccas do Ceara**: segunda metade do século XIX. Fortaleza: Typ. Moderna a Vapor, 1901.

_____. **Varíola e Vacinação no Ceará:** nos anos de 1905 a 1909. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910. Vol.2.

_____. **Memórias de um engrossador.** Lisboa: Tipografia A editora, 1912.

_____. **A Seca de 1919.** Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922A.

_____. **O Reino de Kiato**: no país da verdade. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, 1922B.

_____. **A Sedição do Juazeiro.** Fortaleza: Editora Terra do Sol, 1969. Edição fac-símile.

_____. **A Seca de 1915.** Fortaleza: Edições UFC, 1980. Edição fac-símile.

_____. **Varíola e Vacinação**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. Vol.01. Edição fac-símile.

_____. **Libertação do Ceará.** Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. Edição fac-símile.

_____. **Violência:** Liceu do Ceará. Fortaleza: SECULT, 2005. Edição fac-símile.

2. Outras obras de época

AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Fortaleza: SECULT/CE, 2010. Edição fac-símile.

PESSOA, Frota. **O Oligarca do Ceará**: a crônica de um déspota. Rio de Janeiro: tipográfia do Jornal do Commercio, 1910.

SOARES, Martim. **O Babaquara**: subsídios para a historia da oligarchia do Ceará. 1911.

2. Documentos do governo.

RELATÓRIO de Inspetoria de higiene. Fortaleza, [s.n.], 1906.

MENSAGENS dos Presidentes do Estado do Ceará. Fortaleza, [s.n.], 1900-1920.

RELATÓRIO da Inspetoria de Higiene do Ceará. Fortaleza, [s.n.], mai. 1915- abr. 1916.

RELATÓRIO da Diretoria Geral de Higiene Pública do Ceará. Fortaleza, [s.n.], mai. 1917-abr. 1918.

RELATÓRIO da Diretoria Geral de Higiene Pública do Ceará. Fortaleza, [s.n.], mai. 1918-abr. 1919.

REGULAMENTO da Diretoria Geral de Higiene Pública do Ceará. Fortaleza, [s.n.], 1918.

MENSAGENS do Presidente do Estado do Ceará. Fortaleza, [s.n.], 1915-1920.

3. Outras fontes

ALMANAQUE do Ceará. Fortaleza, [s.n.], 1909-1922.